



Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento – ICPD
Mestrado em Psicologia – Linha de Pesquisa: Psicologia e Educação

**Os Impactos das Imagens nas Relações dos/as Adolescentes com a
sua Aparência Corporal**

Vannini De Medeiros Mendes Ribeiro

Orientadora: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Brasília - DF

Setembro de 2021



Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento – ICPD
Mestrado em Psicologia – Linha de Pesquisa: Psicologia e Educação

**Os Impactos das Imagens nas Relações dos/as Adolescentes com a
sua Aparência Corporal**

Vannini De Medeiros Mendes Ribeiro

Orientadora: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Dissertação apresentada ao Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento – ICPD como requisito parcial à conclusão do Curso de Mestrado em Psicologia – Linha de Pesquisa: Psicologia e Educação.

Brasília - DF

Setembro de 2021

Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento

Dissertação submetida à seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Presidente

Profa. Dra. Luciana de Oliveira Campolina
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Membro Interno

Profa. Dra. Wilsa Maria Ramos
Universidade de Brasília - UnB
Membro Externo

Profa. Dra. Valéria Deusdará Mori
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Suplente

Resumo

Nas sociedades contemporâneas ocidentais, vivemos na era das imagens, onde quase tudo é perpassado por elas, desde assuntos políticos até a comercialização de produtos. A linguagem imagética disseminada através das tecnologias digitais percorre continentes, atuando nos modos dos indivíduos de pensar e de significar o mundo, bem como nas suas relações com a aparência corporal. Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa foi compreender como as imagens presentes na cultura digital afetam as relações dos/as adolescentes com a sua aparência corporal, a partir da perspectiva de estudantes do ensino médio. Trata-se de uma pesquisa que utilizou a metodologia qualitativa, com cinco adolescentes de ambos os gêneros, na faixa etária entre 15 e 17 anos que cursam o Ensino Médio em Brasília – DF e Fortaleza- CE, sendo quatro participantes estudantes de escola particular e uma estudante de escola pública. Os instrumentos utilizados foram: roteiro de entrevista semiestruturada com perguntas abertas, um vídeo retirado do *youtube*, e uma atividade que envolveu a criação de uma representação visual. A partir das falas dos/das participantes, ao longo das entrevistas, foi possível perceber maior insatisfação com a aparência corporal por parte das participantes do gênero feminino. Ademais, os/as participantes fizeram comentários relevantes sobre as imagens na promoção dos direitos humanos, e destacaram os benefícios e desafios da utilização das tecnologias digitais no contexto escolar. Foi possível perceber a importância da realização de mais pesquisas sobre como a linguagem visual participa do desenvolvimento dos/as adolescentes, tanto no âmbito da saúde mental, dos processos identitários, bem como em termos educacionais.

Palavras-chave: adolescentes; aparência corporal; cultura digital; imagens; padrões estéticos hegemônicos

Abstract

In contemporary Western societies, we live in the age of images, where almost everything is permeated by them, from political issues to the marketing of products. The imagetic language disseminated through digital technologies crosses continents, acting on individuals' ways of thinking and meaning the world, as well as on their relations with body appearance. Thus, the overall objective of this research was to understand how the images present in digital culture affect the relationships of adolescents with their body appearance, from the perspective of high school students. This is a research that used the qualitative methodology, with five adolescents of both genders, aged between 15 and 17 years old who attend high school in Brasília - DF and Fortaleza - CE, four participants being private school students and one public school student. The instruments used were: a semi-structured interview script with open questions, a video taken from youtube, and an activity that involved the creation of a visual representation. From what the participants said during the interviews, it was possible to notice a greater dissatisfaction with their body appearance on the part of the female participants. Moreover, the participants made relevant comments about images in the promotion of human rights and highlighted the benefits and challenges of the participation of digital technologies in the school context. It was possible to realize the importance of further research on how visual language participates in the development of adolescents, both in terms of mental health, identity processes, and education.

Keywords: adolescents; body appearance; digital culture; images; hegemonic aesthetic standards

Agradecimentos

Gostaria de iniciar os meus agradecimentos com uma citação de um dos autores que mais me inspirou durante a graduação em Psicologia e na construção de importantes discussões teóricas na construção de importantes discussões teóricas na presente dissertação”. “Nós nos tornamos nós mesmos através dos outros” (Vigotski, 1999, p. 56). Essa citação de Vigotski se refere a importância das relações sociais e das suas significações, que nos permitem experienciar e transformar a nossa existência.

Dessa forma, a citação de Vigotski mencionada anteriormente, me faz lembrar das pessoas que me inspiraram e contribuíram de alguma forma para que eu trilhasse a minha trajetória acadêmica, principalmente, nesses dois últimos anos. Preciso destacar que nesses últimos anos, mais precisamente a um ano e meio fomos surpreendidos por uma pandemia devido a Covid-19, que nos fez repensar e reinventar de alguma forma as nossas vidas, uma vez que tivemos que nos isolar, restringindo nosso contato físico. Entretanto, apesar do isolamento, o apoio do outro, que veio de diversas formas, foi fundamental para seguirmos em frente e termos força nesse árduo combate ao vírus. Assim, agradeço imensamente aqueles me proporcionaram suporte, principalmente, nos momentos mais difíceis durante a pandemia.

Primeiramente, agradeço aos meus pais, que me incentivam e me apoiam a ir atrás dos meus sonhos. Agradeço à minha mãe por ser uma pessoa meiga e ao mesmo tempo muito firme, que me fez companhia até nas madrugadas em que eu estava elaborando esta produção acadêmica, e que sempre segurou a minha mão nos momentos de alegria e de dificuldades. Agradeço ao meu pai, por todo empenho para que eu tivesse bons estudos e para que eu enxergasse que os estudos são uma de suas maiores heranças. Agradeço muito por ser filha de um pai, que me dá a esperança de que o

“*novo sempre vem*”, e que se interessa por diversos assuntos, sendo sempre muito solícito para discutir comigo o tema dessa Dissertação.

Agradeço à Cristilene Akiko Kimura, uma amiga muito querida e admirável. Sou muito grata por todo o seu carinho comigo e com a minha família, e por toda a sua atenção e cuidado com os meus estudos. Agradeço também ao Lucas Hiroshi, filho da Cristilene Akiko Kimura, por arrancar os meus sorrisos mais espontâneos e sinceros durante boa parte da minha trajetória acadêmica.

Agradeço às minhas tias da família Medeiros e da família Mendes Ribeiro, que sempre foram a minha inspiração. Tenho muito orgulho das minhas onze tias, por serem mulheres aguerridas e amorosas, e que sempre vibraram com as minhas conquistas. Agradeço, em especial, a minha tia Giorgionini Mendes Ribeiro (*in memoriam*) que transcendeu a matéria, e nos deixou em setembro de 2020. Tia, você está marcada na minha identidade, através das suas lutas que sempre fizeram sentido para mim, da sua coragem para lidar com as adversidades da vida e do seu amor ao próximo.

Agradeço aos meus avós maternos e paternos por todo amor, carinho e orações dirigidas a mim. Vovô Medeiros (*in memoriam*), você mora no meu coração, na minha memória e nos meus sonhos.

Agradeço as minhas amigas pelas nossas trocas envoltas de diversão, companheirismo, compreensão e de alguns conflitos que logo são resolvidos, mas que me enriquecem e me deixam mais leve e segura na minha caminhada. Agradeço em especial, à Beatriz Menezes, Liliane Mattos, Rosângela Lima, Jéssica D’Ávilla, Raisia Marques, Isabel Castelo Branco, Sarah Vasconcellos, Gabriella Lacerda, Paula Gaudard, Riane Serra, Carolina Diniz e Juliana Guimarães.

Agradeço aos meus/ minhas amigos/as do Mestrado, Juliane Obando, Isabella Alencar, Luciana Dantas, João Holanda e Roy Homero, por todo apoio e troca de

conhecimentos, que me ajudam constantemente a refletir sobre identidades sociais, diversidade e preconceito.

Agradeço aos/as participantes que aceitaram participar da pesquisa e contribuíram de forma significativa para a realização desta produção acadêmica. Vocês são os/as protagonistas deste trabalho.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES por fornecer apoio financeiro através da bolsa na modalidade taxa, o que possibilitou a minha dedicação para a elaboração da presente Dissertação.

Agradeço às professoras examinadoras por aceitarem o convite para compor a banca. Também agradeço pelas pontuações feitas no exame de qualificação, que possibilitaram o aprimoramento da presente Dissertação.

E, por fim, agradeço à minha professora orientadora Ana Flávia do Amaral Madureira, por toda dedicação, afeto e compreensão ao longo da nossa parceria acadêmica. Desde 2014, suas aulas e orientações foram para mim espaços de protagonismo, reflexão e apreensão de conhecimentos. Não canso de falar o quanto você me inspira, e o quanto o seu vasto conhecimento sobre o mundo das ideias, permite que nossas aulas e reuniões de orientação sejam sempre instigantes e muito prazerosas.

"O que esculpimos na carne humana é uma imagem da sociedade"

Mary Douglas

Sumário

| | |
|--|------------|
| Resumo..... | iv |
| Abstract..... | v |
| Agradecimentos..... | vi |
| Introdução..... | 1 |
| Objetivo Geral..... | 12 |
| Objetivos Específicos..... | 12 |
| 1. Psicologia Cultural, Processos de Desenvolvimento Humano e Criatividade..... | 13 |
| 2. Arte, Experiências Estéticas e as Representações Visuais..... | 23 |
| 2.1. Cultura digital, arte e contexto escolar..... | 31 |
| 3. Identidade, Corpo e Cultura na Contemporaneidade..... | 38 |
| 4. Padrões Estéticos Hegemônicos nas Sociedades Imagéticas Contemporâneas.... | 43 |
| 5. Metodologia..... | 50 |
| 5.1. Participantes..... | 56 |
| 5.2. Materiais e instrumentos..... | 57 |
| 5.3. Procedimentos de construção de informações..... | 57 |
| 5.4. Procedimentos de análise..... | 59 |
| 6. Resultados e Discussão..... | 61 |
| 6.1. Cultura digital, imagens e aparência corporal..... | 61 |
| 6.2. A arte e suas implicações educacionais na percepção dos/as adolescentes.. | 84 |
| 6.3. Filmes, série e romances na promoção dos direitos humanos..... | 92 |
| Considerações Finais..... | 101 |
| Referências..... | 105 |
| Anexos..... | 117 |

| | |
|--|-----|
| Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (para os/as estudantes maiores de idade)..... | 119 |
| Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (para os/as responsáveis legais dos/as estudantes menores de idade)..... | 123 |
| Anexo C – Termo de Assentimento (para os/as estudantes menores de idade).. | 126 |
| Anexo D – Roteiro de entrevista e vídeo selecionado..... | 129 |
| Anexo E – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa..... | 133 |

Lista de Tabelas

| | | |
|----------|---------------------------|----|
| Tabela 1 | Participantes da pesquisa | 56 |
|----------|---------------------------|----|

Introdução

As problematizações acerca do culto ao corpo, relacionado ao discurso midiático e tecnológico presente nas sociedades contemporâneas, me desperta o interesse em realizar pesquisas sobre o tema desde 2014, durante a minha Graduação em Psicologia no UniCEUB. O fato de ter nascido em uma geração considerada a geração dos nativos digitais, também me motiva na contínua investigação acerca do presente tema, uma vez que tenho a oportunidade de vivenciar o surgimento e o desenvolvimento de algumas tecnologias da informação e comunicação, e posso experimentar no meu cotidiano as criações e as relações interpessoais que o mundo virtual e os recursos midiáticos proporcionam.

As imagens e os demais artefatos culturais presentes no mundo virtual, perpassados pelos diversos discursos midiáticos, me chamam a atenção, em relação a como os seres humanos atribuem significados ao que percebem sobre tais meios de comunicação e formas de linguagens, principalmente, em relação às significações acerca da corporeidade.

Dessa forma, na Graduação em Psicologia, ao cursar as disciplinas de pesquisa como Estágio Básico II, Produção de Artigo e Fórum de Debates III, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira, procurei analisar o tema “Feminilidade, mídia e corporeidade”. Os estudos realizados me possibilitaram adquirir conhecimentos, a partir da perspectiva de mulheres jovens, sobre como os padrões estéticos hegemônicos são disseminados através dos meios de comunicação e quais são suas implicações diante das expectativas sociais e culturais, existentes na sociedade brasileira contemporânea.

Ademais, os estudos realizados anteriormente me deram subsídios para produzir a Monografia intitulada “A Psicologia Clínica e a Prevenção das Doenças da Beleza na Sociedade Brasileira Contemporânea”, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira. Dessa forma, investiguei a percepção de psicólogos/as clínicos/as acerca da prevenção das doenças da beleza, as quais são doenças relacionadas à percepção da autoimagem, associadas à insatisfação com a aparência corporal.

Como o conhecimento nunca se esgota, as pesquisas que realizei “abriram portas e janelas” para que eu pudesse investigar o tema sob diferentes enfoques. Na presente pesquisa, tenho como foco de análise os impactos das imagens presentes na cultura digital na relação do/a adolescente com a sua aparência corporal e suas implicações no contexto escolar. Dessa forma, as investigações a partir das diferentes perspectivas acerca da corporeidade e dos discursos midiáticos na contemporaneidade, estão relacionadas à “corpolatria” ser considerada uma característica marcante nas sociedades ocidentais na atualidade, uma vez que padrões estéticos corporais são constantemente disseminados através das representações visuais veiculadas pelos diversos meios de comunicação (Ribeiro, 2016).

Nesse sentido, destaco no presente estudos, as imagens enquanto representações visuais, caracterizadas pelos desenhos, pinturas, modelagens 3D, fotografias etc. (Santaella, 2012). Tais representações visuais estão presentes dentro e fora do contexto digital, e atuam tanto na expansão da nossa capacidade perceptiva, quanto na criação de necessidades de consumo de produtos, estilos de vida, tendências da moda, dentre outras formas de atuar no mundo (Ribeiro, 2016).

Sabe-se que, na contemporaneidade, recebemos diversas informações advindas de diferentes lugares do mundo, principalmente através dos discursos difundidos pela mídia, disseminado por aparatos tecnológicos como *smartphones*, *ipads*, *tablets*, dentre

outros, que adentram o cotidiano das pessoas, sobretudo através das imagens disponibilizadas no contexto da cultura digital (Ribeiro, 2016; Maciel, 2013).

Nesse aspecto, cabe esclarecer que a cultura digital corresponde às articulações entre as tecnologias da informação e comunicação (TICs) e o meio social, e acontece em um ciberespaço, em que o ser humano “concretiza suas ações nas imagens, linguagens, símbolos, programas, que buscam contextualizar, dar voz às suas emoções, cultura e vivências” (Silva, Teixeira & Freitas, 2015, p.188).

Dessa forma, o desenvolvimento tecnológico acelerado evidencia as imagens vinculadas às tecnologias da informação e comunicação (TICs), nas quais se apresentam como uma forma de linguagem em constante expansão (Martins et al, 2009). Tal linguagem vêm ocupando diversos espaços dentro e fora dos contextos digitais, estando envolvida no “delineamento dos modos de pensar e nas construções do universo das representações mentais dos seres humanos” (Martins et al, 2009, p.5).

Nesse sentido, as imagens, enquanto uma forma de linguagem, estão presentes como elementos da construção de significados dos indivíduos desde a Pré-História, como, por exemplo, os desenhos nas cavernas, os quais exerceram um importante papel para a comunicação dos seres humanos, sendo considerados precursores da escrita (Giroux e Maclaren, 1995; Joly, 2012).

Todavia, no cotidiano das sociedades contemporâneas, o excesso de representações visuais, muitas vezes, veiculadas pelos meios de comunicação de massa, são repletas de ideologias, que não apresentam apenas produtos, mas transmitem crenças, valores, concepções de mundo (Santaella, 2012). Desse modo, as imagens podem atingir as pessoas em suas vontades, desejos e ações, com o intuito que elas não somente se convençam, mas que compreendam que essas ideias podem vir a ser únicas e verdadeiras (Ribeiro, 2016; Silva, 2010).

Seguindo nessa discussão, Santaella (2012) discute que os elementos estético-visuais são utilizados como uma forma de expressão humana, e são intencionalmente criados por seres humanos em determinados contextos histórico-culturais. Assim, destaca-se que as representações visuais podem ser criadas e utilizadas para além das finalidades artísticas, podendo ser utilizadas também para representar fatores culturais que expressam o que determinadas sociedades acreditam e praticam (Freitas, 2010).

Atualmente, vivemos no contexto de sociedades imagéticas, proporcionada pelos avanços tecnológicos. O universo cibernético das mídias sociais permite o compartilhamento de diversos modos de pensar, atitudes, valores, crenças, dentre outros aspectos e conteúdos que perpassam as imagens difundidas (Fajwaks, 2018).

Segundo Moya Recalde (2016), as tecnologias digitais promovem uma abertura informacional de conteúdo, que percorrem o planeta, e que possibilitam mudanças nas interações sociais e na percepção de mundo das pessoas. Cabe destacar que os aparatos tecnológicos se articulam com o meio social, econômico, político, cultural e familiar, e proporcionam a emergência de formas simbólicas e a produção de trocas simultâneas entre os indivíduos e os dispositivos (Moya Recalde, 2016).

Desse modo, Vilarinho e Ferreira (2013) comentam que “o ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores e propicia, com grande atratividade, a adesão de sujeitos das diversas faixas etárias e classes sociais” (p. 193). Contudo, salienta-se que no Brasil, os adolescentes e jovens estão em constante contato com as tecnologias digitais, constituindo um grupo que possui um alto índice de uso da internet, principalmente os adolescentes na faixa etária entre os 15 a 17 anos (Tavares & Melo, 2019).

Dessa forma, os adolescentes e jovens participam da cibercultura, que se caracteriza pelas práticas comunicacionais habituais através da utilização da internet,

bem como assistir e produzir vídeos no *YouTube*, enviar e receber e-mails, manter conversas no *Whatsapp*, compartilhar músicas, imagens e interagir socialmente em comunidades virtuais de seu interesse, principalmente através das redes sociais online, como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* (Tavares & Melo, 2019).

Segundo Fajwaks (2018), o universo digital para os adolescentes se torna um espaço de expressão das suas vivências, protagonismos e de contínua construção da sua identidade. No entanto, uma vez que a acessibilidade às informações é ampliada, de forma que não se tem controle do compartilhamento das informações armazenadas nos espaços digitais, consequências preocupantes podem ocorrer pela possibilidade de disseminação dos conteúdos para além dos grupos sociais que se deseja interagir (Fajwaks, 2018).

No ano de 2020, foi lançado o documentário intitulado *o dilema das redes*, na plataforma de filmes e séries Netflix. Esse documentário apresenta como as nossas interações a partir do uso das tecnologias digitais são conduzidas por sistemas de inteligência artificial, bem como os algoritmos, os quais são desenvolvidos para captar e analisar um vasto número de dados, que podem prever os nossos comportamentos diante das redes sociais (Dias, 2020). Nesse sentido, é possível que os algoritmos possam saber muitas informações sobre nós, podendo influenciar nossas escolhas e comportamentos.

Para Dias (2020), quanto mais tempo nos engajamos com os conteúdos disponíveis nas redes, maiores são as chances de consumirmos anúncios, uma vez que as tecnologias digitais possuem mecanismos de persuasão, que podem nos induzir a consumir produtos e estilos de vida que estão disponíveis no mundo virtual. Com isso, alguns dilemas surgiram, visto que a partir das atividades dos algoritmos, os conteúdos disponibilizados começaram a ficar, cada vez mais, personalizados.

Nesse aspecto, percebe-se que os usuários começam a ficar mais separados, podendo não se relacionar com outros grupos. Dessa forma, existe a possibilidade de tornar a sociedade mais polarizada, podendo criar distanciamentos sociais, comprometendo o diálogo entre os indivíduos. Assim, é importante estar atento as interações sociais ao mundo virtual, visto que pode haver riscos ao nosso bem-estar e a nossa integridade (Dias, 2020).

A pesquisa *TIC Kids Online* desenvolvida pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC)¹, com o intuito de investigar a percepção de crianças e adolescentes brasileiros/as entre 9 e 17 anos a respeito da segurança online, bem como os riscos e danos da participação online de crianças e adolescentes, identificou, em uma pesquisa em âmbito nacional, que em 2019, 43% das crianças e dos adolescentes de 9 a 17 anos viram alguém ser discriminado na Internet. 7% da população nessa faixa etária reportou ter se sentido discriminado na Internet.

Segundo o público feminino entrevistado, os motivos pelos quais acontecem são pela cor ou raça (33%), pela aparência física (26 %), por gostar de pessoas do mesmo sexo (21%), pela religião (15%). Para o público masculino entrevistado, os motivos pelos quais acontecem são pela cor ou raça (20%), pela aparência física (15 %), por gostar de pessoas do mesmo sexo (9%), pela religião (7%). Ademais, 49% das meninas entrevistadas relataram que testemunharam práticas de discriminação na Internet mais de uma vez por dia, e 61% dos meninos relataram que testemunharam práticas de discriminação na Internet mais de uma vez por dia.

Nesse aspecto, ressalta-se o discurso voltado às homogeneizações dos estilos de vida, que levam a uma predileção por signos normativos e direciona à segregação em

¹ Fonte: CGL.BR/NIC.BR, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) disponível em: <http://cetic.br/pt/arquivos/kidsonline/2019/criancas>

relação a aqueles/as que são representados/as socialmente como “diferentes”, bem como pessoas com necessidades especiais ou que possuem marcas corporais que não correspondem ao padrão estético hegemônico vigente na sociedade (Fajwaks, 2018).

Desse modo, um indivíduo que possui características consideradas “diferentes”, acaba, muitas vezes, por ser pouco ou não aceito por grupos que ele deseja se sentir inserido, mas que, no entanto, não conseguem valorizar características e atributos de pessoas que não se assemelham a seu grupo (Melo, 2000). Nesse sentido, o sujeito considerado “diferente”, passa a ser estigmatizado, uma vez que deixa de ser considerado como pessoa na sua totalidade e acaba por ser reduzido a um sujeito “incapaz” e/ou “impotente” por parte de determinados grupos sociais (Melo, 2000).

Melo (2000) comenta que para aqueles que são “estigmatizados, a sociedade reduz as oportunidades, não atribui valor, impõe a perda da identidade social e determina uma imagem deteriorada, de acordo com o modelo que convém à sociedade” (p.2). Nesse aspecto, o estigma atribui aos indivíduos posições de desvantagem em relação aos/as outros/as, produzindo descrença na vida das pessoas (Goffman, 1993).

Tendo isso em vista, no que se refere aos padrões estéticos hegemônicos, sabe-se que existe uma predileção social por determinados padrões de beleza e a desvalorização de outros, algo que mobiliza sentimentos negativos nos indivíduos a respeito da autoimagem, ocasionando prejuízos e limitações em suas vidas (Ribeiro, 2016; Severiano et al, 2010). Desse modo, Le Breton (2007) destaca que “os estereótipos se fixam com predileção sobre as aparências físicas e as transformam naturalmente em estigmas, em marcas fatais de imperfeição moral ou de pertencimento de raça” (p.78). Percebe-se que, nas sociedades contemporâneas, existem ideologias que atuam como divisores sociais e estigmatizam as pessoas de acordo com o modelo que sustenta a manutenção do *status quo* (Ribeiro, 2016).

Nesse sentido, Novaes (2006) discute que redes sociais oferecem para os/as seus usuários, imagens de seus próprios corpos e investem na relação entre a representação do corpo e o olhar do/a outro/a, que opera na construção da autoestima e da autoimagem, sendo: “tanto um eixo de construção como lugar de contradições inibidoras devido ao poder de coação social voltado para suas dimensões mentais, afetivas e sociais” (Durif, 1990 citado por Novaes, 2006, p. 5).

Contudo, a mídia também pode ter finalidades educacionais, visto que pode ser utilizada com o intuito de noticiar importantes acontecimentos e estimular reflexões e análises críticas sobre momentos históricos e determinadas situações do cotidiano, através de recursos visuais e audiovisuais, bem como séries, filmes e campanhas (Ribeiro, 2016). Assim, Ribeiro (2016) ao comentar sobre a mídia enquanto uma importante ferramenta social, destaca que:

(...) embora a mídia seja considerada como uma importante ferramenta social, no sentido de produzir e reproduzir (elementos) dominantes de significação e interpretação do mundo, os indivíduos são capazes de transformar o que se apreende e o que transmite nos seus meios sociais. Não sendo, portanto, apenas espectadores e reprodutores passivos das mensagens que recebe e repassa (p. 20).

Nessa direção, destaco que o meu interesse em pesquisar a respeito do uso das imagens na cultura digital está em compreender suas implicações na relação dos/as adolescentes com a sua aparência corporal, uma vez que existem diversas possibilidades de acessar e interpretar a pluralidade de imagens disponibilizadas por meio dos aparatos tecnológicos. Nesse sentido, a pluralidade de imagens presentes na cultura digital estão,

por um lado, possibilitando o protagonismo dos/as adolescentes através dos seus compartilhamentos de diferentes modos de pensar, de atitudes, valores, crenças etc. No entanto, podem também gerar riscos à segurança e à saúde mental e física dos/as adolescentes, por estarem, cada vez mais, expostos a inúmeros conteúdos, discursos e imagens que podem ser prejudiciais ao seu desenvolvimento psicológico e físico.

Desse modo, diante do que foi exposto, foi delimitado o seguinte o problema de pesquisa: De que forma as imagens presentes na cultura digital impactam a relação dos(as) adolescentes com a sua aparência corporal?

Sendo assim, ressalto a importância de desenvolver discussões que destaquem o contexto escolar, visto que a escola é um dos espaços sociais importantes nas sociedades letradas, em que ocorrem processos de desenvolvimento humano, bem como apresenta a potencialidade de promover mudanças, na direção de uma sociedade mais justa, igualitária, que respeite e valorize a diversidade.

Nesse aspecto, Marques e Castanho (2011) desenvolveram uma pesquisa a partir do método qualitativo, uma pesquisa participante, com observações de campo, entrevistas e produções diversificadas, com participantes na faixa etária entre 10 e 13 anos, do Ensino Fundamental II de escolas públicas, em um espaço de um projeto de educação não formal, em uma comunidade da periferia de São Paulo. A pesquisa discute o que é a escola a partir dos sentidos atribuídos por estudantes, e destaca que o desenvolvimento de análises acerca da percepção dos/das estudantes é essencial para se refletir sobre os desafios envolvidos no acesso à educação escolar de qualidade em nosso país.

Desse modo, as autoras se referem a uma educação que invista em recursos que envolvam a utilização de materiais adequados e a capacitação de profissionais para que seja possível promover processos educacionais que mobilizem os/as estudantes,

cognitivamente e afetivamente, de forma que tanto o ensino e a aprendizagem quanto suas relações sociais no ambiente escolar sejam mais significativas e façam mais sentido em suas vidas, para que possam ter mais satisfação e possam ter acesso a uma educação de qualidade (Marques & Castanho, 2011).

Tendo isso em vista, as escolas cumprem um papel estratégico na formação das crianças e dos adolescentes, ou seja, das novas gerações. O contexto escolar, através de estratégias de intervenção pedagógica pode tornar os indivíduos mais conscientes de si e do contexto social em que estão inseridos. Por exemplo: ao promover espaços dialógicos voltados a discussões e debates sobre temas que envolvem os processos de desenvolvimento humano, bem como temas que discutem questões identitárias, equidade, cultura, política, promoção da valorização da diversidade e problematizações acerca das raízes histórico-culturais e afetivas dos preconceitos (Madureira, 2013; Marques & Castanho, 2011).

Desse modo, a partir da complexidade e relevância do tema focalizado na presente Dissertação, realizei uma busca eletrônica de artigos, teses, dissertações, monografias e capítulos de livros, para a elaboração da fundamentação teórica. Algumas fontes bibliográficas estão indexadas em quatro bases de dados: Scielo; Google Scholar; BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações) e Biblioteca do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB. Para a busca eletrônica nas bases de dados selecionadas, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: imagens, adolescência, aparência corporal, juventude, cultura digital, ciberespaço. Além disso, cabe destacar que foram pesquisados capítulos de livros e artigos fora das bases de dados.

Esta pesquisa foi realizada com adolescentes de ambos os gêneros que cursavam o Ensino Médio em escolas públicas e privadas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou como instrumentos um roteiro de entrevista semiestruturada

com questões abertas, um vídeo retirado do *YouTube* sobre estereótipos e preconceito, e uma atividade que envolveu a criação de uma representação visual estática e/ ou em movimento (como, por exemplo, desenho, pintura, fotografia, colagem) acerca do cotidiano escolar, dos/as adolescentes, seus sentimentos acerca da cultura digital, e sobre os sonhos dos adolescentes sobre o futuro. O vídeo e a atividade que envolveu a criação de uma representação visual possibilitaram que os/as adolescentes expressassem suas percepções e sentimentos sobre o tema da pesquisa, tanto através da linguagem verbal quanto da linguagem visual.

A seguir será apresentada a discussão teórica a partir das ideias de autoras e autores que contribuíram de forma significativa para a compreensão do tema desta pesquisa. A discussão teórica foi dividida em quatro seções. Na primeira seção será apresentada discussões acerca da psicologia cultural, processos de desenvolvimento humano e criatividade. Na segunda seção será abordado discussões sobre arte, experiência estética e as representações visuais. A segunda seção contará com uma subseção que traz discussões sobre cultura digital, novas ecologias de aprendizagem e contexto escolar. Na terceira sessão, será apresentada discussões sobre identidade, corpo e cultura na contemporaneidade. Na quarta sessão, será discutido sobre padrões estéticos hegemônicos nas sociedades imagéticas contemporâneas.

Posteriormente a apresentação da teoria e dos pressupostos epistemológicos que embasaram a presente pesquisa, será apresentado sobre como ocorreu a pesquisa de campo a partir da descrição metodológica. Em seguida, será apresentado os resultados e discussão sobre os pontos mais significativos das entrevistas. Por fim, será apresentada as considerações finais com reflexões sobre as contribuições centrais da pesquisa.

Objetivo Geral:

- Compreender como as imagens presentes na cultura digital afetam as relações dos/as adolescentes com a sua aparência corporal, a partir da perspectiva de estudantes do ensino médio.

Objetivos Específicos:

- Analisar os significados atribuídos por estudantes do ensino médio em relação às representações visuais presentes na cultura digital e suas possíveis implicações subjetivas no que se refere à aparência corporal.
- Analisar as crenças de estudantes do ensino médio em relação a como as experiências estéticas e a cultura digital podem ser contempladas nas práticas pedagógicas cotidianas que ocorrem no contexto escolar.
- Compreender as crenças dos/as estudantes do ensino médio quanto aos processos de socialização mediados pelas imagens difundidas na cultura digital

1. Psicologia Cultural, Processos de Desenvolvimento Humano e Criatividade

O que é (um ser humano)? Para Hegel, ele é um sujeito lógico.

Para Pavlov, é uma soma, um organismo. Para nós, (um ser humano) é uma pessoa social: um agregado de relações sociais, encarnado em um indivíduo.

(Vigotski, 2000, p. 33)

Atualmente, vivemos em sociedades em que o uso de aparatos tecnológicos (como *smartphones*, internet, televisores, computadores, dentre outros) acontece de forma frequente e massiva. O uso da tecnologia digital vem transformando a vida dos sujeitos em diversos aspectos, bem como na economia, educação, estilos de vida etc. Tais aparatos tecnológicos promovem modificações na vida dos seres humanos, uma vez que são artefatos culturais, ou seja, são produções materiais e simbólicas desenvolvidas por seres humanos e que estão presentes nas relações sociais dos indivíduos em diversos contextos culturais, orientando seus pensamentos, modos de ser etc.

As transformações que tais aparatos tecnológicos promovem na vida dos seres humanos acontecem a partir das significações que os indivíduos inseridos em determinados contextos sociais e culturais atribuem ao uso de tais aparatos tecnológicos. Castells (1999) discute que a sociedade da informação facilita o rompimento de fronteiras, sendo importante para a reorganização das relações sociais e da dinamização da economia, em que novas oportunidades no mercado de trabalho surgem através do avanço tecnológico.

Nesse aspecto, as relações sociais se modificam e continuam a se modificar a partir da cultura digital, que possui forte influência na forma dos seres humanos de pensar, de se vestir e de se relacionar com o corpo na contemporaneidade.

Pino (2000), ao discutir em seu artigo, o trabalho “Manuscrito” de Vigotski, destaca que o autor considera a cultura como “um produto, ao mesmo tempo, da vida social e da atividade social do homem” (Vigotski, 1997 citado por Pino, 2000, p.54). O autor se refere à cultura como o resultado tanto da dinâmica das complexas relações sociais, que caracterizam as sociedades quanto do trabalho social, a partir da mediação semiótica que permite aos indivíduos a atribuição de significados (Pino, 2000). Nessa perspectiva, Madureira e Branco (2005) discutem que a cultura pode ser compreendida como:

(...) um sistema aberto que engloba a produção humana e os processos de significação nos seus mais diversos níveis: instrumentos técnicos e tecnológicos, estruturas arquitetônicas, produções artísticas, científicas, filosóficas (produtos culturais), processos de construção de significados, crenças e valores (processos culturais). A emergência da cultura – relacionada ao advento do trabalho social e da linguagem – propiciou ao ser humano a possibilidade de um aprendizado coletivo, que é transmitido através das gerações, mediante um processo dialético entre estabilidade e transformação (p. 101).

As autoras consideram que a cultura promove transformações nos indivíduos e grupos sociais, através do compartilhamento de práticas e conhecimentos transgeracionais, ao passo em que também é transformada pelas ações criativas dos sujeitos (Madureira & Branco, 2005, 2012). Desse modo, percebe-se, a característica eminentemente heterogênea e dinâmica da cultura, uma vez que as mensagens culturais “são constantemente reelaboradas, modificadas e retificadas nas interações cotidianas

entre indivíduos, orientando as interações entre os sujeitos e os contextos sociais”
(Holanda, 2020, p. 18).

A Psicologia Cultural, enquanto perspectiva teórica, destaca a participação ativa dos sujeitos na construção da cultura. Para Valsiner (2012) a cultura é entendida como um processo, não sendo algo fixo que determina os pensamentos, sentimentos e as ações dos indivíduos. Nesse sentido, a partir do desenvolvimento de diversas discussões teóricas, Valsiner (2012), propõe o *modelo de transferência cultural bidirecional*, que se baseia no pressuposto de que, na transmissão cultural de conhecimentos, crenças e valores, os sujeitos estão de forma ativa, transformando, de formas distintas, as mensagens culturais que recebem.

Dessa forma, os indivíduos contribuem, em alguma instância, com a transformação do que apreende e do que transmite para outras pessoas do seu meio social, não sendo apenas um espectador e reproduzidor passivo das mensagens culturais que recebe (Valsiner, 2012). Ou seja, as mensagens culturais não são “absorvidas” pelo sujeito de uma forma passiva, mas ocorre através de uma constante relação entre a manutenção da estabilidade e a transformação da cultura (Madureira, 2007).

Para Valsiner (2012), a cultura se refere aos processos através dos quais as pessoas não apenas se relacionam com seus meios sociais, mas também consigo mesmas, através da mediação de signos. Nessa perspectiva, o *modelo de transferência cultural bidirecional* destaca os instrumentos de mediação semiótica, os quais são percebidos como guias sociais, que permitem a construção pessoal de significados, ao mesmo tempo em que possibilitam a modificação das práticas e bens simbólicos oferecidos pela cultura coletiva (Valsiner, 2012).

Vigotski (1996) ao discutir sobre as funções psicológicas elementares, que são de ordem biológica, e sobre as funções psicológicas superiores tipicamente humanas, de

origem sociocultural, destaca que os signos são ferramentas que auxiliam as tarefas psicológicas e atuam como um estímulo sobre as funções psíquicas, transformando suas expressões espontâneas, naturais, em expressões culturais, conferindo novos atributos às funções psíquicas (Vigotski, 1996; Martins, 2013). Dessa forma, a interação dos signos com as funções psicológicas, possibilita que o funcionamento do psiquismo humano adquira uma característica “qualitativamente superior e liberta tanto dos determinismos biológicos quanto do contexto imediato de ação” (Martins, 2013, p.133).

Tendo isso em vista, Valsiner (2007) discute que as experiências humanas são semioticamente mediadas e as nossas relações sociais, nossos posicionamentos em relação às nossas vivências, envolvem aspectos tanto linguísticos, quanto cognitivos e afetivos. Para Branco (2012) a mediação semiótica possibilita ao ser humano criar novos sentidos, tanto no campo das reflexões e cognição quanto no campo que envolve as emoções e afetos. Assim, os autores destacam que os processos psicológicos, bem como os afetos, pensamentos, ações e a imaginação, que constituem dimensões complexas dos indivíduos, são semioticamente mediados.

Percebe-se que a Psicologia Cultural apresenta contribuições do aporte teórico desenvolvido por Charles Peirce, fundador da ciência dos signos, a semiótica (Valsiner, 2012), uma vez que a Psicologia Cultural considera que os signos são construídos por mentes e que as mentes atuam também através de signos. Assim, a mediação semiótica é um princípio explicativo de fundamental importância na análise das funções psicológicas superiores, que atuam e se desenvolvem nas esferas intrapsicológicas e interpsicológicas (Branco & Valsiner, 2012).

Cabe destacar que para a Psicologia Cultural, não se entende a cultura como algo externo que atua sobre os indivíduos, a cultura é entendida como pertencente ao sistema psicológico (Valsiner, 2012; Madureira & Branco, 2012). Dessa forma, ao passo em que

os indivíduos se relacionam com os seus meios sociais, a cultura fornece ferramentas que orientarão os modos pelos quais os indivíduos irão falar, pensar, agir e sentir (Holanda, 2020).

Nessa direção, Pino (2000) destaca que as funções psicológicas superiores para Vigotski, “são função da significação que as múltiplas relações sociais têm para cada um dos envolvidos nelas, com todas as contradições e conflitos que elas envolvem em determinadas condições sociais” (Pino, 2000, p. 70). Ou seja, Vigotski considera o psiquismo como um conjunto de funções de cunho cultural, sem deixar de considerar suas funções biológicas. O autor considera o psiquismo como uma instância dinâmica, que está sempre se (re)elaborando, em constante movimento (Pino, 2000). Nesse sentido, Pino (2000) discute que:

(..) a criação ininterrupta do velho no novo, do significado dado na flutuação do sentido. Entendido assim, o termo função permite ver as “funções mentais” de que fala Vigotski como um acontecer permanente. Conservando um certo grau de consistência e de continuidade, apresentam-se sempre sob o signo do novo. É claro que a capacidade de pensar, de falar, de registrar em memória etc. são funções permanentes da pessoa, mas sujeitas às leis históricas das condições da sua produção: produção da fala, das idéias, das lembranças etc. Essas funções são, portanto, função dessas condições de produção, as quais não permanecem sempre necessariamente as mesmas. (...) Em cada instante algo novo está prestes a emergir. (...). Assim, as funções de pensar, de falar, de rememorar concretizam no ato de pensar, de falar ou de rememorar alguma coisa cuja significação pode não ser a mesma em cada instante (p. 70).

Desse modo, percebe-se que o termo função permite a relação entre as conquistas da espécie humana no decorrer da sua história filogenética e ontogenética (Pino, 2000). Ademais, é importante destacar que embora as leis históricas que constituem as funções psicológicas superiores sejam as mesmas, a maneira como elas operam varia de pessoa para pessoa, uma vez que os processos semióticos, que se referem a conversão do social em pessoal, possibilitam aos indivíduos a significação pessoal das ideias, das palavras, dos sentimentos, das lembranças, dos sonhos etc. (Pino, 2000).

Nesse sentido, através dos signos, os seres humanos são capazes de se distanciar dos contextos sociais em que estão concretamente inseridos, possibilitando uma relação que transcende o “aqui -e -agora”, tanto no nível interpsicológico, como no nível intrapsicológico (Valsiner, 2012). Nesse aspecto, a mediação semiótica atua no fluxo irreversível do tempo, permitindo reflexões sobre o passado, sobre os contextos vivenciados no momento imediato, sobre o futuro, bem como a compreensão sobre a perspectiva de outras pessoas, ou seja, como a empatia, a capacidade de se colocar no lugar do outro (Valsiner, 2012).

Nessa direção, a Psicologia Cultural considera a relação entre a cultura e o desenvolvimento humano, a partir do conceito da canalização cultural, que “representa o principal mecanismo através do qual se dá a transmissão cultural, a inserção do indivíduo no universo de significados e valores típicos da cultura em que vive” (Branco & Mettel, 1995, p. 14). Assim, a Psicologia Cultural compreende que os fatores socioculturais são de suma importância no desenvolvimento de cada indivíduo, visto que os processos culturais, possibilitam a constante e contínua produção de significados (Branco & Valsiner, 2012)

Desse modo, Mota (2005) discute que as investigações sobre os processos de desenvolvimento humano têm como objeto de estudo as mudanças que ocorrem ao longo da vida dos seres humanos e envolvem “o estudo de variáveis afetivas, cognitivas, sociais e biológicas em todo ciclo da vida. Desta forma faz-se necessária a interface com diversas áreas do conhecimento como: a biologia, antropologia, sociologia, educação, medicina entre outras” (Mota, 2005, p.106). Logo, os processos de desenvolvimento humano compreendem as mudanças que ocorrem no ciclo da vida, considerando seus aspectos biológicos, sociais, afetivos e cognitivos.

Nesse sentido, Vigotski, ao considerar o movimento permanente dos processos de desenvolvimento humano, destaca que os processos de desenvolvimento humano não dependem somente da maturação biológica, categorizada em etapas. Para o autor, existem desenvolvimentos revolucionários que ocorrem de formas abruptas concomitantemente aos processos de maturação e que, em muitos casos, são formados por momentos de crise, gerando saltos qualitativos, que transformam as funções psicológicas superiores e as inter-relações dos indivíduos (Shuare, 1990). Contudo, os desenvolvimentos revolucionários exigem a mobilização de recursos para possibilitar a emergência de novos posicionamentos diante da vida, bem como a criatividade e a inovação

Desse modo, Glaveanu e Neves-Pereira (2020), no artigo “A Psicologia Cultural da Criatividade”, discutem acerca da compreensão do uso da criatividade para a transformação da sociedade, a fim de auxiliar na resolução de problemas existentes nos contextos sociais. Os autores discutem que a criatividade possibilita os processos de significação e ressignificação da realidade, facilitando novas interpretações para os indivíduos e para a sociedade, em um sentido mais amplo (Neves-Pereira & Glaveanu, 2020).

A criatividade atua no nosso cotidiano através das relações interpessoais, em diferentes contextos e variedades de relações. Os/as psicólogos/as culturais consideram que a criatividade corresponde a algo que se realiza de uma forma dinâmica e contínua no mundo, compreendendo a inter-relação entre os sujeitos, objetos e seus diversos contextos sociais, em um determinado momento histórico. Essa perspectiva se contrapõe aos modelos essencialistas da criatividade, que compreendem a criatividade a partir de como somente na personalidade, na motivação dos sujeitos ou na mente (Glaveanu & Neves-Pereira, 2020).

Nesse sentido, a Psicologia Cultural, propõe novas perspectivas diante das formas mais convencionais de se pensar a criatividade, considerando a criatividade, a partir de uma compreensão mais ampla das interações sociais dos indivíduos em relação ao novo, ao antigo e ao presente, acompanhando o fluxo irreversível do tempo. Desse modo, é possível perceber que o pensamento criativo é dinâmico e contínuo (Glaveanu & Neves- Pereira, 2020). O contato com o diferente, possibilita novas criações, que podem auxiliar na resolução de problemas individuais e sociais. No entanto, existem limitações relacionadas à cultura, crenças e valores nas inter-relações humanas, em determinados momentos históricos, que podem impedir o pensamento criativo de forma positiva e gerar conflitos negativos e prejudiciais em relação aos processos de desenvolvimento humano (Glaveanu & Neves- Pereira, 2020).

A Psicologia Cultural da Criatividade se posiciona de forma anti-individualista, no sentido de que se dispõe a pesquisar aspectos das inter-relações humanas de forma aberta, investigando as relações entre os elementos materiais e simbólicos e os diversos contextos sociais e culturais, interligados ao fluxo inexorável do tempo (Neves-Pereira & Glaveanu, 2020)

Sendo assim, pensar criativamente em caminhos para a construção de relações que promovam a autonomia e o protagonismo dos indivíduos de uma forma ética e igualitária, tanto na cultura digital como no contexto escolar, requer uma investigação ampla do contexto cultural e histórico, compreendendo suas crenças e valores sociais, a fim de superar as limitações, que impedem a flexibilização de pensamentos e ações rígidas, que promovem, por exemplo, o preconceito e a discriminação.

Sabe-se que, na contemporaneidade, a evidência do incentivo constante ao individualismo e à competição prejudicam a expressão criativa na direção da desconstrução de preconceitos (como, por exemplo, o sexismo, o racismo, a homofobia, a transfobia, etc.), uma vez que os indivíduos em seus contextos sociais, muitas vezes, não são estimulados a valorizarem a cooperação e as negociações democráticas, não conseguindo enxergar as diferenças biológicas e culturais do outro de maneira respeitosa.

Desse modo, Madureira (2007) discute que o preconceito é um fenômeno de fronteira, visto que nos contextos socioculturais existem fronteiras simbólicas semipermeáveis, que delimitam as diferenças entre os sujeitos e os grupos sociais. Ou seja, que estabelecem as fronteiras de quem nós somos, a partir da marcação simbólica da diferença, na qual permite nos diferenciarmos uns dos outros (Madureira, 2007; Woodward, 2000). Nesse sentido, quando as fronteiras simbólicas semipermeáveis se tornam rígidas, constroem-se barreiras culturais que dividem os indivíduos e grupos sociais, de forma que determinados grupos começam a ser qualificados a partir da desqualificação de outros. A partir disso, a intolerância, a violência e a discriminação se fazem presentes (Madureira, 2007).

Portanto, é possível pensar que a criatividade pode contribuir para a construção de uma cultura de paz, que envolve a desconstrução de preconceitos, e

consequentemente a prevenção da violência. Assim, destaco a arte como um dos caminhos favoráveis para o desenvolvimento da criatividade para promover uma sociedade alinhada ao respeito aos direitos humanos e à construção de uma cultura de paz.

Nesse aspecto, Madureira e Barreto (2018) e Madureira (2016) discutem que a arte funciona como um importante canal de expressão dos sujeitos, pois através da produção e contemplação de obras artísticas, é possível compreender de forma mais aprofundada os fenômenos psicológicos tipicamente humanos. A arte possibilita acessar a realidade dos indivíduos, mobilizar emoções e sentimentos, bem como criar novos nexos e ressignificar as relações sociais (Souza, Dugnani & Reis, 2018). Portanto, acredito que as experiências estéticas podem se configurar como um caminho criativo de fundamental importância para flexibilizar as fronteiras simbólicas rígidas presentes na nossa sociedade, como será discutido na próxima seção teórica.

2. Arte, Experiências Estéticas e as Representações Visuais

O artista fornece referências de maneira a despertar o nosso interesse e afetar nossos sentimentos, mas a pintura ou o quadro só existe se entrarmos nele e o preenchermos (Bronowski, 1983 citado por Silva, 2004, p. 188).

O que é Arte? A arte por ser uma produção histórica, não se reduz a uma definição universal que compreenda todas as suas diversas criações e manifestações, sendo um fenômeno complexo para se definir (Santaella, 2012). Na contemporaneidade, a arte encontra-se em um contexto híbrido e plural, estando imersa em uma rede dinâmica, em que existe uma significativa diversidade quanto à sua exposição, recepção, difusão e produção (Santaella, 2012). A arte, no campo das representações visuais na atualidade, compreende tanto as pinturas a óleo e as esculturas, quanto as obras artísticas presentes nas redes tecnológicas virtuais, presenciais, locais e globais (Santaella, 2012).

Cabe destacar que, na presente pesquisa, me refiro às imagens pertencentes ao campo das representações visuais, visto que as imagens podem pertencer também a outros campos, como, por exemplo, as imagens projetivas, mentais, oníricas, dentre outras (Santaella, 2012). Nesse sentido, no território das representações visuais, encontram-se as fotografias, pinturas, desenhos, gravuras, imagens cinematográficas, televisivas, holográficas e infográficas, as quais são intencionalmente criadas por seres humanos sempre inseridos em determinados contextos histórico-culturais (Santaella, 2012). Tais representações visuais são produzidas tanto no universo artístico, quanto nas práticas culturais cotidianas em um sentido mais amplo.

Dessa forma, as representações visuais se diferenciam conforme sua finalidade uma vez que, podem ter o intuito, por exemplo, de aguçar e expandir nossa capacidade perceptiva, nossa sensibilidade visual, assim como podem servir de captura do nosso desejo por adquirir produtos, estilos de vida, tendências da moda, dentre outros aspectos que são veiculados pela publicidade enquanto representações visuais (Santaella, 2012).

Vigotski (1999) discute que a arte não é apenas um ornamento. A arte é uma das instâncias culturais que possibilita o desenvolvimento psicológico humano, no sentido de promover mudanças nas emoções humanas através da reação estética, na qual provoca novos sentidos, capazes de promover a reelaboração de emoções, vícios e paixões. Dessa forma, o autor compreende que:

(...) a arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser. Seria mais correto dizer que o sentimento não se torna social, mas, ao contrário, torna-se pessoal, quando cada um de nós vivencia uma obra de arte, converte-se em pessoal sem com isto deixar de continuar social (Vigotski, 2000, p. 315).

A mobilização de sentimentos, sensações e emoções nos sujeitos que contemplam uma obra artística, acontece pela experiência estética relativa, problemática e sensível que cada obra pode provocar (Lacoste, 1986). Dessa forma, Panofsky, crítico e historiador da arte alemão, considera que as obras de arte suscitam experiências estéticas, pois são carregadas de intenções e de influências a partir de experiências individuais e sociais dos sujeitos, nas quais são perpassadas pelo contexto histórico e cultural em que vivem (Panofsky, 2001).

A arte é concebida como uma linguagem oriunda das relações sociais e que apresenta como característica singular a potência de afetar os indivíduos pela via do sensível (Souza, Dugnani & Reis, 2018). Para as autoras, as obras artísticas apresentam conteúdos e formas da cultura, e, ao mesmo tempo, possuem um caráter aberto e livre para interpretações. Nesse aspecto, as autoras discutem acerca do caráter estético e semântico das obras de arte, visto que tais características da arte são importantes condições para a emergência de novos significados em relação à vida.

Em outras palavras, para Vigotski (1999) a arte pode mobilizar diversos sentimentos, provocando uma espécie de “curto-circuito” e a reorganização desses sentimentos. Schlindwein (2010) destaca o estranhamento a partir das reações estéticas, uma vez que põe em movimento as emoções das pessoas diante de algo que as provoque, a fim de que os indivíduos possam transformar suas percepções e sentimentos. Dessa forma, a potência da arte de fazer emergir diferentes emoções e sentimentos para gerar novas significações, se encontra em consonância com o princípio dialético da antítese, promovendo, dessa forma, a catarse (Ramos, 2015).

A catarse acontece a partir da vivência de experiências estéticas, que podem promover o desenvolvimento da consciência de si e gerar novas possibilidades de pensamentos, ações e sentimentos, propiciando “transformações qualitativas das interações sociais e do posicionamento pessoal frente às demandas concretas da realidade diária” (Faria, Dias & Camargo, 2019, p.162). Segundo as autoras, a catarse propõe que “a ação criadora do ser humano sobre a obra artística deve proporcionar transformações qualitativas que levem à ressignificação do indivíduo em seu contexto histórico e cultural” (Faria, Dias & Camargo, 2019, p. 162).

Nesse aspecto, é possível pensar que um indivíduo ao entrar em contato com imagens que se diferem das imagens que circulam em seu cotidiano, bem como imagens

que se referem a desconstrução dos padrões estéticos hegemônicos, pode ressignificar a sua concepção em termos de padrão de beleza, a partir do momento em que as imagens mobilizarem seus afetos.

Vigotski (1999) “considera a arte uma energia necessária, que altera o equilíbrio imposto no psiquismo humano, modifica as vontades, os desejos e as fantasias de quem com ela tem uma vivência” (p.83). Ou seja, “a arte tem o poder de introduzir ação à paixão, romper o equilíbrio interno, modificar a vontade em sentido novo, formular para a mente e reviver para emoções, paixões e vícios” (Vigotski, 1999, p. 316).

Dessa forma, percebe-se a arte como uma ferramenta de intervenção promissora da Psicologia, uma vez que as experiências estéticas e a catarse promovem tanto a mobilização de afetos, quanto a autoconsciência e a ressignificação de pensamentos, ações e sentimentos, ou seja, a transformação qualitativa de processos psicológicos (Faria, Dias & Camargo, 2019).

Silva (2004), em seu capítulo intitulado “Algumas Reflexões Sobre a Arte e a Formação do Psicólogo” discutem que o contato com a arte promove mudanças nos aspectos afetivos, sociais, culturais estéticos e cognitivos, e que tais mudanças são fundamentais para a formação dos/as psicólogos/as, uma vez que o faz entrar em contato com questões da condição humana, e a partir dessas vivências, é possível que os estudantes levem tais experiências para suas atividades profissionais. Nesse sentido, a Psicologia como uma ciência pode encontrar na arte um aporte para estudar novas possibilidades do ser humano de ser, estar, sentir, interagir no mundo (Faria, Dias & Camargo, 2019).

Nessa direção, Schlindwein (2010) compreende que a potencialidade da arte está envolvida, principalmente, na construção de algo novo que não estava presente na realidade através da mobilização da imaginação. Vigotski (1999) discute que a emoção,

a fantasia e a imaginação são elementos de suma importância na constituição do psiquismo humano. Souza, Dugnani e Reis (2018) consideram que a arte desenvolve a imaginação e estimula os processos criativos no desenvolvimento dos seres humanos, facilitando e estimulando a construção de projeções em relação ao futuro.

Contudo, apesar das experiências estéticas começarem pela via sensorial, o processo também depende, fundamentalmente, do elo entre os processos da imaginação e da emoção. Dessa forma, Schlindwein (2010) considera que:

A atividade imaginativa desempenha um papel fundamental na constituição da subjetividade humana, articulando o sensível e o simbólico de forma que o ser humano possa expressar suas ideias e sentimentos, atribuindo-lhes novos significados e sentidos. É nesta perspectiva que se torna possível conectar à atividade imaginativa a capacidade de produção, que engloba as vertentes material e simbólica, fundamentais na constituição do ser humano (p.44).

Conforme é discutido por Souza, Dugnani e Reis (2018), a imaginação permite a mediação entre os processos de significação e as emoções. As autoras consideram a “coemoção” como o elo entre a imaginação e a emoção, o que permite aos indivíduos ampliarem suas vivências, uma vez que o movimento entre as emoções e os processos de significação, acontece no ato contemplativo de uma obra de arte e no processo de criação, promovendo a autoregulação das emoções. Ou seja, permite a “transformação da intensidade, da frequência e da expressão das emoções, possibilitando sua ressignificação e, em decorrência, sua transformação.” (Souza, Dugnani & Reis, 2018, p. 380).

Tendo isso em vista, Vigotski (1999), ao enfatizar o caráter social e, ao mesmo tempo, transformador da arte, discute que é através da mediação da linguagem artística que o/a artista exterioriza suas necessidades, carências, experiências, sonhos e fantasias. O autor também destaca que a arte é o caminho para viabilizar o equilíbrio entre os indivíduos e o mundo, especialmente nos momentos mais críticos e responsáveis da vida (Vigotski, 1999).

Diante do exposto, não posso deixar de relacionar a discussão de Vigotski (1999) acerca da arte como um caminho para promover o equilíbrio nos momentos mais críticos da vida à nossa situação atual, perpassada pela pandemia da Covid -19, que ocasionou uma séria crise sanitária em nível mundial. A pandemia nos trouxe inúmeras restrições, nos deixou em isolamento, muitos de nós se despediu de pessoas conhecidas, familiares e amigos. Neste contexto tão triste e preocupante, uma das principais formas de ressignificarmos esse período repleto de incertezas, notícias tristes e ansiogênicas, foi através da arte em suas diferentes formas de expressão. Os livros, as músicas, os filmes, as imagens e vídeos compartilhados no mundo virtual, passaram a fazer parte do nosso cotidiano com mais intensidade.

As tecnologias da informação e comunicação foram, para muitas pessoas, um dos únicos meios possíveis de estar em contato com o mundo exterior. Nesse sentido, cabe destacar que apesar de ser possível observar o grande acesso das pessoas que vivem, principalmente, nos grandes centros urbanos às tecnologias digitais, ainda existe uma extensa parcela da população brasileira excluída do acesso à internet, ou seja, excluídos do acesso às redes virtuais (Tavares & Melo, 2019).

Sabe-se que existem regiões no Brasil com diferentes realidades econômicas e sociais, que interferem tanto no poder aquisitivo dos indivíduos para adquirir bens tecnológicos e serviços de internet, quanto no desenvolvimento das cidades. Nesse

sentido, algumas cidades podem não conseguir recursos para se desenvolver tecnologicamente em razão da sua infraestrutura de rede, que dificulta o acesso às redes virtuais por parte de determinados setores da população brasileira (Tavares & Melo, 2019).

Dessa forma, as redes sociais e os demais aplicativos presentes na cultura digital possibilitaram, para as pessoas que possuem acesso às tecnologias digitais, que a arte entrasse em suas vidas com mais frequência, através das ‘Lives’, compartilhamento de fotografias, apresentações de artistas do universo musical, da dança e do teatro. Tais experiências puderam nos acalantar, de certa forma, diante da situação tão triste que estamos vivenciando na atualidade.

Tal acontecimento permitiu que muitas pessoas entrassem em contato consigo mesmas de forma mais profunda e buscassem novos posicionamentos diante da vida. A pandemia exigiu de nós reposicionamentos, e a arte tem apresentado importantes contribuições nesse momento tão desafiador que estamos vivendo, uma vez que, ao escutar músicas, ler livros, assistir filmes, dentre outras modalidades possíveis de expressão artística, foi possível mobilizar nossos sentimentos, pensamentos e ações para lidarmos de uma forma construtiva com situações difíceis, que nos surpreenderam no ano de 2020. Assim, a potência da arte nos ajuda a transcender o momento presente, e nos estimula a pensar e imaginar novas formas de se reposicionar e se reinventar diante das situações da vida.

Ademais, é importante destacar que a arte pode potencializar a dimensão ético-estética, visto que a arte ao suscitar em nós novos sentidos, não tem pretensões de instituir a verdade como certeza (Johann, 2015). As experiências estéticas abrem possibilidades de co-criação, estando abertas às questões dos indivíduos, nos proporcionando diferentes respostas. No entanto, é de suma importância que a arte

estímulo a empatia e amplie a consciência dos indivíduos, não os deixando presos somente em suas próprias opiniões (Johan, 2015).

Dessa forma, reafirmo que a arte é um instrumento promissor para a prática profissional do/a psicólogo/a em diversos campos de atuação, incluindo o contexto educacional. Cabe destacar que o foco de análise de Vigotski não era o caráter instrumental/pedagógico da arte, mas suas discussões sobre a psicologia da arte “abriram portas” em termos de implicações educacionais, visto que conforme mencionado anteriormente, a arte funciona como um canal possível para uma compreensão mais aprofundada acerca das interpretações culturais que envolvem diferentes temáticas de interesse da psicologia (Madureira & Barreto 2018; Madureira 2016).

Nesse sentido, como é destacado por Madureira (2016), “vivenciar experiências estéticas é um caminho promissor na apropriação de novos conhecimentos, na construção de novos significados sobre si e sobre o mundo.” (p.75). Ou seja, as imagens no campo das representações visuais são importantes ferramentas na desobstrução das vias do sensível (Schlindwein, 2010).

A arte híbrida e plural tem sido uma substância transformadora na vida dos seres humanos, principalmente dos jovens, que vivem intensamente características próprias das sociedades imagéticas contemporâneas, através do uso das TICS, em suas diversas configurações. Nesse sentido, o/a psicólogo/a, ao utilizar diferentes expressões artísticas deve assumir uma postura crítica diante de sua intervenção, uma vez que é preciso que os materiais escolhidos para a intervenção promovam o estranhamento, movimento os afetos, afete o “poder de agir” das pessoas, estimule a imaginação e a emergência de diferentes sentimentos, através da contemplação das obras artísticas, para que novos

significados e novas percepções acerca da realidade possam emergir (Souza, Dugnani & Reis, 2018).

2.1 Cultura digital, arte e contexto escolar

“A internet é, acima de tudo, uma criação cultural.”
(Manuel Castells)

A partir do desenvolvimento acelerado da internet nas duas primeiras décadas do século XXI, novos contextos de desenvolvimento surgiram. O surgimento das novas tecnologias da informação e comunicação, permitiu a criação e a inovação de diversos setores, tais como setores que envolvem a economia, comunicação e jornalismo, o comércio, a indústria e, principalmente, a educação (Boll, 2013; Ramos & Boll, 2019).

As tecnologias de informação e comunicação (TICs), ao se desenvolverem, se articularam com diversos domínios do conhecimento, tais como a psicologia, neurociências, sociologia, educação, medicina, dentre outros. E a partir das articulações das TICs com diversas áreas do conhecimento, surge a cultura digital, na qual se configura como um resultado das TICs e suas articulações com as diversas áreas do conhecimento, e também da convergência entre as telecomunicações, a informática e as questões sociais e culturais que permeiam as sociedades (Ramos & Boll, 2019).

Dessa forma, as relações entre o contexto social e as ferramentas digitais, que constituem a cultura digital, possibilitam o surgimento de novas formas sociabilidade e novas produções culturais que “modificam os hábitos, as práticas de consumo cultural e os ritmos de produção e distribuição da informação” (Ramos e Boll, 2019, p. 53). Nesse sentido, Ramos e Boll (2019) discutem que:

Os fenômenos da era digital ressignificam o campo da história e da arte, da produção científica, da economia, da vida em comunidade, do espaço geográfico, da noção de território, fronteira e país. Esses fenômenos formam o quadro que denominamos de matriz da cultura digital (p. 53).

A cultura digital se desenvolve em um espaço em que são compartilhados diversos modos de pensar, atitudes, crenças, dentre outros aspectos e conteúdos que mobilizam distintos recursos para a constituição da subjetividade, tanto em termos sociais mais amplos quanto em termos individuais (Fajwaks, 2018; Ramos & Boll, 2019). Tal espaço, denominado de ciberespaço, se configura como um ambiente virtual, em que acontecem encontros, conflitos, novas relações econômicas etc. Através do ciberespaço, o ser humano "concretiza suas ações nas imagens, linguagens, símbolos, programas, que buscam contextualizar, dar voz às suas emoções, cultura e vivências" (Silva, Teixeira & Freitas, 2015, p. 188).

Desse modo, o compartilhamento de diversos conteúdos na cultura digital é, frequentemente, perpassado pelas imagens, pertencentes ao domínio das representações visuais, conforme definição apresentada por Santaella (2012). De acordo com Ramos e Boll (2019):

A digitalização dos textos, imagens, dados, signos e outros produtos têm se tornado parte das funções da cultura digital, qual seja: tornar acessível, a qualquer ponto da rede, os artefatos produzidos e acumulados ao longo da história da humanidade (p.53).

Nesse sentido, no que se refere às imagens no domínio das representações visuais, percebe-se que, na atualidade, desde as relações interpessoais à política, quase todos os assuntos são envolvidos por imagens, principalmente advindas da cultura digital (Coelho, 2011).

Desse modo, as redes virtuais atuam na produção e compartilhamento de informações, através de instrumentos comunicacionais que integram, som, textos e imagens, provocando sensibilidades tanto acústicas quanto sinestésicas, que se reverberam nos processos de aprendizagem e por conseguinte, no desenvolvimento humano (Ramos & Boll, 2019).

Segundo Ramos e Boll (2019), diferentes pesquisas mostram que as experiências transformadoras são experiências subjetivas de grande impacto emocional, que proporcionam novas possibilidades de significação e posicionamento aos indivíduos (Ramos & Boll, 2019). Tais experiências têm despertado o interesse de psicólogos/as e educadores/as, desde o século passado, para suas atuações em diferentes áreas da psicologia e da educação, visto que a cultura digital vem proporcionando, principalmente aos/às jovens, experiências que permitem novas possibilidades de significação e posicionamento ao utilizarem os recursos e aplicativos presentes no ciberespaço (Ramos & Boll, 2019). Para Ramos e Boll (2019), os adolescentes, através das TICs:

(...) realizam buscas, jogam, testam suas hipóteses nas redes sociais, fornecem conteúdos, criticam, filtram informações etc. Além disso, entretêm-se e aprendem convivendo em vários contextos de aprendizagem, com variados espectadores na esfera pública digital. Estabelecem trajetórias pessoais de aprendizagem por meio dos aplicativos fixos ou móveis ou recursos físicos para

aprofundar os seus conhecimentos ou mesmo para buscas rápidas de conteúdo (Ramos & Boll, 2019, p. 58).

Percebe-se que as TICs estão se tornando importantes ferramentas para o aprendizado (através da criação de vídeos, de animações, sites etc.) Nesse sentido, Tavares e Melo (2019) discutem que a estruturação da internet como uma das principais formas de mediação da informação na contemporaneidade e o fortalecimento da cibercultura, implicam mudanças em diversos contextos, principalmente no contexto escolar

Os discursos sobre o acesso à informação e o acesso a diferentes formas de aprendizagem ganham destaque na cultura digital e, por conseguinte, estimulam a escola a repensar o papel das TICs e dos nativos digitais no processo de ensino-aprendizagem. É importante destacar que não me refiro à escola como uma instituição obsoleta frente às tecnologias digitais, e sim como uma instituição marcada pela oralidade e pelo impresso, na qual pode-se demandar a abertura para a implementação de práticas de ensino-aprendizagem que emergiram das mudanças culturais (Tavares & Melo, 2019).

Dessa forma, Madureira (2016) destaca a importância de questionarmos as fronteiras rígidas entre a ciência e a arte, na formação dos/as estudantes em diversos campos científicos, valorizando o trânsito entre diferentes linguagens tanto verbais quanto visuais nas instituições de ensino, visto que tal prática pode favorecer uma formação mais crítica, sensível e comprometida com os desafios contemporâneos.

Nesse sentido, percebe-se que enquanto a escola, de uma forma geral, apresenta poucas mudanças nas formas de ensino-aprendizagem, os estudantes chegam a ela habituados com um mundo interativo, diferente das gerações passadas e, no entanto, o

que os estudantes encontram é uma escola planejada com a tecnologia passada (Tavares & Melo, 2019).

No contexto escolar, encontramos professores/as “imigrantes digitais”, que predominantemente utilizam a linguagem da era pré-digital e estão se empenhando para ensinar indivíduos que falam uma linguagem nova (Prensky, 2001; Tavares & Melo, 2019). Essa situação, tem se configurado com um desafio para a educação escolar na contemporaneidade, pois “de um lado temos o/ aluno/a que é nativo digital, e do outro a escola, que permanece analógica” (Tavares & Melo, 2019, p.4). Nesse sentido, Tavares e Melo (2019), discutem que a aprendizagem não acontece apenas no contexto escolar, e pode ser entendida de três formas:

A aprendizagem formal, caracterizada como um conjunto de modelos e práticas de educação diretamente relacionada às escolas ou institutos de formação; a aprendizagem não-formal, que representa o conjunto de atividades educacionais organizadas fora do sistema formal de educação, separadamente ou como uma atividade com objetivos específicos (mesmo não educativas); a aprendizagem informal, que pode ser definida como qualquer atividade que envolva a busca de entendimento, conhecimento ou habilidade que ocorre sem a imposição externa de critérios curriculares (p. 5).

Para os autores, a aprendizagem informal acontece de forma espontânea, em qualquer contexto da vida, podendo ser tanto de forma não intencional quanto intencional, esta ocorre quando o/a aprendiz busca a aprendizagem e tem a ciência de que está aprendendo (Tavares & Melo, 2019). Dessa forma, compreende-se que a experiência virtual, ocorre como uma experiência que oferece aos seus usuários uma

gama de informações, em consonância com a aprendizagem informal, possibilitada pelas tecnologias digitais.

Ademais, esse contexto de aprendizagem, a partir da cultura digital, facilita a estruturação das novas ecologias de aprendizagem, visto que tais ecologias possuem potencialidades para a promoção dos processos de desenvolvimento humano (Ramos & Boll, 2019). Para Zaduski e Schlünzen Junior (2019), ecologias de aprendizagem são espaços que proporcionam e dão suporte à criação de redes de aprendizagem. Nesse sentido, Ramos e Boll (2019) discutem que as novas ecologias de aprendizagem surgem em contextos de atividades que dispõem de diversas oportunidades de relações sociais, recursos e ferramentas.

Cabe destacar que uma característica marcante das ecologias de aprendizagem é: “a criação instantânea de microcomunidades, temporárias ou duradouras, de pessoas e grupos conectados por dispositivos em mobilidade, em contextos diferentes” (Ramos & Boll, 2019). Dessa forma, as novas ecologias de aprendizagem, se configuram como uma forma inovadora de ensino-aprendizagem, a partir da utilização de recursos digitais, e que propõe novos enfoques acerca de como, aonde e com quem eu aprendo (Ramos & Boll, 2019).

Assim, percebe-se a complexidade e a diversidade dos sistemas dinâmicos não-lineares presentes no mundo cibernético, em que novos fenômenos, abastecidos de múltiplos e excessivos cruzamentos de significados, são gerados pela singularidade humana e seus fragmentos dispersos e heterogêneos, compartilhados nos espaços digitais. Sendo assim, por meio dos vastos sistemas que constituem a cultura digital, várias formas de aprendizado e conteúdos surgem. Esse cenário nos faz pensar sobre como e de que forma estão ocorrendo essas aprendizagens nesses novos contextos educativos, e como podemos aprimorá-las para que possam fomentar a formação de

aprendizes sensíveis culturalmente, capazes de atribuir sentido ao seu processo de aprendizagem, de forma ética (Ramos & Boll, 2019).

Na presente pesquisa, a investigação realizada focalizou os/as adolescentes e suas formas de sociabilidade e de significação na cultura digital, enfatizando sua relação com a aparência corporal, uma vez que as TICs são instrumentos de comunicação e informação, que proporcionam um espaço de construção de identidades para os/as adolescentes (Lima et al, 2018).

Assim, procuro enfatizar a educação voltada, especialmente, para os valores em sintonia com a cultura democrática, alinhada aos direitos humanos e à promoção da cultura de paz. Não somente para os processos de ensino-aprendizagem de conteúdos, uma vez que pretendo compreender como as TICs podem promover espaços no contexto escolar para se trabalhar questões identitárias, para se realizar projetos educativos sobre o combate ao bullying e ao cyberbullying, discutir questões que se referem à corporeidade do/a adolescente, dentre outras questões relevantes que perpassem a educação socioemocional das novas gerações.

Nessa direção, a próxima seção teórica abordará questões relevantes sobre a construção da identidade, corporeidade e cultura na contemporaneidade.

3. Identidade, Corpo e Cultura na Contemporaneidade

O corpo é o nosso enraizamento no mundo. Viver é sempre jogar o seu corpo no mundo: vendo, escutando, experimentando. Os gestos e mímicas, a maneira de se falar. É também o lugar das emoções, um instrumento de comunicação (Le Breton)

O corpo é uma das principais instâncias que envolvem delimitações de fronteiras simbólicas que definem quem somos nós (Ribeiro, 2016). Nos processos identitários, diferenciar-se do outro, está relacionado a uma construção social interseccionada por diversas influências culturais e históricas (Woodward, 2000). Ou seja, para a construção das identidades, a marcação simbólica da diferença é imprescindível, pois o contato com o outro permite sabermos sobre nós, conforme é discutido por diversos/as autores/as na contemporaneidade que partem de diferentes perspectivas teóricas (Galinkin & Zauli, 2011; Madureira & Branco, 2012; Moreira & Câmara, 2010; Woodward, 2000).

Segundo Sawaia (2014) e Ciampa (2007), a identidade é algo que está em um contínuo processo de construção. Para o autor, “Identidade é movimento, é desenvolvimento concreto. Identidade é metamorfose” (Ciampa, 1984, p.74). Em outras palavras, a “(...) ‘identidade é a síntese de múltiplas, identificações em curso’ e, portanto, não um conjunto de atributos permanentes” (Sawaia, 2014, p. 124).

Nesse sentido, Hall (2011) discute que as identidades na contemporaneidade, encontram-se marcadas pela fragmentação e deslocamento devido as mudanças estruturais ocorridas, bem como os processos de globalização, que superam a concepção de uma "identidade" fixa.

Os processos de globalização, que apesar de serem destacados como um marco das sociedades contemporâneas, acontece desde o período da colonização das terras além-mar, e atualmente se caracteriza pela supra territorialidade (Ramalho, 2012). Nesse sentido, a supra territorialidade acontece devido ao surgimento das tecnologias digitais que reconfiguraram os espaços sociais, e que envolvem vários aspectos da vida, bem como os aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais, visto que nos permitem estabelecer conexões e contatos com diversas partes do mundo, em tempo real de forma síncrona e assíncrona, diminuindo a noção de tempo e espaço, superando a limitação físico-geográfica entre os territórios (Ramalho, 2012; Scholte, 2000). Desse modo, Hall (2011) ao discutir sobre as identidades na contemporaneidade, afirma que:

A identidade (...) formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente (Hall, 2011, p.13).

Dessa forma, os processos de globalização ressoam nos processos identitários, na medida em que as experiências sociais dos indivíduos são mediadas, de diferentes formas, pelo mercado global. Logo, as identidades se tornam, cada vez mais, desvinculadas das tradições, histórias, lugares e tempos (Hall, 2011; Wonsoski, 2015).

Nesse sentido, Moreira e Câmara (2010) e diversos autores estudiosos acerca da identidade, discutem que a identidade deve ser vista a partir de seu caráter fragmentado, instável, plural e histórico, não devendo ser compreendida como uma instância rígida. Bauman (2005) discute que, nas sociedades contemporâneas, uma identidade fixada em

uma só história e solidamente construída seria uma forma de limitar a liberdade dos seres humanos, devido a sua característica “liquida”, conforme as discussões do autor, no sentido em que nada se mantém da forma por um longo período.

Contudo, Hall (2011) discute que as identidades já foram, de uma certa forma, mais unificadas e centradas. O autor compreende as identidades culturais como “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (Hall, 2011, p. 8).

Entretanto, com os processos de globalização, tais identidades na contemporaneidade, rompem com a noção de estabilidade, sendo deslocadas e fragmentadas (Hall, 2011).

Desse modo, a partir da instabilidade da identidade, os indivíduos procuram nos corpos a estabilidade, bem como a perspectiva que os corpos delimitam as identidades, na tentativa de evitar dúvidas e/ou ambiguidades (Louro, 2000). Entretanto, de forma similar à identidade, os corpos também são transformados e significados pelos processos culturais, portanto, são também suscetíveis às mudanças (Louro, 2000).

Nesse sentido, Montoro e Bizerril (2016) discutem que a interioridade na contemporaneidade foi deslocada para o corpo. Assim, atualmente o corpo encontra-se na base da constituição da identidade, sendo uma importante instância relacionada aos valores pessoais (Montoro & Bizerril, 2016). Para Novaes (2013), o corpo nas sociedades contemporâneas, adquire status a partir de seus significados. Tais significados, caracterizam os valores presentes na cultura das sociedades. Dessa forma, na contemporaneidade, o corpo é apresentado predominantemente, como um corpo interseccionado pelo sucesso das intervenções estéticas, bem como através das cirurgias plásticas, dos exercícios físicos em excesso, das dietas e das ingestões de fármacos para se obter o corpo que corresponde aos padrões estéticos hegemônicos.

Nesse sentido, atualmente, o corpo e a beleza se produzem conforme o capital disponível, uma vez que as sociedades contemporâneas ocidentais atribuem aos corpos status de consumo, pois o corpo se associa, cada vez mais ao mercado da beleza que cria e comercializa produtos e procedimentos a fim de que os corpos se tornem “perfeitos”, “belos” e de acordo com o padrão estético hegemônico (Novaes, 2013).

Desse modo, “a relação do ser humano com o corpo é pautada por um imperioso processo de alteração. (...) pintar, esscarificar, tatuar, cortar são ações que fazem parte da dinâmica cultural e dos diferentes rituais de toda e qualquer sociedade” (Gomes, 2002, p.42). Sendo assim, os acessórios e as roupas que usamos, as nossas marcas corporais, bem como cicatrizes e tatuagens dizem sobre quem somos nós, uma vez que se apresenta como uma forma de expressarmos os nossos processos de significação a partir das nossas vivências sociais e culturais, que nos distinguem uns dos outros (Ribeiro, 2016).

Nesse aspecto, a aparência corporal é significada, representada e interpretada, a partir do contexto cultural em que a pessoa se encontra imersa e se altera a partir do contexto em questão, uma vez que toda sociedade é permeada por um conjunto complexo de signos, que, na atualidade, muitas vezes, são construídos e reconstruídos através de discursos produzidos pelos meios de comunicação de massa (Knopp, 2008).

Nesse sentido, os grupos sociais podem modificar e reinventar suas ações e seus sentidos no mundo, bem como podem modificar as práticas que interferem nos seus corpos. Tais mudanças permitem que o ser humano experimente facetas de sua complexa “totalidade” (Le Breton, 2007). Assim, através das mudanças e das experiências do ser no mundo voltadas a sua corporeidade é que os sujeitos descobrem a “si mesmo na extensão de sua relação com o mundo. E por que não dizer também no reconhecimento do outro/a que o/a habita?” (Coube et al, 2013, p. 3).

Nesse aspecto, Le Breton (2007) compreende que o corpo está situado na fronteira entre o social e o individual, ou seja, na relação recíproca entre ambos. Para Goellner (2003), o corpo não é produto somente da coletividade, o corpo também é uma instância singular de cada indivíduo, pois falar do corpo é falar de nossa própria identidade.

No entanto, sabe-se que, na contemporaneidade, a busca pela aprovação, principalmente da aparência corporal, faz com que a padronização dos corpos supere a diferenciação individual, como uma forma de inclusão e conexão com os outros indivíduos de um determinado grupo, que seja significativo para os sujeitos (Le Breton, 2007; Vieira, 2019). Para Goldenberg e Ramos (2002), o corpo nas sociedades ocidentais na contemporaneidade é um corpo em metamorfose, no entanto, as transformações ocorrem, muitas vezes, com o intuito de promover correções nos corpos. Desse modo, Le Breton (2007) compreende que tal situação pode ser considerada como uma forma de socialização do corpo, em que as características corpóreas dos sujeitos, também, são socialmente construídas e modificadas, com o objetivo de expressar-se nos grupos sociais significativos para eles.

4. Padrões Estéticos Hegemônicos Nas Sociedades Imagéticas Contemporâneas

Agora, um dos elementos que nos interessa aqui é como, neste novo cenário econômico-político-cultural, podemos apreciar uma crescente difusão de uma diversidade de técnicas corporais, performances estéticas e rituais, cuidados e práticas de saúde dos corpos, provenientes de diferentes tradições histórico-culturais, muitas vezes fragmentadas e hibridizadas entre elas, disponíveis para serem aprendidas e consumidas pelos habitantes das cidades. E em alguns casos, essas práticas promovem importantes transformações nos processos de subjetivação (...) (Citro, 2010, p. 53, tradução da pesquisadora).

As sociedades contemporâneas caracterizam-se pelo excesso de imagens, presentes em nosso cotidiano. É possível afirmar que vivemos em sociedades imagéticas, em que tais imagens são, em sua maioria, veiculadas pela mídia, incluindo as redes sociais, que através de tecnologias avançadas, possibilitam a fácil manipulação e o acesso a diversas imagens (Ribeiro, 2016). Desse modo, tal facilidade permite a transmissão de muitas informações e, portanto, acaba por ter forte influência na formação das identidades dos indivíduos, incluindo os aspectos relacionados à corporeidade e aos padrões estéticos hegemônicos (Ribeiro, 2016).

Sabe-se que a mídia é uma importante fonte que constrói o imaginário coletivo da cultura brasileira, e atua na produção de significados à medida que cria novas necessidades e intensifica sensações (Knopp, 2008). Dessa forma, Sabat (2001) discute que:

A publicidade é um dos artefatos que estão inseridos em um conjunto de instâncias culturais e como tal funciona como mecanismo de representação, ao mesmo tempo em que opera como constituidora de identidades. Muito mais do que seduzir o/a consumidor/a ou induzi-lo/a obter determinado produto, a publicidade comporta um tipo de pedagogia e de currículo culturais (p. 9).

Nesse sentido, a mídia na contemporaneidade mostra-se a serviço da indústria da beleza, e se sobressai no mercado capitalista. Os discursos publicitários constantemente disseminam que para uma pessoa ser considerada “bela”, é necessário ter um corpo jovial, magro ou com formas bem definidas, e que para se obter este corpo qualquer sacrifício é permitido (Ribeiro, 2016). Dessa forma, os corpos, nas sociedades contemporâneas ocidentais são, cada vez mais, compreendidos como mercadorias a serem comercializadas pela indústria da beleza e da saúde (Severiano et al, 2010).

O corpo e a beleza nas sociedades do consumo são produzidos de acordo com o capital disponível, uma vez que para atingir determinados padrões estéticos, muitas pessoas recorrem a diferentes recursos e procedimentos, bem como cirurgias plásticas, exercícios físicos em excesso, dietas, consumo de cosméticos, roupas da moda, dentre outros recursos disponíveis para se adequarem aos padrões estéticos hegemônicos, e conseqüentemente, conquistar determinado status social (Soares - Correia, 2015).

O “corpo perfeito”, caracterizado como saudável, magro, jovial e branco é frequentemente associado pela mídia à saúde, bem-estar e à felicidade. Além disso, a mídia dissemina que tal corpo pode ser alcançado por todos/as, desde que as prescrições para se obtê-lo sejam seguidas (Ribeiro, 2016). Nesse sentido, percebe-se que nas sociedades do consumo, o valor de uma pessoa está relacionado a quantidade de signos

da “felicidade”, bem a “aquisição” de um corpo que corresponde aos padrões estéticos hegemônicos (Baudrillard, 2010).

Sibilia (2016) destaca o “show do eu” na contemporaneidade, uma vez que a necessidade de aparecer é uma constante, principalmente, através da frequente exposição dos corpos em diversas modalidades digitais. A Autora comenta que nas sociedades atuais o olhar e julgamento do outro torna-se um imperativo, principalmente em torno das relações dos indivíduos com o corpo.

Nas redes sociais, a exposição de fotografias e vídeos que expõem os corpos dos indivíduos torna-se destaque. Muitas *digitais influencers*, atores/atrizes e modelos publicam em suas redes sociais, fotografias e vídeos de seus corpos que, na maioria das vezes, correspondem aos padrões hegemônicos de beleza, aparecendo sem “nenhuma imperfeição” (Ribeiro, 2016). Nesse cenário virtual, as/os *digital influencers* ganham notoriedade ao utilizar as redes sociais como meio de trabalho. Dessa forma, expõem seus hábitos, hobbies e propagandas publicitárias a fim de conquistar seguidores/as. No entanto, para ser considerado/a um/a influenciador/a digital é necessário ter muitos seguidores, muitas “curtidas” e ter um estilo admirado e valorizado por um grande número de seguidores/as (Vieira, 2019).

Nesse sentido, muitos jovens e adultos se inspiram na aparência corporal, no estilo de vida e nos comportamentos de tais influenciadores digitais. Assim, pode-se inferir que as informações veiculadas nas redes sociais proporcionam aos indivíduos “a construção da imagem de si que ele deseja transmitir para os outros, com características que se formam a partir dos estereótipos que predominam em seu meio social” (Vieira, 2019, p. 2).

Moya Recalde (2016) discute que tal prática que acontece nas redes sociais promovem ações que projetam ideais acerca dos conteúdos visuais presentes no

ciberespaço. Tais conteúdos visuais chamam a atenção dos indivíduos e estimulam práticas que envolvem notoriedade, elogios e admiração a todo instante, principalmente para aqueles/as considerados dentro dos padrões estéticos hegemônicos.

No entanto, uma pesquisa realizada pela instituição de saúde pública do Reino Unido, *Royal Society for Public Health* (Vieira, 2019), quase 1.500 jovens de 14 a 24 anos relataram o quanto as redes sociais, bem como *Youtube, Instagram, Twitter e Snapchat*, influenciavam seu sentimento de comunidade, bem-estar, ansiedade e solidão. Os resultados demonstraram que o *Instagram* é a rede social mais nociva com consequências negativas para o sono, ansiedade, autoimagem. E sete em cada dez dos/as jovens entrevistados/as citaram que as redes sociais, por serem repletas de fotos cuidadosamente montadas e editadas, prejudicam a forma com que eles/as veem seus próprios corpos, principalmente, as meninas, em que nove em cada dez meninas relatam se sentirem infelizes com seus corpos e desejam modificar de alguma forma a sua aparência corporal, principalmente com a realização de cirurgias plásticas.

Nesse sentido, a evidente exposição dos corpos, leva principalmente as mulheres, a se sentirem constantemente insatisfeitas com sua aparência corporal, uma vez que as imagens veiculadas pela mídia são apresentadas de formas tão “perfeitas”, que muitas mulheres para atingir tais padrões “ideais” de beleza, recorrem a alguns sacrifícios para atingi-lo, bem como a realização de dietas restritivas, ingestão de remédios, excessos de exercícios físicos, dentre outros procedimentos (Dantas, 2011; Jacob, 2014).

Percebe-se que o corpo na contemporaneidade também pode enfrentar situações de desprestígio, que são experimentadas, por exemplo, pelas pessoas que não correspondem aos padrões de beleza vigentes. Essa discriminação acontece em diferentes situações cotidianas, tais como nos comentários maldosos feitos pelas pessoas e pelo discurso da mídia, nas entrevistas de emprego, nas relações afetivas etc. Essas

situações cotidianas desagradáveis contribuem para reforçar os estereótipos que se referem a “imperfeição” nas sociedades contemporâneas (Ribeiro, 2016). Segundo Pires (2010): “O corpo gordo, o corpo negro, o corpo deficiente, o corpo “silencioso”, o corpo pobre desnudo de roupas da moda sofre retaliações de ordem social sendo ignorado/excluído da convivência de muitos grupos” (p. 29).

Cabe destacar a citação de Le Breton (2007) mencionada anteriormente na introdução ao discutir que “os estereótipos se fixam com predileção sobre as aparências físicas e as transformam naturalmente em estigmas, em marcas fatais de imperfeição moral ou de pertencimento de raça” (p.78). Nesse sentido, Jesus et al (2014) discutem que o não reconhecimento das diferenças e a não valorização do outro caracterizam o preconceito.

Dessa forma, cabe retomar a discussão sobre as fronteiras simbólicas rígidas, visto que o preconceito pode ser concebido enquanto um fenômeno de fronteira (Madureira, 2007). Nesse sentido, nos contextos socioculturais existem fronteiras simbólicas semipermeáveis, que delimitam os sujeitos e os grupos sociais. No entanto, quando as fronteiras simbólicas semipermeáveis se tornam rígidas, constroem-se barreiras culturais que dividem, de forma rígida e hierárquica, os indivíduos e grupos sociais, de forma que determinados grupos começam a ser qualificados a partir da desqualificação de outros. Dessa forma, a intolerância, a violência e a discriminação se fazem presentes (Madureira, 2007).

Assim, é importante comentar sobre a gordofobia, um ato de intolerância em relação às pessoas gordas, uma vez que no imaginário gordofóbico, as pessoas obesas são consideradas preguiçosas, descuidadas e até mesmo inaptas a realizarem atividades físicas. Tal imaginário perpassado pela gordofobia culpabiliza as pessoas obesas e

perpassa a noção de seu corpo não merece ser valorizado, uma vez que diversos pré-julgamentos são direcionados a ele (Paim & Kovalesk, 2020).

Desse modo, percebe-se que a aparência corporal de acordo com os padrões estéticos hegemônicos é uma importante característica para se conquistar, muitas vezes, atenção e status social. Com isso, muitas pessoas se dedicam na busca pela aprovação alheia (Ribeiro, 2016). No entanto, a busca pelo reconhecimento através do corpo “ideal”, pode proporcionar prejuízos e limitações aos indivíduos, como, por exemplo, algumas pessoas abdicarem do lazer e de atividades sociais prazerosas, para se dedicarem intensamente aos cuidados com a aparência corporal (Ribeiro, 2016). Ademais, percebe-se também que a busca para se adequar aos padrões estéticos hegemônicos pode ser um terreno fértil para o surgimento de diferentes formas de adoecimento físico e psicológico, uma vez que a insatisfação com o corpo se torna constante (Ribeiro, 2016).

No entanto, conforme mencionado anteriormente, é importante salientar que embora a mídia seja considerada uma importante ferramenta social, e que produz dominantes significações sobre o mundo, as pessoas não são apenas espectadoras passivas das mensagens culturais que recebem, bem como destaca o *modelo de transferência cultural bidirecional*, que salienta que os indivíduos são capazes de transformar de formas distintas, as mensagens culturais que recebem (Valsiner, 2012).

Além disso, as imagens veiculadas pela mídia também podem ser representações visuais que podem ser utilizadas com o intuito de promover reflexões e análises críticas acerca de determinadas situações do cotidiano, bem como a desconstrução dos padrões estéticos hegemônicos, o empoderamento feminino e dentre outros assuntos. Desse modo, Madureira (2016), ao discutir sobre as imagens como ferramentas educacionais, destaca que as imagens em suas diferentes formas podem estimular reflexões críticas.

Com isso, é importante salientar que a cultura digital produzida pelas TICs pode promover diversos espaços, tanto para o desenvolvimento de ações voltadas à criação de ambientes que promovem discussões e diálogos construtivos acerca das questões sobre corporeidade, quanto para o desenvolvimento de espaços que fomentam discursos de ódio e intolerância, que fomentam a discriminação de diferentes formas em relação à aparência corporal das pessoas.

Cabe também destacar a importância de conscientizar os/as adolescentes sobre as potencialidades das imagens, principalmente, as imagens disseminadas no ciberespaço, abordando seus riscos e benefícios, visto que a adolescência, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (2017), é compreendida como um período do desenvolvimento humano em que as modificações corporais podem ser mais evidentes, e que adaptações de novas estruturas psicológicas ocorrem. Entretanto, a adolescência, não está somente associada ao desenvolvimento do corpo, às suas transformações biológicas, físicas e hormonais, deve-se considerar também a forma como se relacionam com o seu contexto social, o que demanda acompanhamento nessa dinâmica, principalmente, para aqueles adolescentes que vivenciam as mudanças políticas e sociais nas sociedades contemporâneas (Bock, 2007; Frois et al, 2011).

5. Metodologia

Metodologia inclui as concepções teóricas da abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade, o sopro divino do potencial criativo do investigador (Minayo, 2016, p.16).

Para a realização do presente estudo, utilizou-se uma metodologia qualitativa de investigação, na qual compreende que um conjunto de fenômenos humanos, bem como os significados, os motivos, as aspirações, as crenças, os valores e as atitudes, são parte da realidade social (Minayo, 2016) A autora destaca que a realidade social é plural para a metodologia qualitativa, visto que os seres humanos não se distinguem uns dos outros somente por suas ações, mas também pela capacidade de pensarem e interpretarem o que fazem de formas distintas a partir da realidade social que vivenciam e compartilham com os demais (Minayo, 2016).

Nesse sentido, Minayo (2016) compreende a metodologia qualitativa como uma metodologia que permite o estudo “da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam” (Minayo, 2016, p. 57).

Para a autora, o verbo da pesquisa qualitativa é *compreender*, pois a interpretação da realidade a partir da pesquisa qualitativa se dá através, especialmente, da compreensão das relações sociais, que criam valores, crenças, percepções, hábitos, atitudes e representações (Minayo, 2016). Nesse aspecto, os verbos da pesquisa quantitativa são, especialmente, *explicar e prever*, visto que buscam por regularidades e relações causais entre as variáveis investigadas (Strauss & Corbin, 2008)

Segundo Madureira (2007), tanto as metodologias qualitativas quanto as metodologias quantitativas nas ciências humanas e sociais, destacam a característica histórico-cultural pertencente à realização de uma pesquisa, visto que a produção científica não ocorre separada dos fatores sociais. Nesse sentido, ressalta-se que a produção científica se encontra perpassada por fatores econômicos, políticos e culturais, que lhe conferem a participação em um determinado momento histórico.

Dessa forma, Minayo (2016) destaca que o/a pesquisador/a que trabalha com a pesquisa qualitativa compreende sua atuação a partir da interpretação da matéria-prima das experiências e vivências do cotidiano, considerando que tais experiências e vivências são inseparáveis das linguagens e das práticas sociais cotidianas. ‘

Nessa direção, González Rey (2005) discute acerca da preocupação em desenvolver uma metodologia de pesquisa que compreenda os desafios das sociedades contemporâneas, que são cada vez mais dinâmicas e complexas. Sabe-se que a realidade se encontra em constante mudança e que, portanto, é necessário que os/as pesquisadores/as não somente se atentem à visão centrada nos instrumentos de construção de informações, mas que avancem na perspectiva de reconstruir, permanentemente, o processo de pesquisa, articulando a construção teórica com os indicadores empíricos.

Para Madureira e Branco (2001), a metodologia qualitativa corresponde a um processo cíclico, considerando as concepções de mundo e as experiências intuitivas do/da pesquisador/a, além do fenômeno e da teoria. Para as autoras, os instrumentos de pesquisa não consistem em um fim em si mesmo, não são considerados um “meio” para se obter respostas ou acessar os conteúdos, são um espaço dialógico, que adquirem significados no momento de co- construção das informações.

Desse modo, a presente Dissertação possui a psicologia cultural como base teórica, mas se inspira na epistemologia qualitativa proposta por González Rey (2011, 2005), na qual compreende que a pesquisa se configura como um momento propício para novas construções, “cujos princípios fundamentais são o caráter construtivo-interpretativo, a legitimação do singular e o caráter interativo e dialógico.” (Gonzalez Rey, 2005, p. 38).

O primeiro princípio compreende o conhecimento como uma produção construtiva-interpretativa. Esse pressuposto considera o conhecimento como produção permanente, a partir da superação da dicotomia entre o momento empírico e a teoria. Dessa forma, a proposta epistemológica desenvolvida por González Rey (2005) desataca que o momento empírico é compreendido como um momento que não se separa da produção teórica.

O segundo pressuposto compreende o caráter interativo do processo de produção do conhecimento. Segundo González Rey (2005) esse pressuposto considera o processo de pesquisa como relacional, a partir dos diálogos entre participantes e pesquisador/a, considerando até as informalidades que surgem durante a comunicação, visto que são momentos que também possuem informações relevantes para a pesquisa, ou seja, o inusitado e o imprevisto são informações para a pesquisa.

O terceiro princípio da Epistemologia Qualitativa desenvolvida por González Rey (2005) considera a significação da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento. Esse pressuposto considera o sujeito como singular em sua constituição subjetiva, sendo assim, esse pressuposto se propõe a compreender das necessidades de conhecimento que ocorrem durante a pesquisa, através da qualidade da relação entre o/a pesquisador/a e o/a participante (Mori & González Rey, 2011). Nesse aspecto, Mori e González Rey (2011) discutem que “O conhecimento não se legitima pela quantidade de

sujeitos pesquisados, mas pela qualidade de sua expressão, sobre a qual é desenvolvido o modelo teórico sobre o qual descansam os significados produzidos no curso da pesquisa” (p.102).

Assim, a Epistemologia Qualitativa desenvolvida por González Rey (2005) se caracteriza como uma perspectiva crítica à epistemologia positivista, visto que González Rey (2005) compreende a importância da metodologia qualitativa considerar a pesquisa a partir de articulações entre o momento empírico e a produção teórica. Na pesquisa qualitativa, os/as pesquisadores/as devem considerar a parcialidade, oposta à neutralidade defendida pela perspectiva positivista, compreendendo a pesquisa como uma faceta do momento sociocultural, e não como um reflexo desse momento (González Rey, 2005). Nessa perspectiva, na Epistemologia Qualitativa desenvolvida por González Rey, não se pretende buscar a neutralidade científica, uma vez que na produção dos conhecimentos científicos, não consegue separar as emoções e a história de vida do/a pesquisador/a do momento empírico (Gonzalez Rey, 2005).

No entanto, a sabe-se que nas pesquisas científicas, tradicionalmente, a parcialidade do/a pesquisador/a é considerada como “fonte de erro”, devendo, portanto, ser desconsiderada, visto que na metodologia instrumentalista os fenômenos são investigados a luz de uma única metodologia, que considera o acúmulo de “dados observáveis” e a formulação de leis universais que expliquem os fenômenos investigados (González Rey, 2005; Madureira & Branco, 2001).

Tal perspectiva se refere à epistemologia positivista, na qual é caracterizada por um pensamento dualista, ao considerar a imparcialidade do/a pesquisador/a diante da sua produção científica, separando o/a pesquisador/a de sua pesquisa, objetivando a neutralidade da ciência. Tal concepção se fez presente de forma majoritária no pensamento científico a partir do século XIX, uma vez que se compreendia a realidade

como fixa, estável e externa ao sujeito, ou seja, compreendia-se o mundo a partir de leis universais que explicam o funcionamento do universo de modo mecanicista (Madureira & Branco, 2001).

Ademais, Madureira e Branco (2001) destacam que um dos legados do positivismo, o instrumentalismo metodológico, compreende que o mais importante na produção científica seriam os "meios", pois o "como" investigar a realidade na perspectiva epistemológica positivista, desconsidera a construção social e subjetiva que envolve a ciência, destacando a suposta imparcialidade da produção científica, uma vez que não considera os sujeitos dos conhecimentos como sujeitos ativos na produção científica.

Desse modo, a pesquisa foi inspirada nos fundamentos centrais da Epistemologia Qualitativa desenvolvida por González Rey (2005), uma vez que compreende as relações entre pesquisador/a pesquisado/a como condição fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. No entanto, é importante esclarecer que não foi utilizado o método construtivo-interpretativo proposto pelo autor, uma vez que foi utilizado um instrumento de pesquisa que se difere dos instrumentos que são utilizados no método construtivo-interpretativo. O instrumento de pesquisa utilizado foi a entrevista semiestruturada.

Nesse aspecto, cabe mencionar que "a entrevista semiestruturadas compreende a confecção de um roteiro com perguntas principais que são complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista" (Manzini, 1990/1991, p. 154). Tal característica da entrevista semiestruturada, "pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas" (Manzini, 1990/1991, p. 154). Ademais, as entrevistas semiestruturadas

facilitam o trabalho de identificação de pontos de convergência e de divergências nas falas dos/das participantes em relação as temáticas investigadas (Minayo, 2016).

Nesse sentido, Madureira (2007) ressalta que a flexibilidade no processo de pesquisa é uma característica importante da pesquisa qualitativa. No entanto, é necessário sistematizar e esclarecer como serão percorridos os caminhos da pesquisa.

Sendo assim, os pressupostos centrais da Epistemologia Qualitativa proposta por González Rey (2005) foram importantes na compreensão do diálogo da pesquisadora com os/as adolescentes, considerando tal experiência como uma forma de co-construção de informações relevantes a respeito das experiências dos/as participantes a no que se refere as temáticas investigadas.

Cabe destacar, que foram utilizadas imagens estáticas e em movimento como instrumentos de pesquisa, a fim de complementar a entrevista semiestruturada. Os/As participantes tiveram a oportunidade de criar representações visuais, como por exemplo, desenhos, colagens e vídeos. Nesse sentido, Madureira (2012) discute que a utilização de imagens em pesquisas empíricas, como artefatos culturais, se configura como uma importante ferramenta, visto que possibilita o acesso aos significados compartilhados socialmente e os modos de ser e de agir dos diferentes indivíduos (Madureira, 2012).

Dessa forma, as imagens enquanto ferramentas metodológicas, permitem o acesso aos sentimentos, crenças, emoções e atitudes em relação aos temas que as pesquisas querem abordar. As imagens permitem que os/as pesquisadores/as tenham acesso a informações que dificilmente seriam acessadas de modo racional, ou seja, apenas com perguntas fechadas (Barreto, 2016).

De forma mais específica, as categorias analíticas temáticas construídas, que nortearam o trabalho interpretativo, foram: 1) Cultura digital, imagens e aparência

corporal; 2) Livros, filmes e séries na promoção dos direitos humanos e; 3) A arte e suas implicações educacionais na percepção de adolescentes

5.1 Participantes

Participaram da pesquisa cinco estudantes, de ambos os gêneros do Ensino Médio, sendo quatro estudantes oriundos de escolas públicas e privadas do Distrito Federal e um estudante oriundo de uma escola privada em Fortaleza, Ceará. Os/as estudantes convidados/as a participar da pesquisa estavam na faixa etária entre 15 e 16 anos. A escolha dos/as participantes ocorreu via rede social da pesquisadora.

A seguir, apresento, na Tabela 1, os dados sociodemográficos dos/as participantes. Os nomes apresentados são fictícios, por questões éticas que envolvem o sigilo em relação à identidade pessoal dos/as participantes.

Tabela 1

Participantes da Pesquisa

| Nome | Idade | Ano Escolar | Gênero | Pertencimento Étnico - Racial | Tipo de Escola |
|-------------|--------------|--------------------|---------------|--------------------------------------|-----------------------|
| Alice | 16 | 3º ano | Feminino | Branco | Privada DF |
| Anne | 15 | 1º ano | Feminino | Pardo | Privada DF |
| Felipe | 15 | 1º ano | Masculino | Branco | Privada DF |
| Isabela | 16 | 2º ano | Feminino | Branco | Pública DF |
| Leo | 15 | 1ºano | Não definido | Pardo | Privada CE |

5.2 Materiais e Instrumentos

Foram utilizados, para a realização da pesquisa, os seguintes materiais: notebook para utilização do Google Meet, gravador de áudio e um celular, uma vez que as entrevistas foram realizadas no ambiente virtual, Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de Assentimento. De forma mais específica, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexos A e B) foi enviado aos/as participantes maiores de idade e aos responsáveis legais dos participantes menores de idade, e o Termo de Assentimento (Anexo C) foi enviado aos /as participantes menores de idade.

Para a realização da pesquisa foram utilizados os seguintes instrumentos: um roteiro de entrevista semiestruturado (Anexo D) constituído por perguntas abertas, um vídeo retirado do *YouTube*² que aborda o tema focalizado na pesquisa. e uma atividade que envolveu a criação de uma representação visual estática e/ ou em movimento (como, por exemplo, desenho, pintura, fotografia, colagem) acerca cotidiano escolar dos/as adolescentes, sobre seus sentimentos sobre a cultura digital e dos sonhos dos/as adolescentes sobre o futuro,

5.3 Procedimentos de construção de informações

A pesquisa de campo foi realizada de modo virtual, em razão da pandemia da Covid-19 que, como já mencionado, ocasionou uma séria crise sanitária em nível mundial. Dessa forma, considerando os aspectos éticos envolvidos na realização de pesquisas com seres humanos, que incluem o cuidado com a saúde e o bem-estar dos/as participantes e da pesquisadora, a pesquisa ocorreu via ambiente virtual.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cMiCTfqSb4s>

Desse modo, primeiramente, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (CEP - UniCEUB). Após receber um parecer com a aprovação para a realização da pesquisa de campo por parte do CEP - UniCEUB, foram agendadas as entrevistas virtuais com os/as adolescentes, conforme a disponibilidade de horário dos/as participantes e da pesquisadora.

Antes do início das entrevistas, a pesquisadora apresentou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento aos/as participantes e explicou como iria proceder a pesquisa. Foi explicado que o nome de cada participante será mantido em sigilo e que não eram esperadas “respostas corretas” por parte dos/as participantes, mas sim suas opiniões e posicionamentos pessoais em relação ao tema investigado. As entrevistas com os/as estudantes foram entrevistas individuais semiestruturadas virtuais.

Sendo assim, a partir das perguntas norteadoras, seguindo o roteiro de entrevista elaborado para os/as estudantes, foram discutidas questões acerca dos impactos das representações visuais difundidas na cultura digital e suas implicações nas relações dos/das adolescente com a sua aparência corporal. Foram realizadas, ao todo, dez entrevistas individuais semiestruturadas virtuais, duas entrevistas com cada participante.

Em linhas gerais, na primeira entrevista individual semiestruturada, a partir das perguntas norteadoras, a pesquisadora discutiu com os/as participantes o tema central da pesquisa e propôs que os/as participantes elaborassem três representações visuais estáticas ou em movimento (como, por exemplo, desenho, pintura, fotografia, colagem, ou vídeos curtos) sobre: (a) seu cotidiano escolar; (b) seus sentimentos sobre a cultura digital; e (c) seus sonhos para o futuro. As produções dos/as participantes foram discutidas na segunda entrevista realizada.

Desse modo, na segunda entrevista realizada com cada participante, foram discutidas questões sobre as representações visuais produzidas pelos/as participantes e foi apresentado o vídeo, uma propaganda da Coca-Cola sobre preconceito e aparência corporal, em que homens de diferentes culturas conversavam com as luzes apagadas,

A fim de promover o diálogo com cada participante sobre o tema em questão. Cabe ressaltar que os instrumentos de pesquisa escolhidos pela pesquisadora contemplam as artes visuais, uma vez que pode facilitar as expressões e emoções dos/das participantes.

5.4 Procedimentos de análise

As informações construídas nas entrevistas foram analisadas à luz da Análise de Conteúdo de Bardin (2010) em sua vertente temática, na qual se baseia em operações de desmembramento da produção científica em unidades para descobrir os diferentes núcleos de sentido, que possui como ponto de partida a comunicação e, posteriormente, realizar o seu reagrupamento em classes ou categorias. A autora acrescenta que a partir desse procedimento é possível elaborar as categorias analíticas, uma vez que possibilita a identificação de trechos significativos, convergências e divergências entre os conteúdos, que compreendem os objetivos da pesquisa (Bardin, 2010; Gomes, 2016). Além disso, o método da Análise de Conteúdo considera a investigação do que está por trás dos conteúdos expressos, investigando o que está para além do que é comunicado explicitamente nas entrevistas (Gomes, 2016).

Desse modo, ao final das transcrições das entrevistas com os/as estudantes ocorreu a análise e interpretação dos resultados obtidos. Tal análise foi orientada a partir de categorias analíticas temáticas, construídas em conjunto com a professora

orientadora, com base nos objetivos da pesquisa, nos temas mais significativos e recorrentes nas entrevistas e na fundamentação teórica da pesquisa.

Para a construção das categorias analíticas temáticas, cabe mencionar que foram realizadas leituras das transcrições de modo a articular o referencial teórico adotado no presente estudo, a partir da delimitação dos objetivos, a fim de identificar aspectos relevantes das tendências presentes nos fenômenos analisados, através da investigação dos conteúdos subjacentes nas falas dos/das participantes (Gomes, 2016.)

Para Cardoso et al (2021), a Análise de Conteúdo é um importante procedimento de análise para as pesquisas qualitativas, uma vez que busca analisar os significados das comunicações a fim de compreender e interpretar os efeitos que as comunicações exercem nas pessoas. Ademais, a Análise de Conteúdo enquanto método de análise compreende a articulação dos conteúdos pesquisados com a fundamentação teórica do estudo e com seus objetivos.

Nesse sentido, a Análise de Conteúdo desempenha um importante papel nas pesquisas sociais, visto que reconhece a não neutralidade entre pesquisador/a e participantes, considerando o rigor científico necessário, uma vez que apresenta orientações e princípios sistematizados (Cardoso et al, 2021).

Para Cardoso et al (2021), o método da Análise de Conteúdo compreende que as mensagens oriundas das comunicações orais, escritas, documentais, dentre outras, necessariamente expressam significados, que não podem ser considerados sem as condições contextuais de quem as produziu. Cabe mencionar que, no presente estudo, ocorreu a análise dos significados expressos nos conteúdos que emergiram no decorrer das entrevistas realizadas.

6. Resultados e Discussão

Após a finalização das dez entrevistas individuais semiestruturadas e da transcrição das respostas dos/as participantes, foi possível analisar, de forma mais aprofundada, os impactos das imagens presentes na cultura digital na relação dos/as adolescentes com a sua aparência corporal. Os resultados são apresentados e discutidos tendo como base as três categorias analíticas temáticas apresentadas anteriormente. Os nomes apresentados são fictícios, escolhidos pelos/as próprios/as participantes, a fim de garantir o sigilo em relação às suas identidades pessoais.

6.1 Cultura Digital, Imagens e Aparência Corporal

(...) A primeira mídia é o corpo, pois se acredita na sua potencialidade e na sua riqueza comunicativa incalculável. O corpo é a mídia mais rica, sendo o conjunto de expressões, movimentos dos membros, comunicação não verbal e verbal em um limite temporal e espacial. A segunda mídia são sinais feitos pelos corpos, ou seja, necessita da primeira mídia para existir; as imagens, as representações imagéticas e a escrita são exemplos desse tipo de mídia, ou seja, registros materiais externos ao corpo são produtos da mídia secundária (Coelho, 2019, p. 39).

Instagram, Youtube, Tik Tok, Whatsapp, Pinterest são exemplos de plataformas digitais, meios de comunicação virtuais, mais conhecidos como redes sociais, que compõe aspectos da cultura digital na contemporaneidade. Tais plataformas podem ser

acessadas através de aparatos tecnológicos, como, por exemplo, smartphones, computadores, dentre outros. Nesse sentido, os/as participantes comentaram que as plataformas mencionadas anteriormente são as mais utilizadas por eles no cotidiano para diferentes finalidades, bem como interagir socialmente, buscar inspirações, conhecimentos e aprendizados e até mesmo como hobby. Nesse aspecto, o participante Leo comenta sobre seu hobby: (...) *todo dia danço na frente do espelho e digito com influencers no youtube e no instagram (...)*. E, o participante Felipe ao comentar sobre os meios de comunicação virtuais que mais gosta destaca que:

Eu gosto muito do Tik Tok e do instagram. Tik Tok porque você se diverte bastante e o instagram porque sou um cara muito fotogênico, eu gosto de tirar bastante foto minha, gosto de postar fotos, gosto de conversar com as pessoas também, gosto de ver sobre a vida das pessoas e as suas fotos.

A maioria dos/as participantes comentaram gostar de acessar o *instagram* para postar fotos, interagir com amigos e ver sobre a vida das pessoas. Apenas dois participantes não destacaram o *instagram* como a sua rede social de preferência, como o participante Leo e a participante Alice, que fez o seguinte comentário:

(...) o instagram acho que passa muito da vida dos outros e eu acabo me cansando sabe, porque é toda hora passando várias coisas, não sei, acho que aparece que a vida dos outro é muito perfeita, essas coisas, acabei cansando, é tanto que fico desinstalando toda hora. Por isso que eu gosto do Pinterest porque são ideias, não é mostrando a vida dos outros.

Nessa direção, os/as participantes mencionaram que passam, em média, de 4 a 7 horas utilizando as redes sociais e as demais plataformas digitais, se dividindo entre conteúdos de lazer e conteúdos voltados à escola. Conforme mencionado anteriormente, os/as adolescentes e jovens mantêm alto índice de contato com as tecnologias digitais, constituindo um grupo que faz o uso constante da internet, principalmente os adolescentes na faixa etária entre os 15 a 17 anos (Tavares & Melo, 2019). Sabe-se que, na contemporaneidade, a internet e os aparatos tecnológicos permitem a veiculação de imagens em grande velocidade, principalmente, através das redes sociais e de diversos aplicativos digitais que envolvem a interação humana.

Nesse sentido, somos cercados por imagens no nosso cotidiano, que possuem diversas finalidades, como, por exemplo, aguçar nossos sentidos, sensibilizar o nosso olhar e capturar nossos desejos em relação a estilos de vida, produtos de consumo etc. (Santaella, 2012). Tais imagens são signos familiares para nós, o que nos desperta o desejo de possuir determinados produtos, ou seja, a publicidade apresenta conhecimentos que estão presentes nas sociedades (Sabat, 2001).

A autora também comenta que o objetivo da publicidade não é apenas induzir as pessoas ao consumo, ela também é um artefato cultural e acaba por exercer uma pedagogia cultural, que por sua vez produz e reproduz valores, saberes e crenças que regulam hábitos e modos de ser das pessoas (Sabat, 2001).

Dessa forma, é possível perceber que, na contemporaneidade, imagens dos nossos corpos são constantemente exibidas, principalmente, através de fotografias e vídeos. Os *selfies*, que retratam a imagem de si, cada vez mais invadem as redes sociais. No entanto, existem padrões estéticos hegemônicos que são disseminados através das imagens e que correspondem aos corpos magros, bem definidos, joviais e brancos (Ribeiro, 2016).

Os/as participantes ao serem questionados/as sobre os padrões de beleza disseminados na cultura digital em sua maioria comentaram sobre a padronização dos corpos, bem como a participante Anne que fez o seguinte comentário:

Tem muito corpinho padrão no instagram, muito corpo plastificado, eu prefiro as pessoas que aparecem no Tik Tok porque elas aparecem mais naturais, porque no instagram eu percebo que mesmo os corpos mais desconstruídos, aparecem de forma forçada.

O participante Felipe também fez o seguinte comentário: “*Eu percebo que muita gente gosta de seguir a moda bastante, nossa senhora, tem uma moda ali e o povo começa a sair do jeito que todo mundo ta saindo e começa a seguir a moda*”. Nesse aspecto, os/as participantes fizeram referências à padronização dos corpos, em que as pessoas, atualmente, recorrem a diferentes artifícios para se adequarem aos padrões estéticos hegemônicos. Artifícios como, por exemplo, cirurgias plásticas, dietas restritivas, exercícios em excesso, ingestão de fármacos, dentre outros procedimentos (Ribeiro, 2016).

Sabe-se que os padrões estéticos hegemônicos são disseminados, em sua grande maioria, pelas mídias digitais, onde associam felicidade e saúde, normalmente, à magreza e à juventude (Ribeiro, 2016). A participante Alice também fez o seguinte comentário sobre os padrões de beleza na cultura digital:

Eu acho que é muito o corpo né, na verdade é tudo assim que eles botam né. Eu vejo muitas pessoas fazendo preenchimento labial, rinoplastia, toda pessoa que

fica famosa acaba fazendo rinoplastia, ou nossa! É muita coisa, são muitos padrões que as mídias impõem.

Tendo isso em vista, é importante destacar que o Brasil é líder mundial no ranking de cirurgias plásticas em jovens. Segundo os dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBPCP)³, dos quase 1,5 milhão de procedimentos estéticos feitos em 2016, 97 mil (6,6%) foram realizados com adolescentes até 18 anos de idade. Além disso, o Brasil em 2019 realizou 13,1% do total de procedimentos, seguido dos Estados Unidos, com 11,9%, segundo a *International Society of Aesthetic Plastic Surgery* (ISAPS)⁴. De acordo com a SBPCP⁵, nos últimos dez anos, ocorreu um aumento significativo aumento no número de procedimentos entre jovens de 13 a 18 anos, sendo as cirurgias mais requisitadas, os implantes de prótese de silicone, a rinoplastia e a lipoaspiração.

Os/as participantes da pesquisa ao serem questionados se estavam satisfeitos com os seus corpos responderam, em sua maioria que sim, apenas uma das participantes relatou que não estava completamente satisfeita, mas mencionou que estava mais satisfeita do que antes. A participante Anne também comentou que estava mais satisfeita e fez o seguinte comentário:

Não diria que insatisfeita, mas diria que mais satisfeita que em muito tempo. A gente está acostumado, pode ser que é muito por causa da quarentena. Estou ficando muito em casa, tem essa questão de sair e se comparar com todo mundo.

³ Disponível em: <http://www2.cirurgioplastica.org.br/wp-content/uploads/2017/12/CENSO-2017.pdf>

⁴ Disponível em: <https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2020/12/ISAPS-Global-Survey-2019-Press-Release-Portuguese.pdf>

⁵ Disponível em: <http://www2.cirurgioplastica.org.br/pesquisas/#>

Não curto mais instagram, parei de seguir muitas coisas. Então, estou eu e eu aqui, não tenho muito com quem se comparar.

A pesquisa intitulada “Autoimagem e satisfação corporal em adolescentes escolares” (Silva et al, 2018), realizada em 2018, com 2050 participantes adolescentes, demonstrou que 71% das pessoas do gênero masculino afirmaram estar satisfeitos com sua aparência corporal; 15,3% insatisfeitos; e 13,7% eram indiferentes. No entanto, as pessoas do gênero feminino, 59% relataram estar satisfeitas, 26,8% insatisfeitas e 14,2% disseram ser indiferentes. Dessa forma, é possível perceber que existe uma diferença entre os gêneros em relação à satisfação corporal.

Sabe-se que, historicamente, as mulheres são mais cobradas socialmente em relação à beleza e os homens são mais cobrados em relação à força laboral, ao conhecimento e ao poder (Scavone, 2010). O corpo feminino foi por um longo período da história e ainda é, em algumas sociedades contemporâneas, considerado “um corpo assujeitado, medicalizado, à mercê de políticas morais, religiosas ou demográficas de Estado” (Scavone, 2010, p. 37). Em uma sociedade patriarcal, é possível perceber o corpo feminino, como aquele que sofre intensa dominação masculina, sendo um corpo submetido aos prazeres e aos desejos dos homens (Boris & Cesídio, 2007).

Nesse aspecto, Loponte (2002) discute sobre como o corpo das mulheres era representado historicamente pelas artes visuais europeias, principalmente a partir do período Renascentista. A autora comenta que os corpos femininos eram frequentemente representados em esculturas e pinturas como figuras passivas e submissas, principalmente nas pinturas e esculturas produzidas pelos homens, e a sua sexualidade estava submetida aos julgamentos de quem a produzia e a dos homens que

contemplavam as obras (Loponte, 2002). Assim, o corpo feminino era representado como um objeto visual, para ser contemplado pelo olhar dos homens (Berger, 1980).

No entanto, a partir do século XIX, surge o movimento feminista, que questionou e ainda questiona as desigualdades sociais entre homens e mulheres, “bem como o direito de escolhas pessoais das mulheres sobre suas próprias vidas, de escolha sobre seu próprio corpo e de como se posicionar sociopoliticamente” (Coelho, 2019, p.18). Dessa forma, o movimento feminista obteve importantes conquistas, bem como o direito ao voto, direito à educação, direitos reprodutivos, proteção contra a violência doméstica, e viabilizou a abertura de debates e questionamentos sobre os padrões de beleza, sexualidade feminina, assédio sexual, dentre outras temáticas socialmente relevantes (Coelho, 2019). Entretanto, é importante destacar que mesmo que o movimento feminista tenha importantes conquistas, ainda há muita luta para manter esses direitos vigentes e para se obter mais conquistas, uma vez que no século XXI ainda existem pautas a serem defendidas e reafirmadas.

Atualmente, nas sociedades ocidentais, percebe-se a mercantilização do corpo feminino. Coelho (2019) destaca que o desenvolvimento tecnológico relacionado com o processo da globalização na contemporaneidade, evidenciou a objetificação dos corpos femininos, uma vez que os corpos na pós-modernidade, são relacionados ao capital que o produz (Novaes, 2013). Ou seja, os corpos na contemporaneidade adquirem significados a partir da sua relação com os valores da cultura das sociedades de consumo (Novaes, 2013).

Nas sociedades contemporâneas ocidentais, o corpo feminino é, cada vez mais, relacionado ao consumo, visto que a mídia e a publicidade disseminam padrões que, muitas vezes, dificultam que as mulheres se identifiquem com seus próprios corpos (Ribeiro, 2016). Desse modo, as mensagens que as imagens

disseminadas pela mídia transmitem permitem os processos de significação relacionados à necessidade de se obter determinada aparência corporal, uma vez que conforme mencionado anteriormente, a mídia associa saúde, beleza e felicidade à juventude, magreza e corpos bem definidos. Ademais, a mídia e a publicidade disseminam uma variedade de produtos de beleza para se atingir tal padrão estético, bem como produtos de beleza para o rejuvenescimento, maquiagem intervenções cirúrgicas, remédios para emagrecimento e diferentes aparelhos de ginástica direcionados à diversas partes do corpo (Del Priori, 2001).

Os/as participantes ao serem questionados/as se existe um padrão de corpo ideal e se fariam algo para corresponder a este padrão, a maioria respondeu que não existe um padrão de corpo ideal, comentando que o corpo ideal é aquele que te agrada e que é original. No entanto, a participante Isabela divergiu dos demais participantes ao fazer o seguinte comentário: *“Sim, o padrão que está na moda, eu faria, talvez a cirurgia do nariz, mas como eu disse o certo seria ser o que te agrada”*.

E, ao serem questionados/as sobre o que é ser bonito/a, a maioria dos/as participantes comentou sobre a pessoa ser original, ter uma personalidade agradável, ser uma pessoa boa, que ajuda aos outros. No entanto, dois participantes, Leo e Isabela, divergiram ao fazerem os seguintes comentários: *“Pintar os cabelos, mudar de visual o tempo todo. Eu sempre mudo de visual. Às vezes pinto o cabelo de azul, preto, loiro. Me sinto bem quando mudo. Me faz sentir bem. Uma pessoa bonita é aquela que sempre muda de estilo”* (Leo). A participante Isabela comentou que: *“Infelizmente, é estar dentro dos padrões, é horrível o que eu tô falando, acho que o certo seria ser o que te agrada, mas eu ainda acho que ser bonita é estar dentro dos padrões”*.

Percebe-se que na fala do participante Leo, ele destaca a mudança. Coelho (2019) ao comentar sobre as mudanças na aparência corporal, discute que mudar o

cabelo assim como mudar qualquer parte do corpo, pode significar, não só uma mudança estética, mas também, como se é visto por outras pessoas e como as pessoas se veem. Para Dantas (2011), “O corpo parece ser um molde que se adapta às significações sociais. Por vezes parece ser um rascunho que pode ser refeito ou aperfeiçoado de acordo com o desejo e o bolso do indivíduo” (p. 2). Nesse sentido, em relação ao comentário da participante Isabela, percebe-se a noção do corpo que precisa necessariamente estar dentro dos padrões estéticos hegemônicos, do corpo que necessita de procedimentos para ser “melhorado”, “ajustado” para ser considerado belo e forte (Dantas, 2011).

Os/as participantes, ao comentarem sobre como as pessoas do seu cotidiano lidam com a aparência física e sobre o que seus amigos e familiares pensam sobre seus corpos, mencionaram que convivem com diferentes tipos de pessoas, desde pessoas que se preocupam muito com a aparência até pessoas que são autênticas em relação ao corpo. Os/as participantes também comentaram que as famílias interferem pouco em relação a sua aparência corporal.

No entanto, a participante Isabela fez os seguintes comentários em relação à expectativa da família no que se refere à sua aparência corporal: “*Sim, mas poucas vezes, como eu gosto de usar muitas roupas curtas, minha família fala um pouco sobre isso, mas não estou mais ligando*”. Além disso, a participante comentou sobre como as pessoas que ela mais convive lidam com a aparência corporal:

As pessoas se importam muito. Tenho amigas que já alisaram o cabelo porque o crush só gostava de menina com cabelo liso, mas eu não as julgo porque eu também sou insegura com a aparência física, às vezes. A aparência física, querendo ou não é muito importante. (Isabela)

É possível perceber que, na atualidade, é enfatizado que as mulheres precisam cuidar de seus corpos, a fim de obter a satisfação e aprovação dos olhares do/a outro/a. Entretanto, o interesse em ser percebida por outras pessoas não é algo que todas as mulheres almejam, embora nas sociedades contemporâneas ocidentais a exposição da aparência física seja uma predominante forma de prestígio (Ribeiro, 2016).

Nessa direção, Zanello (2018) desenvolveu a metáfora da “prateleira do amor”, na qual se refere ao lugar simbólico ocupado pelas mulheres para serem escolhidas por um homem. Tal lugar se dá através do padrão estético ideal e da comparação e rivalidade com outras mulheres (Gama & Zanello, 2019). Dessa forma, quanto mais longe do padrão estético hegemônico, menos chances de ser escolhida e seu lugar na “prateleira do amor” será o de menor prestígio (Zanello, 2018).

O corpo na contemporaneidade encontra-se como “suporte de ações e significações, motivo de alegria e desilusões pelas práticas e discursos que suscita” (Dantas, 2011, p.3). Nesse sentido, o corpo pode ser visto tanto como um trunfo quanto um desafio diante das relações sociais em diversos âmbitos, bem como nas relações amorosas, na conquista de um emprego, entre outros (Ribeiro, 2016). Sabe-se que o corpo que não corresponde ao padrão estético ideal na atualidade enfrenta, frequentemente, situações de desprezo e desprestígio, o que se configura em situações de discriminação e estigmatização, que por sua vez proporcionam prejuízos às pessoas atingidas, tanto na esfera mental, social e física (Ribeiro, 2016).

É importante destacar que é imprescindível a discussão sobre a relação dos padrões estéticos hegemônicos e as questões raciais, uma vez que o padrão estético “ideal”, tem como referência principal o corpo do branco europeu (Coelho, 2019). Desse modo, infelizmente, é possível perceber o racismo em diversos comentários

“naturalizados” na sociedade brasileira contemporânea, comentários que associam o cabelo crespo ao “cabelo ruim”, ou comentários que associam que a pessoa negra é bonita quando possui traços finos, bem como boca e nariz afilados, ou possui olhos claros, ou seja, quando anulam traços associados à negritude (Coelho, 2019).

Dessa forma, Gomes (2002) destaca que muitas pessoas negras, nas sociedades ocidentais procuram artifícios estéticos para evitar estereótipos negativos em relação à sua aparência corporal e, para isso, utilizam-se de técnicas que, muitas vezes, são invasivas, bem como raspar os cabelos, usar pente quente para penteá-los, alisar o cabelo com produtos químicos que podem ser prejudiciais à saúde, dentre outras técnicas.

Nesse sentido, percebe-se que os cuidados com a aparência corporal ganham ênfase na contemporaneidade, e aparecem de diferentes modos, principalmente, como uma forma de estar preparado para enfrentar os julgamentos e expectativas sociais (Novaes, 2005). Desse modo, a participante Alice ao comentar sobre a criação de suas representações visuais sobre seus sonhos para o futuro e sobre como ela se percebe ou o que mais chama a atenção dela nas redes sociais, relata que a necessidade de se sentir bem consigo mesma, principalmente em relação a sua aparência corporal. Desse modo, a participante faz os seguintes comentários:

Sonhos para o futuro: (...) ter muito conhecimento, sempre ficar sabendo das coisas, aprendendo coisas novas e uma das coisas mais importantes é o amor-próprio, que é uma coisa que quero ter no futuro, é me sentir muito bem comigo, me olhar no espelho e falar “eu me amo de verdade, gosto muito de mim”. Às vezes eu me sinto muito insegura, às vezes tenho muito insegurança em relação à minha aparência. Eu quero me sentir muito bem comigo.

Já como eu me enxergo nas redes sociais, eu desenhei na primeira fotinha, que eu não posto nada, eu nunca postei nada, nunca, nunca, eu acho que também é uma insegurança que eu tenho de postar as coisas. Às vezes tiro muitas fotos, mas para mim nenhuma está boa o suficiente. Eu fico olhando as postagens dos outros e às vezes me sinto triste porque, às vezes, eu vejo que elas sempre postam coisa, não que isso seja coisa ruim, a pessoa postar que ela está feliz, mas às vezes eu olho que tem tanta coisa que acontece comigo e eu falo: parece que a vida das pessoas parece estar tão perfeita né, e acaba que a minha autoestima, baixa muitas vezes.

É apresentada, a seguir, a representação visual estática feita por Alice sobre a percepção de si nas redes sociais:

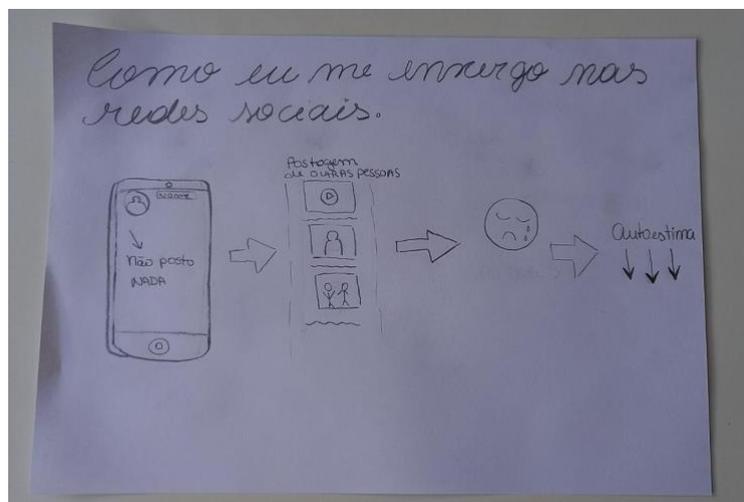


Figura 1

A participante mencionou que nunca publicou nenhuma imagem nas redes sociais, pois sua autoestima diminui ao ver as outras publicações das pessoas, as quais parecem ter uma vida “perfeita”. A participante Alice também comenta que deseja se

sentir bem com ela mesma, de ser mais segura, uma vez que se julga como uma pessoa insegura em relação à sua aparência atualmente.

Nessa direção, Sibília (2016) discute sobre a “espetacularização do eu” nas redes sociais, em que através de textos e imagens, as pessoas expõem até mesmo sua intimidade nas redes. Tendo isso em vista, sabe-se que as interações sociais através das redes sociais, são, em sua maioria, pautadas na aceitação e aprovação de si a partir do olhar outro. Nesse aspecto, existem dispositivos de interação, bem como a “curtida”, na qual valida a aprovação do conteúdo que foi publicado, indicando que determinada publicação é relevante e interessante de ser vista (Monteiro et al, 2020).

Segundo Monteiro et al (2020), as publicações mais apreciadas e de maior repercussão nas redes sociais, são aquelas que se referem ao corpo, beleza e saúde, principalmente, os conteúdos que seguem os padrões disseminados pela indústria da beleza. Atualmente, existem exceções, algumas influenciadoras digitais que possuem o perfil direcionado para a militância contra os padrões estéticos hegemônicos, estão cada vez mais ganhando destaque. No entanto, ainda percebemos que os conteúdos que não estão associados aos padrões estéticos ideais ganham menos destaque, e em alguns casos, os perfis dos usuários das redes sociais que não correspondem a tal padrão, são sujeitos a comentários depreciativos e abusivos.

Dessa forma, muitas pessoas sentem ansiedade ou algum outro mal-estar diante das redes sociais, outras pessoas buscam artifícios para lidar com as expectativas e cobranças sociais em relação à aparência física, bem como a utilização dos filtros nas redes sociais e aplicativos de edição de imagens. Os filtros são recursos que modificam fotos e vídeos quanto à sua iluminação, texturas e cores, podendo também ser utilizados para disfarçar as “imperfeições” corporais, bem como os aplicativos de edições de fotos, que podem retirar olheiras, gorduras, alterar as medidas do corpo, construindo uma nova

aparência que, em muitos casos, ganha medidas irreais e inalcançáveis para um ser humano (Silva, 2018).

Assim, os corpos na contemporaneidade tornaram-se fontes de modificação e intervenção. Nesse aspecto, para muitos adolescentes, o contexto escolar e o ciberespaço, são dois espaços de intensa convivência. Dessa forma, os/as participantes ao serem questionados se já viram ou se já sofreram *bullying* na escola relacionado com a aparência corporal, a maioria relatou que sim, que ou já sofreram ou já presenciaram situações desagradáveis envolvendo o *bullying*. A participante Isabela fez o seguinte comentário: “*Eu escuto muitos relatos, normalmente são com pessoas mais gordinhas, as pessoas isolam, não querem se relacionar afetivamente com elas, é triste*”. Os demais participantes apresentaram os seguintes comentários:

Eu. Quando era pequena sofria muito bullying. Do quarto ano até o sétimo ou sexto ano sofri muito bullying por causa da minha aparência, porque os meus dentes eram muitos tortos. Tinham vezes que o povo me zoava, e também meu cabelo fica meio tipo ondulado, mais volumoso e aí também ficavam zoando de mim, nossa era eu me sentia muito mal. Aí depois foi passando né. (Alice)

Já. Eu mesmo já sofri bullying. Quando no sexto e no sétimo ano eu era um pouquinho mais gordinho era bem cheinho. Eu sofria bullying era mais gordinho, pesava mais que os moleques da turma. Com o tempo fui crescendo e emagrecendo e parei de sofrer bullying. Naquela época eu me sentia muito mal, eu pensava em desistir de tudo. Pensava em nem ir para escola. Para mim, queria ficar na cama o dia inteiro. Para mim, as pessoas que fazem bullying são mau caráter. Pessoas do mau. Gostam de ver a tristeza dos outros. (Felipe)

Nossa demais! Principalmente, agora que estou em um colégio maior. No meu antigo colégio, que era um colégio minúsculo, familiar, já tinha muito. No colégio atual, mesmo em época de pandemia tem bullying. É uma coisa muito perto e muito distante da gente. Porque o colégio é muito grande, aí teve desde os primeiros meses, vi meninos marcando para brigar em porta do colégio por causa do bullying, menino que trata mal quinhentas meninas no colégio, brigando, é muito zona de adolescente de filme de colégio grande. Tenho alguns meninos “hétero top”, não quer ficar com as meninas porque ela é gorda. Acho isso ridículo, a gente tenta dar sermão nos amigos, mas geralmente não funciona muito. É mais viver com isso e tentar ajudar. Não tem muito o que fazer. (Anne)

Foi possível perceber, a partir da maioria dos comentários dos/das participantes, sobre o *bullying* com pessoas consideradas “gordas”, que estar fora das medidas ideais é motivo para exclusão e estigmatização. Para Paim e Kovaleski (2020), a gordofobia é a desvalorização da pessoa gorda, sustentada por pré-julgamentos de que a pessoa é fracassada, deprimida, descontrolada e descuidada, além de ser considerada preguiçosa e inapta a realizar atividades físicas.

O autor destaca que tal imaginário gordofóbico é disseminado e naturalizado através do nosso conceito de saúde, que enfatiza que magreza significa ter cuidado com o corpo, legitimando a abordagem normativa do peso, que incentiva intervenções como dietas restritivas, cirurgia bariátrica e outras cirurgias focadas no emagrecimento, além do constante automonitoramento do peso. Dessa forma, essa concepção de saúde acaba por promover a culpa e a exclusão das pessoas gordas, projetando nelas que são inaptas e que seu corpo não merece ser valorizado (Paim & Kovaleski, 2020).

Assim, é preciso combater a discriminação e o preconceito em diversos âmbitos, não somente o *bullying*, uma vez que o mesmo é direcionado à esfera escolar (Manzini & Branco, 2017). É necessário pensar em estratégias para desconstruir o padrão estético “ideal”, visto que a busca por este padrão pode promover o adoecimento psíquico e físico nas pessoas, pois não existem comprovações de que este padrão seja o mais saudável, e algumas estratégias para obtê-lo geram abdições em termos de prazer e prejuízos à saúde mental e física dos indivíduos (Coelho, 2019; Ribeiro, 2016).

Nesse sentido, acredito que as tecnologias digitais, bem como as redes sociais e as demais plataformas que promovem interações sociais no ciberespaço, podem ser uma forma de viabilizar a desconstrução dos padrões estéticos hegemônicos, visto que o mundo virtual é um espaço complexo, em que ocorrem tanto conflitos desgastantes quanto encontros construtivos e também aprendizados.

Nessa perspectiva, o vídeo retirado do *youtube* que se refere a uma propaganda da Coca-Cola sobre preconceito, utilizado na segunda entrevista com cada participante, possibilitou que os/ as participantes expressassem suas ideias sobre preconceito e estereótipos nas sociedades contemporâneas. Nesse aspecto, os/ as participantes destacaram que a sociedade em que vivemos cria estereótipos para as pessoas, principalmente em relação a aparência corporal. Os participantes Leo e Felipe comentaram que a experiência que os participantes da propaganda tiveram de conversar com as luzes apagadas, impossibilitados de ver a aparência corporal uns dos outros, foi interessante, pois pessoas com diferentes gostos, aparências corporais e nacionalidades, conversavam de forma respeitosa, e mesmo quando acederam as luzes e puderam ver a aparência uns dos outros, se respeitaram mesmo que surpreendidos. A seguir, os comentários dos/as participantes:

As pessoas que apareceram no vídeo eram muito diferentes umas das outras. Gostei de ver pessoas diferentes se comunicando sem preconceitos. A aparência física é algo importante, mas acontece que, muitas vezes, as pessoas não gostam uma das outras por motivo de aparência. Eu fico triste com isso. (Leo)

Eles não estavam se vendo direito e quando eles se viram foi uma quebra de expectativa que eles tiveram, porque você constrói querendo ou não uma imagem na sua cabeça e que pode te surpreender. Quando você descobre a verdade ou você se surpreende positivamente ou negativamente. Então eu acho que isso é meio defeito da sociedade, de impor que tal pessoa com aparência tal geralmente faz isso, e você acaba que não consegue imaginar que tal pessoa possa fazer outra coisa. As pessoas impõem muitos estereótipos em cima umas das outras. Elas acreditam nisso fielmente, estranham que talvez uma pessoa não possa fazer tal ação por ela ser de tal jeito, não só de aparência, mas, em muitos outros aspectos (Isabela)

As pessoas rotulam muito as outras pela aparência, só que cada uma tem uma história, cada um tem um jeito e as vezes não tem nada a ver com a aparência mesmo, acho que as pessoas rotulam muito as outras, elas focam muito na aparência mesmo. Só que quando realmente conhecem a pessoa, dizem: nossa! nunca pensei que você era desse jeito. E aí foi o que aconteceu nesse vídeo (...). Porque é que nem quando mostrou o cara falando que não pensava que o outro cara de tatuagem teria os gostos que tem de leitura, porque já relacionam, por exemplo, um hobby, com aparência de um jeito, mas na verdade não é bem assim (Alice)

Tendo em vista os comentários dos/as participantes sobre o vídeo, foi possível perceber que o conteúdo da propaganda proporcionou reflexões e análises críticas sobre aparência corporal e preconceito, uma vez que os/as participantes expressaram suas ideias e sentimentos em relação a propaganda. Desse modo, o uso da tecnologia digital colaborou para que discussões construtivas acerca de um tema tão delicado fossem realizadas.

Nessa direção, a participante Anne ao criar sua representação visual sobre suas percepções quanto às redes sociais, criou uma montagem com as influenciadoras digitais que mais gosta. Ela comentou que se sente bem ao ler os conteúdos que as influenciadoras publicam, uma vez que abordam pautas sobre política, aceitação do próprio corpo, combate ao racismo, leitura de livros que promovem os direitos humanos etc. A seguir, é apresentado o comentário da participante Anne e a sua representação visual:

Eu nunca fui mundo muito ligada para esse lance de discurso, digital influencer e tal mas tinha umas que eu assistia muito, tipo a Isadora Figueredo. Eu assistia muito Elora, a Hanna que traz muita pauta política e a Jout Jout. Elas trazem padrões muitos desconstruídos mesmos. Da uma vibe boa assistir elas.



Figura 2

Além disso, a participante Isabela ao ser questionada sobre o que percebia dos padrões de beleza na cultura digital, fez comentários sobre as pessoas com cabelos cacheados, que ultimamente estão aparecendo mais na mídia. A participante considera que isso a ajudou a aceitar seu cabelo do jeito que ele é, sem precisar alisá-lo como antes. A seguir, o comentário da participante:

Eu percebo que os padrões estão se alterando, na tv não tinha menina com cabelo cacheado e hoje já aparece mais, e isso me ajuda a usar o meu cabelo do jeito que ele realmente é. Eu fazia muita progressiva, mas hoje eu consigo usar ele cacheado. Acredito que é uma forma de inclusão.

Nesse sentido, Gomes (2002) discute que se tem percebido uma maior aceitação quanto ao cabelo crespo e, sobretudo, em relação a não adequação ao padrão estético que tem como referência à branquitude. Sendo assim, destaca-se que as plataformas digitais também podem promover o respeito e a valorização da diversidade e a desconstrução de padrões de beleza, que são profundamente excludentes. Conforme mencionado anteriormente, as plataformas digitais também são espaços de ensino-aprendizagem e de protagonismos (Ramos & Boll, 2019).

Os/ as participantes comentaram que utilizam as plataformas digitais, bem como o *whatsapp* e o *youtube*, para realizarem trabalhos da escola, fazendo pesquisas e debatendo sobre os conteúdos das disciplinas escolares, o que exemplifica que tais plataformas podem ser utilizadas, também, como ferramentas educacionais. Percebe-se que as plataformas digitais utilizam signos verbais e visuais, bem como as palavras e as imagens. Desse modo, tais signos são artefatos culturais, que canalizam de formas

diferentes as significações das vivências dos indivíduos. Nesse sentido, os signos verbais e visuais enquanto artefatos culturais podem orientar os modos de pensar, agir e sentir das pessoas, dessa forma, é importante buscar conhecimentos sobre o trânsito entre a linguagem verbal e a linguagem visual, uma vez que os processos de significação envolvem um hibridismo dinâmico entre os signos verbais e visuais (Madureira, 2016)

Desse modo, ao serem questionados sobre como a cultura digital pode estar mais presente nas atividades cotidianas da escola, a maioria dos participantes comentou que a cultura digital já está presente, principalmente, durante a pandemia. Alguns/mas participantes, bem como Anne, Alice e Felipe comentaram que estão estudando no modelo híbrido e que percebem vantagens e desvantagens da presença da cultura digital nas atividades escolares. A participante Anne fez o seguinte comentário:

(...) você sai do colégio com dúvida em alguma coisa que você não conseguiu perguntar para o professor, você sempre tem a possibilidade de pesquisar no google e no youtube aulas da matéria e vai aparecer umas quinhentas aulas diferentes com diversos professores explicando a mesma matéria para você poder entender além de poder fazer atividade dá para fazer e estudar de outras formas.

Nesse aspecto, alguns participantes comentaram que se sentem mais distraídos ao utilizarem a internet para estudar e preferem os livros que você pode tocar, outros participantes preferem os livros digitais por acreditarem ser mais prático no cotidiano, uma vez que podem ser acessados através de diferentes aparatos tecnológicos, bem como *tablets*, computadores e *smartphones*.

Ramos e Boll (2019) discutem em seu capítulo intitulado “*A Cultura Digital e os Novos Contextos de Aprendizagem Quem Sabe Como e Onde Eu Aprendo Sou Eu*”, sobre as novas ecologias de aprendizagem, as quais permitem que os processos de ensino-aprendizagem ocorram em contextos além dos espaços formais de aprendizagem, como o ambiente escolar. As autoras compreendem que os espaços informais também podem fornecer conhecimentos e aprendizado, mas que devemos orientar os/as adolescentes a como utilizar os ambientes virtuais na busca do conhecimento, visto que o ciberespaço é um ambiente complexo e que pode conter conteúdos que podem prejudicá-los.

Dessa forma, a cultura digital possui diversas facetas e caminhos que podem tanto auxiliar os/as adolescentes no seu desenvolvimento quanto prejudicá-los/las. Nesse aspecto, as relações sociais que acontecem no ciberespaço podem e devem ser discutidas no ambiente escolar, uma vez que discussões sobre a preservação da integridade dos/as adolescentes, bem como o combate ao *ciberbullying* e ao *bullying* são de suma importância para o combate à violência e a promoção da cultura de paz na sociedade e no ambiente escolar. Tais assuntos podem ser trabalhados por psicólogos/as escolares a fim de que possam promover ações que conscientizem os/as adolescentes sobre os riscos e sobre como se utilizar a cultura digital para o bem-estar de todos/as.

Tendo isso em vista, os/ as participantes da pesquisa expressaram em suas falas ao longo das entrevistas, suas percepções e crenças a respeito das imagens disponibilizadas no mundo virtual e suas implicações na relação com a sua aparência corporal, a partir de reflexões e relatos sobre os conteúdos que mais gostavam de acessar nas plataformas digitais e sobre o que percebiam das interações sociais nessas plataformas.

Com isso, foi possível compreender as inseguranças, expectativas e perspectivas dos/as adolescentes acerca da sua aparência corporal e de como se percebem diante da cultura digital. Nesse aspecto, por um lado, alguns/algumas participantes se mostravam mais ativos/as e protagonistas em relação às suas ações, à aparência corporal e diante do mundo virtual. Por outro lado, outros/as se mostravam mais acuados/as e inseguros/as em relação às suas atuações no ciberespaço e à sua aparência corporal, bem como o receio de algumas participantes do gênero feminino em publicar nas redes sociais fotografias que envolvessem sua aparência corporal.

A partir da pesquisa bibliográfica realizada e das informações construídas através das entrevistas, percebe-se que, historicamente, as mulheres são mais cobradas para se adequarem aos padrões de beleza, principalmente, diante de uma sociedade machista que define, de forma rígida e hierárquica, os papéis de homens e mulheres. Nesse sentido, algumas participantes comentaram sobre as suas insatisfações e não identificações com seus corpos, e expressaram vontade em modificá-los, mas também relataram sobre a vontade de se amar e se aceitar cada vez mais. Nesse aspecto, as participantes apresentaram importantes reflexões sobre estratégias de empoderamento feminino, a partir das imagens disseminadas na cultura digital, mencionando influenciadoras digitais que lutam pelo respeito aos direitos humanos, bem como pela desconstrução dos padrões estéticos hegemônicos.

Cabe destacar que as participantes Alice e Anne, em suas discussões, demonstram-se ativas e reflexivas. Foi possível perceber que a participante Anne, mesmo que tenha comentado sobre não ser muito atenta às pautas sociais, procura ler e acompanhar influenciadoras digitais que discutem sobre política e direitos humanos de forma espontânea, sem que seja algo imposto. A participante Alice mesmo que não goste de se expor nas redes sociais, expressou importantes reflexões sobre os padrões

estéticos hegemônicos nas mídias digitais, e o fato de não querer se expor, mostra uma postura ativa diante de um cenário que ela não se sente a vontade de participar. Desse modo, foi possível perceber o papel ativo do sujeito que transforma, de diferentes formas, as mensagens culturais que recebe.

Ademais, acredito que um dos aspectos mais relevantes da pesquisa foi a criação de representações visuais por parte dos/as adolescentes, em que foi possível saber um pouco mais sobre os sonhos dos/das participantes para o futuro, suas percepções sobre a cultura digital e sobre seu cotidiano na escola, através da linguagem visual. As representações visuais criadas pelos/as adolescentes complementaram suas falas e facilitaram a expressão das suas emoções e sentimentos, principalmente sobre suas percepções acerca da cultura digital.

Nessa direção, a discussão acerca do vídeo, previamente selecionado, que aborda conteúdos sobre estereótipos e preconceito foi uma experiência enriquecedora, pois os/as participantes refletiram e analisaram criticamente sobre o quanto somos imediatistas e fazemos julgamentos apressados das pessoas, ao considerarmos apenas suas aparências corporais, sem ao menos termos a oportunidade de conversar com elas.

Os comentários dos/as participantes sobre o *bullying* em relação à aparência corporal foram significativos para pesquisa, visto que os/as adolescentes expressaram seus sentimentos e suas perspectivas sobre tal fenômeno, além de relatarem casos que já presenciaram ou ficaram sabendo. A maioria dos/as participantes associou o *bullying* à gordofobia e lamentaram a ocorrência de tal fato. Dessa forma, os relatos dos/as participantes possibilitaram a construção de discussões que visam contribuir com o combate à violência e com a promoção da cultura de paz tanto nas escolas quanto na sociedade, em um sentido mais amplo.

6.2 A Arte e suas implicações educacionais na percepção dos/as adolescentes

As artes, pelas suas potencialidades integradoras, oportunizam ao ser humano o desenvolvimento de competências para a vida, sejam elas cognitivas (aprender a conhecer), sociais (aprender a conviver), produtivas (aprender a fazer) ou pessoais (aprender a ser), pois, há uma experiência estética viva e que favorece a inter e transdisciplinaridade, seja como disciplina em uma instituição de ensino ou como tema/método numa ação transversal (Wendell, 2010 citado por Villaça, 2014, p. 82).

Quando pensamos em arte no contexto educacional, é possível lembrar das aulas de artes, aquelas aulas que, de uma forma equivocada, associamos com maior frequência apenas à diversão e/ou bagunça, a aulas menos importantes, em que os/as professores/as são em sua grande maioria os mais tolerantes e que pintar papéis, serrar, envernizar objetos seriam suas principais finalidades (Duarte Jr, 2019). Entretanto, a arte em diferentes contextos, bem como nas aulas de artes, apesar de proporcionar diversão, leveza e aliviar tensões, é também um recurso que potencializa o desenvolvimento da sensibilidade estética, do equilíbrio entre o emocional e o cognitivo, da imaginação e espontaneidade, além de contribuir para a formação cultural dos indivíduos (Chaminé, 2017).

Para Zanetti (2018), a prática artística no contexto escolar, pode ser considerada como uma experiência sensível, em que pode promover o desenvolvimento da criatividade, da expressão da individualidade e da empatia ao facilitar a expressão de si do sujeito a partir de algum outro lugar, ou seja, a partir de alguma manifestação artística. Dessa forma, Zanetti (2018) discute que a expressão através da arte pode promover o “trabalho de perdas, cultivar segredos, sonhos, desejos, promover o olhar

sensível, o acolhimento das individualidades e das subjetividades, criar espaço para que os alunos possam contar e recontar suas histórias, construir uma identidade “ (p. 262), além de estimular conhecimentos culturais, bem como sobre a sua cultura local e do Brasil. Para o autor, é importante que a estética seja entendida como um meio de falar sobre si e como uma forma de lidar com as emoções, afetos e pensamentos, bem como com seus medos, crenças, expressão das paixões etc. (Zanetti, 2018).

Zanetti (2018) também destaca que a arte pode atuar no desenvolvimento tanto das funções psicológicas ligadas às emoções e aos afetos, quanto das funções psicológicas relacionadas ao cognitivo, auxiliando na aprendizagem e pensamentos. Segundo Chaminé (2017), o pensamento, a memória, a sensibilidade e o intelecto são contemplados nos processos da arte e da educação. Para Read (2001), a arte deveria fazer parte do ensino de forma permanente, pois para o autor tanto a educação como a arte deveriam ter como finalidade a preservação dos sujeitos em sua totalidade e das suas capacidades mentais. Nesse sentido, a participante Alice comenta que:

Eu acho que a arte está muito relacionada à criatividade. Eu acho que quando a pessoa tem criatividade as coisas ficam muito mais legais, muito mais bonitas assim. Eu acho que a arte relacionada na escola, ela ajuda a desenvolver um lado da pessoa mais criativa, mais emocional, porque às vezes a gente está estudando é muito mais conteúdo na nossa cabeça, e a arte vai ajudar mesmo a gente desenvolver esse lado, mais aberto, assim o emocional da pessoa.

Nessa direção, a arte no contexto educacional não se restringe apenas as aulas de artes, uma vez que pode ser utilizada como metodologia no ensino-aprendizagem de outras disciplinas afim de motivar, dar sentido, e estimular a imaginação sobre diversos

conteúdo. A arte pode ser um importante instrumento mediador para auxiliar estudantes e educadores a lidarem com dificuldades de aprendizagem, uma vez que a arte permite mobilizar sentimentos e emoções cristalizadas em relação as demandas escolares, através da possibilidade da expressão de tais sentimentos, o que pode levar a transformação do que estava rígido e dificultando o aprendizado (Silva, 2004; Souza, Dugnani & Reis, 2018). Nesse aspecto, a participante Alice destaca:

(...) Os professores podem pedir para fazer resumo e aí você vai colocando imagens, por exemplo, história. História às vezes você pode ir botando imagem do que como você acha de como foi aquela batalha ou você vai botando às coisas de como aconteceu aquela história. Biologia também, podemos desenhar as células, desenhar às coisas também para não ficar só escrevendo e botar arte ali também.

Tendo isso em vista, Duarte et al (2018) comentam que a contemporaneidade exige interdisciplinaridade, visto que é caracterizada pela hiperconectividade. Nesse aspecto, exige-se uma nova perspectiva de articulação de conhecimentos, havendo a necessidade de se estabelecer outras relações estratégicas diante dos saberes, que sigam na direção contrária da fragmentação e da hierarquização dos conhecimentos.

Dessa forma, Chaminé (2017) discute sobre a valorização da arte como estratégia ou metodologia para a compreensão de conteúdos de diferentes disciplinas, uma vez que a arte tem o potencial de mobilizar os sentidos, de atingir os sujeitos em diferentes níveis, seja no nível racional, emocional, espiritual, físico, cultural e social. As artes conseguem mobilizar capacidades pessoais de forma significativa e conseguem tornar compreensíveis, através destas capacidades, algumas abstrações mais complexas.

Para a autora, “as artes misturam o processo e o conteúdo da aprendizagem; as artes exercitam e desenvolvem as aptidões intelectuais mais elevadas incluindo a análise, a síntese, a avaliação e a resolução de problemas” (Chaminé, 2017, p. 37).

Através da arte é possível facilitar debates sobre temas que são considerados tabus, ilustrar situações do cotidiano e questionar modelos e valores estabelecidos nas sociedades. Ademais, também facilita o contato com o outro e consigo mesmo/a, estimula o trabalho coletivo e permite o acesso a diversas manifestações culturais de diferentes povos (Chaminé, 2017). Assim, é possível que a arte possa ser utilizada como ferramenta educacional em diferentes disciplinas, visto que consegue abordar de diferentes formas, conteúdos diversos. Nessa direção, a participante Anne, ao ser questionada sobre a importância da arte nos processos de ensino-aprendizagem, comenta que:

(...) Principalmente pelo fato que faz a gente se sentir mais perto das coisas que a gente está estudando. Em vez de ler sobre os grandes feitos de um artista ou poder ver as obras, podemos fazer releituras delas e ver como essa obra inspirou outras pessoas a ver o mundo de outra forma até de uma forma mais colorida.

Nessa linha de pensamento, Soares (2016) destaca que as obras de arte ao serem contextualizadas, devem ser consideradas suas diferentes dimensões, como, por exemplo, a social, cultural, histórica, antropológica, biológica, ecológica, psicológica etc., visto que contextualizar uma obra de arte, muitas vezes, é interpretado como apenas o relato da vida do artista que a criou. No entanto, contextualizar uma obra de arte é refletir sobre ela de forma ampla, pensando sobre como tal obra foi criada, em

qual período histórico a obra foi produzida; quais materiais foram utilizados em sua produção; quais relações entre a obra e o mundo é possível estabelecer; quais eram os costumes das pessoas daquela época, e como é possível comparar com a atualidade e seus novos contextos.

Percebe-se que trabalhar com arte em suas diferentes expressões, é necessário saber contextualizá-la e como utilizá-la em determinados contextos. Napolitano (2013), na discussão que desenvolve sobre como usar o cinema em sala de aula, destaca algumas estratégias pedagógicas importantes, tais como: saber articular o conteúdo das obras cinematográficas com o conteúdo das disciplinas; verificar se os materiais e o espaço físico são adequados para a atividade; saber adequar as obras com os valores socioculturais dos/as estudantes e ter clareza do objetivo didático-pedagógico geral da atividade que envolve a obra cinematográfica selecionada.

Segundo Barbosa (1998) é importante que o/a mediador/a escolha por onde começar, ou seja, que escolha a metodologia para trabalhar com os estudantes. Nesse sentido, o/a professor/a, deve mostrar possibilidades em desenvolver a percepção, a observação, o espírito crítico, a interpretação, a imaginação e a sensibilidade.

Nesse aspecto, Zanetti (2018) discute sobre a necessidade do conhecimento das artes na formação de professores/as de disciplinas diversas, uma vez que a arte está em consonância com aspectos que devem ser trabalhados na escola, bem como levar a sensibilidade para o contexto escolar, estimular a autonomia, a humanização e o criar, além de permitir que o estudante possa lidar com o desconhecido. É importante destacar que através da arte é possível expressarmos a percepção que temos do mundo, da sociedade em que vivemos, incluindo nessa percepção, aspectos internos que, muitas vezes, não tínhamos o conhecimento que possuíamos, bem como mitos, crenças, preconceitos etc. (Villaça, 2014). Assim, o participante Leo comenta que: “(...) *quem faz*

a arte e a aprendizagem somos nós. (...) Gosto de pintar tudo que faço. Quando vou fazer um trabalho procuro sempre colocar cor. Procuro sempre desenvolver temas que gosto e sempre colocando cor no trabalho”.

Para Chaminé (2017), a arte é um meio para experimentar processos que além de apurar a afetividade e a sensibilidade, desenvolvem a independência e a colaboração.

Segundo a autora:

Os alunos que praticam regularmente atividades artísticas desenvolvem a autoestima e a autoconfiança porque se veem capazes de realizar um trabalho que é pessoalmente gratificante e publicamente reconhecido; as artes ajudam a desenvolver capacidades e atitudes essenciais para a aprendizagem e para a vida (...) desenvolvem a imaginação (...) capacidade indispensável (...) em diversos domínios científicos (...) também torna mais fácil a empatia entre as pessoas e um melhor conhecimento do outro (Chaminé, 2017, p. 37)

Dessa forma, salienta-se que as experiências estéticas promovem oportunidades da expressão de si. Sendo assim, a arte é uma parte imprescindível da vida humana e é tão importante e fundamental para garantir e promover a cidadania quanto outros saberes (Chaminé, 2017).

A arte ao possibilitar acesso ao conhecimento do novo, pode promover nas escolas o reconhecimento da alteridade, ou seja, o reconhecimento que “(...) o outro existe e está no nosso mundo, como nós estamos no dele.” (Gusmão, 2003, p.89). Entretanto, tal reconhecimento é um constante desafio tanto para a sociedade quanto para a educação, mas a arte pode ser um caminho para viabilizar reflexões e tomadas de sentido em relação ao “trânsito do outro pelo seu mundo e pelo nosso, sem confronto”

(Gusmão, 2003, p. 89), a fim de que seja possível lidar com as diferenças de forma respeitosa.

Assim, na contemporaneidade, é importante sabermos fazer o uso do sentido crítico para que possamos não apenas apreciar obras artísticas, mas também compreendê-las, uma vez que vivemos em um mundo extremamente visual, com diversas imagens estáticas e em movimento ao nosso redor, que podem ser encontradas dentro e fora da cultura digital.

Nesse aspecto, vivemos constantemente cercados de estímulos visuais, que muitas vezes, acabamos apreendendo sem analisar criticamente. Com isso, Chaminé (2017) discute que aprendemos a ler as imagens sem refletir sobre o que elas estão transmitindo, pois não somos acostumados com a alfabetização visual. Para Santaella (2012), a alfabetização visual se refere ao desenvolvimento de habilidades a partir da leitura de imagens, que compartilham significados em relação a determinadas informações. Segundo Santaella (2012) a alfabetização visual significa:

(...) significa aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, sem fugir para outros pensamentos que nada têm a ver com ela. Ou seja, significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são seus modos específicos de representar a realidade. (p.13)

Nesse sentido, Chaminé (2017) destaca que a educação precisa se atentar ao discurso visual, ensinar a gramática visual e sua sintaxe por meio da arte e conscientizar os estudantes sobre o que eles estão aprendendo através das imagens que nos cercam no cotidiano.

Desse modo, foi possível perceber que a maioria dos/das participantes acredita no potencial da arte nos processos de ensino-aprendizagem. Os/ as participantes acreditam que a arte pode estar presente em diferentes disciplinas, a fim de aproximá-los do conteúdo, tornando mais compreensíveis abstrações complexas, que muitas vezes dificultam o aprendizado de determinados saberes. Além disso, ressaltaram a importância da arte para o desenvolvimento da criatividade, autenticidade e para a autorregulação das emoções.

Percebe-se, então, a importância da educação através das vias do sensível, visto que as artes promovem o desenvolvimento tanto emocional quanto cognitivo dos indivíduos (Schlindwein, 2010). Para a psicologia cultural, as obras artísticas são artefatos culturais, que canalizam de formas diversas os processos de significação das vivências dos indivíduos, envolvendo os seus pensamentos, suas ações e sentimentos (Madureira, 2016).

Assim, é imprescindível destacar a necessidade da valorização do trânsito entre diferentes linguagens, ou seja, a valorização das linguagens para além da linguagem verbal nos contextos educacionais, da educação infantil ao ensino superior, uma vez que as demais linguagens também promovem formações críticas, sensíveis e éticas em relação aos desafios contemporâneos (Madureira, 2016).

Dessa forma, as diferentes expressões artísticas são importantes ferramentas mediadoras para se trabalhar a empatia e a formação ética, em um sentido mais amplo,

das novas gerações, com o intuito de prevenir práticas de violência, bem como o preconceito e a discriminação em relação à aparência corporal.

Os/As participantes fizeram comentários importantes sobre os benefícios e desafios acerca das plataformas digitais enquanto ferramentas educacionais, destacando a diversidade de conteúdos que eles podem acessar através delas e como essas plataformas os ajudam na realização de trabalhos escolares e nas atividades diárias propostas pela escola. Os/as participantes também comentaram sobre os desafios de estudar no ensino híbrido e remoto em razão da pandemia, mencionado os pontos positivos e negativos em relação ao ensino presencial.

Outro ponto importante que cabe destacar diz respeito às discussões acerca da arte e suas implicações educacionais. Os/as estudantes destacaram como a arte pode favorecer os processos de ensino-aprendizagem e deram sugestões de como a arte poderia estar mais presente no cotidiano escolar. Os comentários e sugestões dos/as participantes foram significativos, uma vez que para eles/elas a arte pode favorecer tanto os processos de ensino-aprendizagem nas disciplinas escolares quanto o desenvolvimento socioemocional, além de estimular a criatividade.

6.3 Filmes, séries e romances na promoção dos direitos humanos.

“A arte traz consigo a potência para nos mobilizar em direção ao outro, inclusive ao outro que habita em cada um de nós” (Orlandi & Klein, 2017, p.1).

A partir dos comentários dos/das participantes sobre filmes, séries e romances, foi possível perceber nos relatos de dois participantes suas preferências por séries e romances que contam histórias que, de alguma forma, promovem reflexões sobre os

direitos humanos. Dessa forma, é importante destacar que os filmes, séries e romances são expressões artísticas que promovem experiências estéticas, e estimulam a criatividade, a imaginação e a autorregulação das emoções, podendo assim estimular o pensamento crítico, a fim de que novos conhecimentos relacionados às relações pessoais que estão em sintonia com princípios respeitosos e amorosos possam emergir (Orlandi & Klein, 2017).

Os processos criativos relacionados aos pensamentos reflexivos e ações na direção de um viver ético, solidário e que promova o respeito e a valorização da diversidade, necessitam de sensibilidade e abertura para o desenvolvimento de uma imaginação criadora para viabilizar contextos democráticos, que cooperam com a justiça social e propiciam o equilíbrio do direito à liberdade de expressão na sociedade, principalmente no que diz respeito à diversidade cultural (Orlandi & Klein, 2017).

Nesse sentido, a participante Anne ao comentar sobre os conteúdos que acessa nas plataformas virtuais, relata sobre acessar livros e os tipos de livros que está lendo atualmente.

(...) agora estou vendo muita resenha de livro em todas as plataformas. Comecei a ler em pouco tempo, então não tenho muito, mas, gostei muito de Vermelho e Branco, Sangue Azul, eu comecei a ler por esses tempos, foi o primeiro livro que eu li na vida fora do colégio, foi mais ou menos uns quatro meses atrás, comecei a ler e amei, achei maravilhoso, porque é sobre um romance LGBT e comecei a entender de uma forma mais leve sobre realidades que não são a minha. (Anne)

Percebe-se que na fala da participante, a leitura sobre realidades diferentes da que ela convive, permite tanto a percepção de si, quanto a do outro. Tal prática permite

uma sensibilização em relação aos contextos sociais e culturais na direção da expansão de consciência acerca do sentido de justiça social (Orlandi & Clein, 2017).

Nesse aspecto, Peres et al (2018) destacam que o uso de romances como elemento cultural pode ser favorável no compartilhamento das experiências, estimulando a imaginação e a criação. As autoras ressaltam que contar histórias acerca de temas sobre valores, diversidade, preconceito, violência, amizade etc., possibilitam a produção de significados sobre si, sobre os outros e/ou sobre a realidade compartilhada.

Nessa direção, é importante ressaltar que as experiências estéticas têm a potência de colocar os indivíduos em estado contemplativo, favorável à movimentação das emoções, possibilitando a criação de novos nexos, expansão da consciência e, por conseguinte, o desenvolvimento de ações em direção à transformação da realidade (Souza, Dugnani & Reis, 2018).

A participante Anne, ao comentar sobre um romance LGBT, suscita reflexões sobre a responsabilidade e a solidariedade com grupos que são historicamente excluídos. Dessa forma, aspectos sociais e coletivos podem ser trabalhados a partir da leitura de romances, assim como as séries e os filmes, que através das representações visuais podem promover experiências estéticas que suscitam reflexões e ações alinhadas com a defesa dos direitos humanos.

Nesse sentido, o participante Leo ao comentar sobre séries e filmes que mais gostou, fez o seguinte comentário: “(...) *foi Sangue e Água. Gostei porque não tinha costume de assistir série. Na Sangue e Água eram pessoas negras. (..) Sangue e Água é sobre racismo.*

O participante Leo, ao comentar sobre a série “Sangue e Água”, na qual é uma série em que a maioria dos personagens são negros e aborda temáticas sobre racismo e

sexualidade, permite a discussão sobre a importância das representações de grupos historicamente excluídos nos contextos sociais em séries, filmes e na mídia em geral.

Conforme mencionado anteriormente, a mídia tem um papel importante na construção do imaginário coletivo brasileiro. Nesse sentido, Silva (2015) discute que a mídia pode ser considerada como um importante veículo que dissemina ideias e perpetua posições destinadas aos indivíduos na sociedade contemporânea, principalmente, em relação a grupos sociais específicos como, por exemplo, os negros e negras.

Sabe-se que as representações de negros e negras na mídia em geral ou é invisibilizada ou está em uma posição coadjuvante e subalternizada. É comum ver em peças publicitárias que os traços fenotípicos de pessoas negras são invisibilizados, bem como seus cabelos encaracolados ou crespos que aparecem alisados ou encobertos, além de desvalorizarem o formato da boca e do nariz das pessoas negras, reforçando a busca pelos padrões estéticos hegemônicos que correspondem ao padrão estético branco (Silva, 2015).

Desse modo, destaca-se que, em muitos casos, as representações das pessoas negras difundidas na mídia podem contribuir para a exclusão e perpetuação do preconceito, através de imagens negativas que são vinculadas às pessoas negras. No entanto, atualmente, diferentes meios de comunicação veiculam conteúdos informativos através de textos, imagens, vídeos e produtos que ampliam o acesso a informações sobre a cultura afro-brasileira, desmitificando equívocos e favorecendo as relações étnico-raciais, destacando a representatividade negra (Silva, 2019).

Existem filmes, documentários e séries que retratam a história da cultura afro-brasileira, retratando seus costumes e suas lutas tanto no Brasil quanto em outros países,

possibilitando reflexões e aquisição de conhecimentos sobre o que aconteceu na história e o que acontece na contemporaneidade.

Nesse sentido, a mídia pode e deve estar a favor do empoderamento e fortalecimento da população negra, uma vez que seus corpos foram invisibilizados ou subalternizados por muito tempo diante das telas. Atualmente, as plataformas digitais, filmes e séries tem proporcionado o protagonismo das pessoas negras, contribuindo para divulgar seu ativismo político, desnaturalizar estereótipos de beleza associados ao corpo branco e viabilizar outras pautas de luta de afirmação da identidade negra. Segundo Napolitano (2013), é importante salientar que as produções cinematográficas são sempre criadas em contextos culturais e históricos específicos, assim as produções retratam quem as produziu e em qual contexto histórico e cultural elas foram produzidas (2013).

Tendo isso em vista, a participante Isabela ao comentar sobre os padrões de beleza disseminados na cultura digital, destaca que:

Eu percebo que os padrões estão se alterando, na tv não tinha menina com cabelo cacheado e hoje já aparece mais, e isso me ajuda a usar o meu cabelo do jeito que ele realmente é. Eu fazia muita progressiva, mas hoje eu consigo usar ele cacheado. Acredito que é uma forma de inclusão. (Isabela)

A partir do comentário da participante Isabela, foi possível perceber articulação entre a representatividade e o imaginário, uma vez que a possibilidade de visibilidade aparece quando o indivíduo se vê representado de forma positiva em filmes, nas redes sociais, na literatura, nas séries, dentre outros lugares que sua imagem possa ser representada.

Assim, é possível perceber que filmes, séries e romances que se constituem como artefatos culturais, podem ser pontes para a construção e fortalecimento identitário, além de auxiliar na desconstrução de estereótipos, principalmente, em relação a grupos em situação de vulnerabilidade social. Nesse sentido, a participante Anne, ao comentar sobre a série ou filme que mais gostou, discute que: “(...) *acho que seria a série Anne mesmo (...) Anne, a imaginação dela, as coisas, você fica doidinha de onde ela tira tudo isso. Ela é muito genial.*”

A série comentada pela participante refere-se a série “*Anne with an E*”, protagonizada por Anne, uma menina de 13 anos. A série se passa no começo do século XIX no Canadá. A personagem protagonista é conhecida por sua facilidade de comunicação e escrita. A menina possui opiniões progressistas e questionadoras para a época. Dessa forma, no desenvolvimento da trama, a protagonista Anne, encontra dificuldades de aceitação no contexto social em que vive e busca por um espaço no mundo. A série aborda discussões sociais da época e problemas enfrentados por Anne e os demais adolescentes da série, envolvendo os seguintes temas: diferentes oportunidades de educação, feminismo, questões étnico-raciais, homofobia e questões de gênero, liberdade de expressão e *bullying*.

Os temas abordados na série possibilitam reflexão sobre as demandas sociais da época em que se passa a série e a contemporaneidade. Dessa forma, a série estimula reflexões críticas e empáticas, na direção da aquisição de conhecimentos para se combater as ideias e ações ultrapassadas e excludentes que, infelizmente, ainda permeiam as sociedades contemporâneas.

As experiências estéticas através da literatura, filmes e séries se configuram como uma importante estratégia na resolução de demandas sociais através de discussões, reflexões e dinâmicas. É importante destacar que tal estratégia colabora para

a promoção de uma cultura de paz, uma vez que ao abordar temas tão sensíveis, fomenta a justiça social e a promoção dos direitos humanos.

Para tanto, as experiências estéticas mobilizam a sensibilidade e a imaginação que se distancia do aqui e agora para que se desenvolvam pensamentos e ações que promovam a justiça social. Conforme mencionado anteriormente, na seção teórica sobre a Psicologia Cultural, Valsiner (2012) discute que os seres humanos são capazes de se distanciar dos contextos sociais em que estão concretamente inseridos, possibilitando uma relação que transcende o “aqui-e-agora”, tanto em nível interpsicológico, como em nível intrapsicológico, através dos signos (Valsiner, 2012).

Nesse aspecto, a mediação semiótica é de fundamental importância. Para Peres et al (2018) e Zittoun (2016), é importante compreender como os indivíduos utilizam as ferramentas semióticas no enfrentamento de situações novas e imprevisíveis do cotidiano. Para Valsiner (2012), a mediação semiótica atua no fluxo irreversível do tempo, permitindo reflexões sobre o passado, sobre os contextos vivenciados no momento imediato, sobre o futuro e, também, sobre a capacidade de se colocar no lugar do outro, ou seja, a capacidade de ser empático (Valsiner, 2012).

Desse modo, Peres et al (2018) destacam que livros, filmes e séries podem ser elementos culturais que favorecem o uso de recursos simbólicos, ou seja, o uso de “significados e experiências que envolvem a mediação semiótica – pessoal, com os outros e com o mundo – e que exigem uma interação entre as pessoas e os elementos culturais” (Peres et al, 2018, p. 152). As autoras, compreendem que os filmes, séries e livros são artefatos culturais mediadores que envolvem recursos simbólicos e promovem uma exploração imaginária, e por conseguinte, participam do desenvolvimento psíquico dos indivíduos.

Para Peres et al (2018), o uso dos artefatos culturais mediadores vai além do significado pretendido, uma vez que para compreender as experiências culturais que tais elementos proporcionam, os indivíduos recorrem memórias e as emoções, o que contribui para a apreensão de novos pensamentos.

Dessa forma, os filmes, séries e romances tem o potencial para atuar nas dimensões afetivas, sociais e cognitivas dos seres humanos e expandir significados capazes de estimular valores voltados à solidariedade, à cidadania, uma vez que os recursos simbólicos fornecidos pelos elementos culturais, propiciam formas de mediação semiótica que contribuem para a elaboração de novos pensamentos e ações (Peres et al, 2018).

Assim, é possível salientar que o uso de recursos simbólicos a partir da mediação de filmes, livros e séries, proporcionam diálogos, interações e expansão da imaginação, estimulando o desenvolvimento humano. Nesse sentido, o participante Leo e a participante Anne fizeram importantes comentários sobre suas preferências de séries e romances, em que foi possível perceber seus interesses em conhecer sobre diferentes realidades e assuntos, que envolvem a promoção dos direitos humanos. Dessa forma, cabe destacar a importância dos romances, filmes e séries como artefatos culturais que podem auxiliar nas respostas da seguinte pergunta: “Como conviver com as diferenças e estabelecer relações solidárias e de equidade entre sujeitos diferentes?” (Gusmão, 2003, p.89).

Os/As participantes se mostraram muito interessados/as em conversar sobre o tema da pesquisa e expor seus sentimentos e opiniões durante as entrevistas. A maioria dos/as participante demonstrou interesse na busca pelo conhecimento sobre os direitos humanos, o que ficou mais evidente ao comentarem sobre suas preferências em relação às séries, filmes e romances, o que contribuiu para tornar as discussões ainda mais ricas

e instigantes. Desse modo, foram imprescindíveis, no presente estudo, as discussões sobre empatia, alteridade e a promoção de uma cultura de paz, destacando como a arte pode ser um instrumento mediador para se trabalhar temas delicados e urgentes nas sociedades contemporâneas.

Considerações Finais

Pensar sobre como o culto ao corpo vem se configurando como uma característica marcante das sociedades contemporâneas ocidentais, tem proporcionado para as ciências psicológicas importantes questionamentos a serem investigados. A partir do século XX, com o avanço tecnológico, os meios de comunicação e a medicina tornaram o corpo ainda mais evidente, de uma forma, que este vem se tornando o “pólo dos mais profundos desejos e um grande objeto de investimento” (Dantas, 2011, p.3).

As imagens estáticas e em movimento, veiculadas pelos meios de comunicação, disseminam, cada vez mais, conteúdos sobre o “corpo perfeito”, que por sua vez possui o potencial de superar limites e corresponder às expectativas individuais e sociais, principalmente, através de intervenções e modificações. Para Novaes (2013), na contemporaneidade, existem mais telas do que páginas, as imagens constituem a realidade, em vez de retratá-la, reproduzi-la e representá-la. Atualmente, vivemos em sociedades imagéticas, “Existir é ser visto” (...) “Olhar implica ser olhado; ver, ser visto; construir uma imagem é também ser afetado por ela” (Novaes, 2013 p. 78).

Dessa forma, as imagens tornam-se evidentes diante dos indivíduos na contemporaneidade, uma vez que os meios de comunicação de massa disseminam, de diferentes formas, a ideia de que ao adquirir determinadas imagens e produtos, as pessoas alcançarão felicidade, prestígio e saúde (Novaes, 2013; Coelho, 2019).

Os/As adolescentes, que fazem o uso constante da internet e de suas plataformas digitais, entram em constante contato com diversas imagens, sons e textos, que expressam diferentes emoções, sentimentos e significados no ciberespaço. Nesse sentido, a partir das entrevistas realizadas com os/as participantes da pesquisa, adolescentes estudantes do Ensino Médio, foi possível compreender como as imagens

presentes na cultura digital afetam as relações dos/as adolescentes com a sua aparência corporal.

Dessa forma, foi possível pensar sobre os desdobramentos futuros do presente estudo, visto que os temas discutidos e analisados podem contribuir para a elaboração de outros estudos e discussões que investiguem as potencialidades da arte, bem como da linguagem visual em um sentido mais amplo, tanto no âmbito educacional quanto em termos de desenvolvimento humano. As imagens enquanto representações visuais, conforme discutido no decorrer deste trabalho, estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano. É necessário, portanto, investirmos esforços no conhecimento da linguagem visual, uma vez que as imagens não são meros “enfeites” e apresentam diversas finalidades, as quais muitas vezes não paramos para refletir de forma crítica quais são essas finalidades devido ao nosso conhecimento escasso sobre a gramática visual.

Tendo isso em vista, as imagens, enquanto representações visuais, podem contribuir com o estímulo da imaginação e com o desenvolvimento da criatividade dos seres humanos, se tornando uma ferramenta para o trabalho de psicólogos/as e educadores. Assim, foi possível perceber que as imagens enquanto signos fornecidos pela cultura são importantes na percepção da aparência corporal, visto que norteiam nossos hábitos e modos de pensar. Dessa forma, a mediação semiótica, como um princípio explicativo de fundamental importância na psicologia cultural, destaca que os signos são como guias sociais e possibilitam os processos de canalização cultural, que por sua vez orientam a nossa forma de significar a nossa cultura e o mundo, bem como nós mesmos/as. Nesse sentido, o presente estudo destaca a importância dos fatores socioculturais nas relações dos/as adolescentes com a sua aparência corporal, bem como no que se refere ao desenvolvimento humano, em um sentido mais amplo.

Cabe destacar, também, que as discussões desenvolvidas no decorrer da presente Dissertação possibilitaram compreender como as experiências estéticas, incluindo as diversas expressões artísticas, podem se configurar como caminhos promissores para a criação de novos nexos em relação à aparência corporal e aos temas relacionados à cultura digital.

Ademais, as discussões sobre arte e educação possibilitaram a compreensão sobre a importância da arte nos processos de ensino-aprendizagem dos/as adolescentes, uma vez que pode aproximá-los dos conteúdos de diferentes disciplinas, principalmente, dos conteúdos mais abstratos, além de instigá-los/las a conhecer e analisar obras de arte, compreendendo como tais obras foram produzidas, seu contexto histórico-cultural, bem como tais obras podem inspirar as pessoas em suas vidas.

Dessa forma, espero que as discussões sobre arte e educação no presente trabalho possa estimular mais pesquisas sobre o tema e que possa contribuir com mais diálogos sobre as implicações da arte no âmbito educacional. Também espero que as discussões sobre as experiências estéticas possam contribuir para futuras pesquisas sobre as suas potencialidades em termos de atuação profissional por parte de psicólogos/as e educadores/as.

Por fim, acredito que a ciência psicológica deve investir em pesquisas sobre as relações sociais que ocorrem no complexo espaço virtual, visto que sentimentos, emoções e significados diversos são expressos no mundo virtual através de imagens, sons e textos. A realidade virtual é um espaço complexo em que ocorrem conflitos, encontros, processos de ensino-aprendizagem, relações comerciais, educacionais, afetivas, dentre outras.

Assim, faz-se necessário investir em pesquisas que se dediquem a compreender como tais relações estão se desenvolvendo no mundo virtual e como essas relações

interferem na identidade, na saúde física e mental dos indivíduos, bem como nas relações dos/das adolescente com a sua aparência corporal, primando sempre pela promoção do respeito e valorização da diversidade e dos direitos humanos.

Referências

- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Baudrillard, J. (2010). *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauman, Z. (2005). *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Branco, A. U. (2012). Values and socio-cultural practices: pathways to moral development. In J. Valsiner (Ed.), *The Oxford Handbook of culture and psychology* (pp. 749-766). New York, NY: Oxford University Press.
- Branco, A. U., & Valsiner, J. (2012). *Cultural psychology of human values*. Charlotte, NC: Information Age Publishing, INC.
- Branco, A. U., & Mettel, T. P. L. (1995). O processo de canalização cultural das interações criança-criança na pré-escola. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11(1), 13-22.
- Barbosa, A. M. (1998). *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte.
- Berger, J. (1980). *Modos de ver*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bock, A. M. B. (2007). A adolescência como construção social: Estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 11(1), 63-76.
- Boll, C. I. (2013). *Enunciação Estética Juvenil em Vídeos Escolares no YouTube* (Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70596/000876934.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

- Boris, G. D. J., & Cesídio, M. H (2007). Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 7(2), 451-478.
- Cardoso, M. R. G., Oliveira, G. S., Ghelli, K. G. M. (2021). Análise de Conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. *Cadernos da Fucamp*, 20(43), 98-111.
- Castells, M.(1999) *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Chaminé, M. H. A. (2017). *O ensino da História através das Artes*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade do Porto, Porto.
- Ciampa, A. C. (1984) Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento* (pp. 58-75). São Paulo: Brasiliense.
- Ciampa, A. da C. (2007). *A estória do Severino e a história de Severina*. São Paulo: Brasiliense.
- Citro, S. (2010). El multiculturalismo en los cuerpos y las paradojas de la desigualdad pós-colonial. *Boletín de Antropología*, 25(42), 102-128.
- Coelho, C. N. P. (Fevereiro, 2011). Mídia e poder na sociedade do espetáculo. *Revista Cult*. Recuperado de <https://revistacult.uol.com.br/home/midia-e-poder-na-sociedade-do-espetaculo/>
- Coelho, S. M. (2019). *Identidades de Gênero e Padrões Estéticos Hegemônicos na Perspectiva de Adolescentes do Gênero Feminino* (Dissertação de Mestrado não publicada). Centro Universitário de Brasília, Brasília
- Coube, R. J., Santos, F. L. dos, Pinho, L. C., & Monteiro, A. J. de J. (2013). O corpo como vetor semântico na educação física a partir de Le Breton. *Anais do XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e V Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Brasília*, 2175-5930.

- Dantas, J. B. (2011). Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. *Estudos e pesquisas em psicologia*, (11)3, 898–912.
- Del Priore, M. (2001). Apresentação. Em Mary Del Priore (Org.), *História das Mulheres no Brasil* (pp. 7-10). São Paulo: Editora Contexto/Editora UNESP.
- Dias, G. (20 de Outubro, 2020). Resenha – O Dilema das Redes. [Postagem de Blog] Recuperado de <https://gec.proec.ufabc.edu.br/ciencia-pop/resenha-o-dilema-das-redes/>
- Duarte Jr, J. F. (2019) *Por que arte-educação?* Campinas: Papyrus Editora
- Duarte, S. G., Martins, C. M. M. R., Bandeira, L. G., Carramillo, L. C., Gervásio, M. C., & Wanderley, M. D. (2018) Experiência interdisciplinar na educação básica e na formação de professores: artes, biologia e geociências. *Terrae Didatica*, 14(3), 245-255. Doi: <https://doi.org/10.20396/td.v14i3.8652424>
- Faria, P. M. F. de, Dias, M. S. de L., & Camargo, D. de. (2019). Arte e catarse para Vigotski em Psicologia da Arte. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(3), 152-165.
- Fajwaks, F. (2018). Corpo Conectado/ Corpo Falante. Em Nádia Laguárdia de Lima [et al.] (Org.) *Corpo e Cultura Digital – Diálogos Interdisciplinares*. (pp. 19-31) Belo Horizonte: Quixote + Do Editoras Associadas.
- Freitas, S. C. (2010). Cultura, Etnografia e Imagem no Ensino de Arte Visuais. *Anais do 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Arte Plásticas, Bahia*, 2175-8212.
- Frois, E., & Moreira, J, Stengel, M. (2011). Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. *Psicologia em estudo*, 16(1), 71-77.

- Galinkin, A. L., & Zauli, A. (2011). Identidade social e alteridade. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Orgs.), *Psicologia Social: principais temas e vertentes* (pp. 253-261). Porto Alegre: Artmed.
- Gama, M., & Zanello, V. (2019) Dispositivo amoroso e tecnologias de gênero: uma investigação sobre a música sertaneja brasileira e seus possíveis impactos na pedagogia afetiva do amar em mulheres. Em E. O. Silva, S. R. Oliveira, & V. Zanello (Orgs.), *Gênero, subjetivação e perspectivas feministas* (pp. 163-183). Brasília: Technopolitik.
- Giroux, H., & Maclaren, P. (1995) Por uma pedagogia crítica da representação. Em T. T. Silva & A. F. Moreira (Orgs.), *Territórios contestados o currículo e os novos mapas políticos e culturais* (pp. 144-158). Petropolis: Vozes.
- Glaveanu, V. P., & Neves-Pereira, M. S. (no prelo). Psicologia cultural da criatividade. Em M. S. Neves-Pereira & D. S. Fleith(Orgs.). *Teorias da criatividade*. Campinas: Editora Papyrus.
- Goffman, E. (1993). *Estigma: la identidad deteriorada* (5ª ed.). Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Goldenberg, M., & Ramos, M. S. (2002) A civilização das formas: o corpo como valor. Em M. Goldenberg (Org.), *Nu e Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca* (pp. 19-40). Rio de Janeiro: Record.
- Goellner, S. V. (2003). A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de Formação RBCE*, 1, 71-83.
- Gomes, N. L. (2002). Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, 21, 40-51.

- Gomes, R. (2016). Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. Em M. C. S. Minayo (Org), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 79-108). Petrópolis, RJ: Vozes.
- González, R. F. L. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Gusmão, N. M. M. (2003). Os desafios da diversidade na escola. Em N. M. M. Gusmão (Org.). *Diversidade, cultura e educação* (pp. 83-105). São Paulo: Biruta.
- Hall, S. (2011). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora.
- Holanda, J. M. G. B. (2020). *A construção das identidades masculinas: O olhar de Alunos do Ensino Médio* (Dissertação de Mestrado). Recuperado de <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/15187>
- Jacob, H. (2014). Redes sociais, mulheres e corpo: um estudo da linguagem fitness na rede social Instagram. *Revista Comunicare – Dossiê Feminismo*, 14(1), 88-105.
- Jesus, J; Carvalho,P; Diogo, R; Granjo, P. (2014). O que é racismo? Cadernos de Ciências Sociais. Lisboa: Escolar Editora.
- Johann, M. R. (2015) Arte e educação: perspectivas ético-estéticas. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd,37., 2015, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Anped, 2015. p. 1-16.
- Joly, M. (2012) *Introdução à análise da imagem*. (14ª. Ed). Campinas: Papirus.
- Knopp, C. G. (2008). A influência da mídia e da indústria da beleza na cultura de corpolatria e na moral da aparência na sociedade contemporânea. *Anais do IV Enecult - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador*. Recuperado de <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14415.pdf>

- Lacoste, J. (1986) *A filosofia da arte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Le Breton, D. (2007). *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lima, N. L. de, Stengel, M., Dias, V. C., & Nobre, M. R. (2018). *Corpo e Cultura Digital: Diálogos Interdisciplinares*. Belo Horizonte: Quixote + Do Editoras Associadas.
- Loponte, L. G. (2002). Sexualidades, artes visuais e poder: Pedagogias visuais do feminino. *Estudos Feministas*, 10(2), 283-300. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n2/14958.pdf>.
- Louro, G. L. (2000) Pedagogia da Sexualidade. Em G. L. Louro (Org.), *O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade* (pp. 07-34). Belo Horizonte: Autêntica.
- Maciel, A. M. (2013). A Importância da Imagem no Cenário da Contemporaneidade: uma Necessidade da Educação do Olhar. Educação e cultura visual na sociedade contemporânea. *Revista Temas em Educação*, 22(1), 95-109.
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2005). Construindo com o outro: uma perspectiva sociocultural construtivista do desenvolvimento humano. Em M. A. Dessen & A. L. Costa Júnior (Orgs.), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 90-109). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Madureira, A. F. A. (2007). *Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática*. (Tese de Doutorado). Recuperado de: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1610/1/Tese_AnaFlaviaAmaralMadureira.pdf
- Madureira, A.F.A. (2012). Belonging to gender: Social identities, symbolic boundaries and images. Em J. Valsiner. (Org.), *The Oxford Handbook of Culture and Psychology* (pp. 582-601). New York: Oxford University Press.

- Madureira, A. F. A. (2013). Psicologia Escolar na contemporaneidade: Construindo “ponte” entre a pesquisa e a intervenção. Em E. Tunes (Org.), *O fio tenso que une a Psicologia à Educação* (pp. 55-73). Brasília: UniCEUB.
- Madureira, A. F. A. (2016). Diálogos entre a Psicologia e as Artes Visuais: as imagens enquanto Artefatos Culturais. Em J. L. Freitas & E. P. Flores (Orgs.), *Artes e Psicologia: Fundamentos e Práticas* (pp. 57-82). Curitiba: Juruá.
- Madureira, A. F. A., & Barreto, A. L. C. S. (2018). Diversity, Social Identities, and Alterity: Deconstructing Prejudices in School. Em A. U. Branco & M. C. S. L. Oliveira (Eds.), *Alterity, Values, and Socialization: Human Development Within Educational Contexts* (pp. 167-190). Cham - Switzerland: Springer International Publishing.
- Madureira, A. F. A., & Branco, A. U. (2001). A pesquisa qualitativa em psicologia do desenvolvimento: questões epistemológicas e implicações metodológicas. *Temas em Psicologia*, 9(1), 63-75.
- Madureira, A. F. A., & Branco, A. U. (2012). As raízes histórico-culturais e afetivas do preconceito e a construção de uma cultura democrática na escola. Em A. U. Branco & M. C. S. L. Oliveira (Orgs.), *Diversidade e cultura da paz na escola: contribuições da perspectiva sociocultural* (pp. 125-155). Porto Alegre: Mediação.
- Manzini, E. J. (1990). Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. *Anais do Seminário Internacional Sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos, São Paulo, Bauru*, 85-98623-01-6. Recuperado de https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf

- Manzini, R., & Branco, A. U. (2017). *Bullying: escola e família enfrentando a questão*. Porto Alegre: Editora Mediação.
- Marques, P., & Castanho, M. I. S. (2011). O que é a escola a partir do sentido construído por alunos. *Psicologia Escolar e Educacional*, 15, 23-33. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n1/03.pdf>.
- Martins, C. A et al (2009). Cultura imagética e suas implicações na educação a distância. *Anais do 15º Congresso Internacional ABED de Educação a Distância, Fortaleza*. Recuperado de <http://www.abed.org.br/congresso2009/CD/trabalhos/2782009115724.pdf>
- Martins, L. C. (2013). Os fundamentos psicológicos da pedagogia histórico-crítica e os fundamentos pedagógicos da psicologia histórico-cultural. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, 5(2), 130-143.
- Melo, Z. M. (2000). Estigma: espaço para exclusão social. *Revista Symposium*, 4(especial), 18-22. Recuperado de www.unicamp.br/Arte/ler.php?art_cod=1486.
- Minayo, M. C. S. (2016). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Monteiro, R. P., Monteiro, T. M. C., Maciel, V. C., Msotti, F. N. de A., Freitas, I. M. de S., & Candido, J. (2020). Essa eu vou postar: Explorando as relações entre narcisismo, uso do Instagram e a moderação da autoestima. *Psicología. Conocimiento y Sociedad*, 10(2), 38-50.
- Montoro, F., & Bizerril, J. (2016) *Cirurgia Plástica e subjetividade feminina: um estudo interdisciplinar*. (Relatórios de Pesquisa Programa de Iniciação Científica UniCEUB). Recuperado de <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/pic/article/view/5418>

- Moreira, A. F., & Câmara, M. J. (2008). Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica. Em A. F. Moreira & V. M. Candau (Orgs.), *Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas* (pp. 38-66). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Mori, V. D., & Rey, F. L. G. (2011). Reflexões sobre o social e o individual na experiência do câncer. *Psicologia & Sociedade*, 23(especial), 99-108.
- Mota, M. E (2005). Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica. *Temas em Psicologia*, 13(2), 105-111.
- Moya Recalde, D. B. (2016). Prácticas de autorrepresentación fotográfica en Facebook, exhibición y construcción de una identidad digital del yo: adolescentes de 13 a 17 años de edad de Unidad Educativa Cristiana Kyryos, ciudad Quito (Master's thesis). Recuperado de <https://repositorio.uasb.edu.ec/handle/10644/5377>
- Napolitano, M. (2013). *Como usar o cinema na sala de aula*. (5ª ed.) São Paulo: Contexto.
- Novaes, J. V. (2006). Ser mulher, ser feia, ser excluída. (versão online). Acesso em 23 de novembro de 2019 Recuperado de <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0237.pdf>
- Novaes, J. V. (2013). *O Intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: EdPUC-Rio/ Garamond.
- Orlandi & Clein (2017, maio). *Alteridade e educação para a diversidade Arte e ciência em movimento na extensão universitária*. Trabalho apresentado no 10º Encontro Internacional de Formação de Professores, Aracajú, Sergipe.
- Paim, M. B. & Kovalski, D. F. (2020). Análise das diretrizes brasileiras de obesidade: patologização do corpo gordo, abordagem focada na perda de peso e gordofobia. *Saúde e Sociedade* 29(1). doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020190227>

- Panofsky, E. (2001) *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva.
- Peres, S. G., Naves, R. M., & Borges, F. T. (2018). Recursos simbólicos e imaginação no contexto da contação de histórias. *Psicologia Escolar e Educacional*, 22(1), 151-161,
- Pino, A. (2000). O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação e Sociedade*, 71, 45-78.
- Pires, M. J. (2010) *Bullying escolar: a corporeidade como fator de in/ exclusão socioeducacional*. (Dissertação de Mestrado em Educação nas Ciências)
Recuperado de
<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/311>
- Prensky, M. (2001). Digital Natives, Digital Immigrants- part 1. *Onthehorizon*, 9(5), 1-6 .
- Ramalho, N. A. (2012). Processos de globalização e problemas emergentes: implicações para o Serviço Social contemporâneo. *Serviço Social & Sociedade*, 110, 345-368.
- Ramos, W. M., & Boll, C M. I. (2019). A Cultura Digital e os Novos Contextos de Aprendizagem: Quem Sabe Como e Onde Eu Aprendo Sou Eu. Em D. S. Trindade, & D. Mill (Orgs.), *Educação e Humanidades Digitais - aprendizagens, tecnologias e cibercultura* (pp.51-69). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Read, H. (2001). *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes
- Ribeiro, V. M. M. (2016). *A Psicologia Clínica e a prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea*. (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação não publicado). Centro Universitário de Brasília, Brasília.
- Sabat, R. (2001). Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Estudos Feministas*, 9(1), 9-21.

- Santaella, L. (2012) *Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos.
- Scavone, L. (2010). Nosso Corpo nos pertence? Discursos Feministas do Corpo. *Gênero (Niterói)*, 2, 20-35.
- Sawaia, B. (2014). Identidade – uma ideologia separatista?. Em B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão* (pp. 121-128). Petrópolis: Vozes.
- Schindwein, L.M. (2010). Arte e desenvolvimento estético na escola. Em A. Pino, M. L. Schindwen, & A. Neitzel (Orgs.), *Cultura, escola e educação criadora: formação estética do ser humano*. Curitiba: Editora CRV.
- Scholte, J. (2000). *Globalization: a critical introduction*. Nova York: Palgrave.
- Shuare, M. (1990) *La psicología soviética tal como yo la veo* Moscou: Progreso.
- Severiano, M. F., Rêgo, M. O., & Montefusco, V. R. (2010). O corpo idealizado de consumo: paradoxo da hipermodernidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 10(1), 137-165.
- Sibilia, P. (2016). *O show do eu: A intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Silva, J.A (2019). Cultura e representatividade negra no mundo da cibercultura. *Grau Zero — Revista de Crítica Cultural*, 7(1), 93-110.
- Silva, M. C. (2004). Arte e educação: Na confluência das áreas, a formação do psicólogo escolar. *Pro-posições*, 15(2), 187-199.
- Silva, M. L. M. (2018). *Espelho, espelho meu: o culto ao corpo e a promoção de ideais de beleza no Instagram e os efeitos sobre a autoimagem corporal das mulheres*. (Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Comunicação Social)
Recuperado de <https://bdm.unb.br/handle/10483/22037>
- Silva, S. A (2015). *Representações Sociais sobre o negro, vinculadas na mídia escrita: Uma comparação entre anúncios publicitários veiculados em revistas e*

- catálogos nos anos de 1997, 1988 e 2008, 2014, 2015.* (Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná) Recuperado de <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/52331>
- Silva, S. M. do M. (2010). Calça quadrada, cabeça redonda? Desenho animado na educação. Em J. C. CARLOS (Org.), *Por uma pedagogia crítica da visualidade* (pp. 87 -102). João Pessoa: Editora Universitária UFPB.
- Silva, N. S. S., Silveira, M. F., Machado, I. C., Haikal, D. S. A.C., Silva, S. O., & Silva, R. R. V. (2018). Autoimagem e satisfação corporal em adolescentes escolares. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, *12*(75), 948-953.
- Silva, T. M. da, Teixeira, T. de O., & Freitas, S. M. P. de. (2015). Ciberespaço: uma nova configuração do ser no mundo. *Psicologia em Revista*, *21*(1), 176-196.
- Soares (2016). *O ensino da arte na escola brasileira: Fundamentos e Tendências.* (Dissertação de Mestrado) Recuperado de <https://repositorio.uniube.br/bitstream/123456789/1047/1/C%C3%89LIA%20A%20PARECIDA%20SOARES.pdf>
- Soares-Correia, M. J.C. (2015, outubro). *Corpo e beleza feminina: a construção e o consumo da imagem Midiática.* Trabalho apresentado no Congresso Internacional de Comunicação e Consumo e no 5º Encontro de GTs de Pós-graduação – Comunicon, São Paulo.
- Souza, V. L. T. de, Dugnani, L. A. C., & Reis, E. de C. G. dos. (2018). Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora. *Estudos de Psicologia*, *35*(4), 375-388.
- Strauss, A., & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para desenvolvimento da teoria fundamentada.* (2ª ed). Porto Alegre: Artmed.

- Tavares, V. S., & Melo, R. B. de. (2019). Possibilidades de aprendizagem formal e informal na era digital: o que pensam os jovens nativos digitais? *Psicologia Escolar e Educacional*, 23. doi: <https://doi.org/10.1590/2175-35392019013039>
- Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Porto Alegre: Artmed.
- Vieira, A. G. A. (2019) *Instagram: possíveis influências na construção dos padrões hegemônicos de beleza entre mulheres jovens*. (Trabalho de Conclusão de Curso não publicado) Centro Universitário de Brasília, Brasília.
- Vilarinho, L. R. G., & Ferreira, F. I. de O (2013). Redes sociais on-line: implicações na vida escolar de alunos do Ensino Médio. *Educação & Tecnologia*, 17(1), 82-93.
- Villaça, I. C. (2014). Arte-educação: a Arte como metodologia educativa. *Revista Cairu*, 3(4), 74-85.
- Vigotski, L. S. (1996). *Teoria e Método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes
- Vigotski, L. S. (1999). *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2000). Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, 21(71). doi: <http://doi.org/10.1590/s0101-73302000000200002>
- Zaduski, J., Lima, A., & Schlünzen Junior, K. (2019). Ecossistemas da aprendizagem na era digital: considerações sobre uma formação para professores na perspectiva da educação inclusiva. *Revista Diálogo Educacional*, 19(60), 269-287. doi:<http://dx.doi.org/10.7213/1981-416X.19.060.DS12>
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris.
- Zanetti, F. (2018). O encontro da arte com a educação: O papel do saber psicológico. *Educação em Revista*, 34, 255-276.
- Zittoun, T. (2016). Symbolic resources and sense-making in learning

and instruction. *European Journal of Psychology of Education*, 32, 1-20.

Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. Em

T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais* (pp.

7-72). Petrópolis-RJ: Vozes.

Wonsoski, W. (2015). O Conceito de Identidade em Antônio da Costa Ciampa, Zygmunt

Bauman e Stuart Hall. *Anais do Encontro Anual de Iniciação Científica, Maringá,*

Paraná, 2447-4118.

Anexos

Anexo A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (para os/as estudantes maiores de idade)

Título da pesquisa: Cultura Digital e Contexto Escolar: Os Impactos das Imagens nas Relações dos/as Adolescentes com a sua Aparência Corporal

**Instituição das pesquisadoras: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Pesquisadora responsável: Vannini de Medeiros Mendes Ribeiro
Orientadora: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira**

Você está sendo convidado(a) a participar de livre e espontânea vontade do projeto de pesquisa acima identificado. Antes de decidir se deseja participar, você deverá ler, integralmente, este documento que está em suas mãos, denominado **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** (TCLE). Após a leitura, caso haja alguma dúvida, faça as perguntas que forem necessárias à sua compreensão de todo o conteúdo. As pesquisadoras responsáveis responderão às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo). Decidindo-se por participar, você deverá assiná-lo, recebendo, em seguida, uma cópia deste.

Sua colaboração neste estudo será de suma importância, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará nenhum prejuízo.

Natureza e objetivos do estudo

O objetivo da pesquisa é: Compreender como as imagens presentes na cultura digital afetam as relações dos/as adolescentes com a sua aparência corporal, a partir da perspectiva de estudantes do ensino médio.

Você foi convidado/a participar exatamente por corresponder ao perfil de participante delimitado para essa pesquisa.

Procedimentos do estudo

Sua participação consiste em responder duas entrevistas virtuais sobre o tema focalizado na pesquisa, com a apresentação de um vídeo selecionado pela pesquisadora. A entrevista será realizada de modo virtual e será gravada em áudio, caso você autorize, a fim de facilitar o posterior trabalho de análise.

Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento seu neste estudo. A pesquisa será realizada através de uma plataforma presente no espaço virtual.

Riscos e benefícios

Este estudo possui baixos riscos que são inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas serão tomadas durante a entrevista e a apresentação de imagens para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o(a) participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais. Mesmo assim, caso você sinta algum tipo de constrangimento, você poderá interromper a entrevista ou se recusar a responder alguma pergunta.

Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir com a construção de uma compreensão mais aprofundada acerca do tema investigado.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

Sua participação é voluntária. Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato a pesquisadora responsável. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.

Esclarecemos que, conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo. Sua participação é voluntária e gratuita.

Confidencialidade

Seus dados serão manuseados somente pelas pesquisadoras e não será permitido o acesso a outras pessoas. O material com as suas informações (gravação em áudio da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade de Vannini de Medeiros Mendes Ribeiro, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e será destruído (apagado) após a pesquisa.

Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, a instituição a qual você pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone (61) 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Você também poderá entrar em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____
 RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este **Termo de Consentimento** encontra-se digitalizado em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida ao/à senhor(a).

Brasília-DF, _____ de _____ de 202__

Participante

Vannini de Medeiros Mendes Ribeiro
 Celular: (61) 98302-0505, E-mail: vannini.mribeiro@gmail.com.br

Ana Flávia do Amaral Madureira
Celular:(61)99658-7755, E-mail: ana.madureira@ceub.edu.br

Endereço das responsáveis pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907, Campus do UniCEUB,

Bairro: Asa Norte Cidade: Brasília – DF

CEP: 70790-075

Telefone p/contato: 61 3966-1200

Anexo B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (para os/as responsáveis legais dos/as estudantes menores de idade)

Título da pesquisa: Cultura Digital e Contexto Escolar: Os Impactos das Imagens nas Relações dos/as Adolescentes com a sua Aparência Corporal

**Instituição das pesquisadoras: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Pesquisadora responsável: Vannini de Medeiros Mendes Ribeiro
Orientadora: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira**

Seu filho(a) (ou outra pessoa por quem você é responsável) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. A colaboração dele(a) neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo. O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja que e ele(a) participe (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida permitir a participação, você será solicitado(a) a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo. Seu filho(a) (ou outra pessoa por quem você é responsável) também assinará um documento de participação, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

O objetivo da pesquisa é: Compreender como as imagens presentes na cultura digital afetam as relações dos/as adolescentes com a sua aparência corporal, a partir da perspectiva de estudantes do ensino médio.

Seu filho(a) (ou outra pessoa por quem você é responsável) está sendo convidado(a) a participar exatamente por corresponder ao perfil de participante delimitado para essa pesquisa.

Procedimentos do estudo

A participação do seu filho(a) (ou outra pessoa por quem você é responsável) consiste em responder a duas entrevistas individuais virtuais, com a apresentação de imagens previamente selecionadas pela pesquisadora. A entrevista será gravada em áudio, caso você autorize, a fim de facilitar o posterior trabalho de análise.

Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento seu neste estudo.

Riscos e benefícios

Este estudo possui baixos riscos que são inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas serão tomadas durante a entrevista e a apresentação de imagens para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há

respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o(a) participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.

Caso seu filho(a) (ou outra pessoa por quem você é responsável) sinta algum tipo de constrangimento, ele(a) poderá interromper a entrevista ou se recusar a responder alguma pergunta. Com a participação dele(a) nesta pesquisa, ele(a) poderá contribuir com a construção de uma compreensão mais aprofundada acerca do tema investigado.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

A participação é voluntária. A pessoa por quem você é responsável não terá nenhum prejuízo se você não quiser que ele(a) participe. Ele(a) poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.

Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela participação dele(a) neste estudo.

Confidencialidade

Os dados dele(a) serão manuseados somente pelas pesquisadoras e não será permitido o acesso a outras pessoas.

O material com as informações (gravação em áudio da entrevista) do seu filho(a) (ou outra pessoa por quem você é responsável) ficará guardado sob a responsabilidade de Vannini de Medeiros Mendes Ribeiro, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e será destruído (apagado) após a pesquisa.

Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar o nome dele(a), instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada a privacidade de quem você é responsável.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone (61) 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Você também poderá entrar em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____
 RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este **Termo de Consentimento** encontra-se digitalizado em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida ao/à senhor(a).

Brasília-DF, _____ de _____ de 2020

Responsável legal por _____

Vannini de Medeiros Mendes Ribeiro

Celular: (61) 98302-0505, E-mail: vannini.mribeiro@gmail.com

Ana Flávia do Amaral Madureira
Celular: (61)99658-7755, E-mail: ana.madureira@ceub.edu.br

Endereço das responsáveis pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907, Campus do UniCEUB,

Bairro: Asa Norte Cidade: Brasília – DF

CEP: 70790-075

Telefone p/contato: (61) 3966-1200

Anexo C

Termo de Assentimento (para os/as estudantes menores de idade)

Título da pesquisa: Cultura Digital e Contexto Escolar: Os Impactos das Imagens nas Relações dos/as Adolescentes com a sua Aparência Corporal

**Instituição das pesquisadoras: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Pesquisadora responsável: Vannini de Medeiros Mendes Ribeiro
Orientadora: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira**

Você sabe o que é assentimento? Significa que você concorda com algo. No caso desse documento, significa que concorda em participar dessa pesquisa.

Antes de decidir se quer ou não participar, é importante que entenda o estudo que está sendo feito e o que ele envolverá para você.

Apresentamos esta pesquisa aos seus pais ou responsáveis e eles sabem que também estamos pedindo sua concordância. Se você deseja participar, seus pais ou responsáveis também terão que concordar. Mas você é livre para fazer parte ou não desta pesquisa, mesmo se seus pais ou responsáveis concordarem. Não tenha pressa de decidir.

Também poderá conversar com seus pais, amigos ou qualquer um com quem se sinta à vontade para decidir se quer participar ou não, e não é preciso decidir imediatamente.

Pode haver algumas palavras que não entenda ou situações que você queira que eu explique mais detalhadamente, porque ficou mais interessado(a) ou preocupado(a). Nesse caso, por favor, peça mais explicações.

Natureza, objetivos e procedimentos do estudo

- O objetivo da pesquisa é: Compreender como as imagens presentes na cultura digital afetam as relações dos/as adolescentes com a sua aparência corporal, a partir da perspectiva de estudantes do ensino médio.
- Você vai participar de uma entrevista virtual, que envolverá a apresentação de algumas imagens relacionadas ao tema da pesquisa. Durante a entrevista, iremos gravar sua voz, com a sua concordância, porém a sua identidade pessoal não será divulgada. Somente eu e minha orientadora de pesquisa teremos acesso a essa gravação.
- Você não fará nada além do que estamos explicando neste documento.
- A entrevista será realizada em uma plataforma do ambiente virtual.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação poderá ajudar na construção de uma compreensão mais aprofundada sobre o tema abordado nesta pesquisa.
- Sua participação é voluntária, ou seja, você só participará se quiser e, de acordo com as leis brasileiras, não receberá dinheiro nem presentes pela sua participação neste estudo. Ninguém vai cobrar dinheiro de você ou de seus pai ou responsáveis, ou vai multá-lo(a) mal se não quiser participar.
- Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento, bastando para isso falar comigo, que sou a pesquisadora responsável.
- Conforme as normas brasileiras sobre pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá dinheiro nem presentes pela sua participação

neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados ficarão somente com as pesquisadoras e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação da entrevista) ficará guardado sob a minha responsabilidade (Vannini de Medeiros Mendes Ribeiro), com a garantia de que ninguém vai falar de você para outras pessoas que não façam parte desta pesquisa e será destruído (apagado) ao final dessa pesquisa.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Caso ocorram danos causados pela pesquisa, todos os seus direitos serão respeitados de acordo com as leis do país. Os resultados estarão à sua disposição quando a pesquisa for finalizada.

Se quiser falar algo ou tirar dúvida sobre como será/está sendo tratado na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também envie um e-mail ou ligue para informar se algo estiver errado durante a sua participação no estudo.

Este **Termo Assentimento** encontra-se digitalizado em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra ficará com você.

Assentimento

Eu, _____, _____,
(se já tiver o documento), fui esclarecido(a) sobre a presente pesquisa, de maneira clara e detalhada. Fui informado(a) que posso solicitar novas informações a qualquer momento e que tenho liberdade de abandonar a pesquisa quando quiser, sem nenhum prejuízo para mim. Tendo o consentimento do meu(minha) responsável já assinado, eu concordo em participar dessa pesquisa. As pesquisadoras deram-me a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Participante

Vannini de Medeiros Mendes Ribeiro

Celular: (61)983-020505, E-mail: vannini.mribeiro@gmail.com

Ana Flávia do Amaral Madureira

Celular: (61)99658-7755, E-mail: ana.madureira@ceub.edu.br

Endereço das responsáveis pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907, Campus do UniCEUB,

Bairro: Asa Norte Cidade: Brasília – DF

CEP: 70790-075

Telefone p/contato: (61) 3966-1200

Anexo D
Roteiro de Entrevista e um vídeo selecionado
(1º encontro e 2º encontro)

1º encontro:

Dados Sociodemográficos

1. Idade:
2. Ano escolar:
3. Gênero:
4. Pertencimento étnico-racial:

Roteiro de entrevista

- 1 – Atualmente, quais são seus hobbies?
- 2 – Existe algum filme ou série, que você gostou ou gosta muito? (Se sim, qual? Por quê?)
- 3- Quanto tempo do seu dia você passa utilizando as redes sociais e as demais plataformas do mundo digital?
- 4 – Dentre os meios de comunicação virtuais como youtube, blogs, instagram, Pinterest, podcast, Tik Tok, facebook, twitter, qual (quais) você mais gosta? Por quê?
- 5- Qual ou quais conteúdos você prefere acessar através dos meios de comunicação virtuais? Por quê?
- 6 – Você utiliza os meios de comunicação virtuais para aprender conteúdos escolares, ou não? Por quê? (Se sim, quais você utiliza?)

- 7** -Você acredita que esses meios de comunicação virtuais que você mencionou podem ser ferramentas educacionais utilizadas na sua escola, ou não? Por quê? (Se sim, como?)
- 8** – O que você percebe em relação aos padrões de beleza disseminados na cultura digital?
- 9** – Como os grupos que você convive no seu cotidiano lidam com a aparência física?
- 10** – O que significa ser bonita para você? (O que significa ser bonito para você?)
- 11** – Existe alguma celebridade (blogueira/o, youtuber, cantor/a, apresentador/a e atriz/ator) que te inspira pelo jeito de ser, pensar, agir, vestir e se comportar? (Se sim, qual ou quais?) Por quê?
- 12** – Você está satisfeita/o com seu corpo, ou não? Por quê?
- 13** – Para você, existe um padrão de corpo ideal, ou não? Por quê? (Se sim, você faria algo para corresponder a este padrão, ou não? Se sim, o que faria?)
- 14** – Suas/seus amigas/os opinam sobre sua forma de se vestir, de se comportar e/ou se você deveria mudar alguma coisa na sua aparência, ou não? (Se sim, o que elas/eles dizem?)
- 15** - Você percebe alguma expectativa por parte da sua família sobre o seu corpo, ou não? (Se sim, como você lida com essa expectativa?)
- 16** -. Você já viu ou soube de alguém na escola em que você estuda que sofreu bullying por conta da aparência física, ou não? (Se sim, como foi essa situação? Como você se sentiu? O que você acha disso?)
- 17**- Você gostaria de acrescentar algo?

Para o próximo encontro:

- Pedir para o/a participante criar uma representação visual estática ou em movimento (como, por exemplo, desenho, pintura, fotografia, colagem, ou vídeos curtos) sobre:
(a) o seu cotidiano escolar; (b) os seus sentimentos acerca da cultura digital; e (c) os seus sonhos para o futuro.

2º encontro

- Discutir questões em relação às representações visuais estáticas ou em movimento (como, por exemplo, desenho, pintura, fotografia, colagem, ou vídeos curtos) criadas pelo/a participante, a partir das seguintes perguntas norteadoras:
 - Como foi para você criar essas imagens?
 - Você gostou de realizar a atividade, ou não? Por quê?
 - O que você sentiu ao criar algo sobre os seus sonhos para o futuro?
 - O que você sentiu ao criar algo sobre o seu cotidiano escolar?
 - O que você sentiu ao criar algo sobre a cultura digital?
 - Na sua opinião, como a cultura digital pode estar mais presente nas atividades cotidianas na escola?
 - Na sua opinião, a arte pode favorecer os processos de ensino aprendizagem? Por quê? Se sim, quais as suas sugestões para incorporar a arte no cotidiano da escola?

- Apresentar o vídeo sobre estereótipos produzidos pela Coca – Cola:

<https://www.youtube.com/watch?v=cMiCTfqSb4s>

Em seguida, realizar as seguintes perguntas norteadoras:

- O que você sentiu ao ver o vídeo?
- O que mais chamou a sua atenção? Por quê?
- Você gostaria de acrescentar algo?

Anexo E

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 4.464.107

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

No que tange aos riscos, "a pesquisa apresenta baixos riscos. Tais riscos são inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas durante a entrevista virtual serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será apresentada a orientação de que não existem respostas certas ou respostas erradas e que é esperado que o/a participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais. Mesmo assim, caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento aos/as participantes, os/as mesmos/as não precisam realizá-lo."

Com efeito, trata-se de uma pesquisa com risco mínimo na medida em que implica a realização das entrevistas individuais semiestruturadas virtuais, particularmente, serão realizadas duas entrevistas com cada participante, de forma integrada à apresentação de um vídeo e a confecção de imagens como, por exemplo, fotografias, desenhos, vídeos etc.

Registra-se que, de acordo com a Resolução nº 466/12, risco consiste na "possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente". Ainda, conforme o item III.1 da Resolução citada, na avaliação ética dos riscos deve haver a ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos. Na presente pesquisa, verifica-se que não há a probabilidade de que a pesquisa ocasione aos participantes danos maiores do que os existentes na vida cotidiana.

Com relação aos benefícios, o pesquisador informa "Ao participar da pesquisa, os/as participantes colaborarão com o desenvolvimento de uma compreensão mais aprofundada sobre o tema focalizado na pesquisa".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa proposta apresenta relevância social e acadêmica.

A pesquisa apresenta cronograma e orçamentos adequados do ponto de vista ético.

O currículo do pesquisador responsável está em consonância com a pesquisa a ser executada.

O instrumento que será aplicado aos participantes revela-se adequado, trata-se de entrevistas sobre aspectos pessoais concernentes à vida dos participantes, mas que se revelam razoáveis do ponto de vista da penetração da esfera de privacidade dos indivíduos em face da busca pela produção de conhecimento científico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A Folha de Rosto não se encontra preenchida, contudo, houve a apresentação de mensagem eletrônica da qual consta a autorização para a realização da presente pesquisa.

A Resolução nº CNS 466/12, especificamente com seu IV.3, estabelece o Termo de Consentimento

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco E, sala E.205, 2º andar
 Bairro: Setor Universitário CEP: 70.790-075
 UF: DF Município: BRASÍLIA
 Telefone: (61)3086-1511 E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB**



Continuação do Parecer: 4.464.167

Livre e Esclarecido. Consoante tal dispositivo, o Termo ora apresenta se encontra adequado.

Recomendações:

Recomenda-se que o pesquisador observe o disposto no art. 28 da Resolução nº 510/16, quando à sua responsabilidade, que é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

I - apresentar o protocolo devidamente Instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e graduação de risco;

II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;

III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento;

IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; e

V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção.

Observação: Ao final da pesquisa enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A presente pesquisa se encontra apta ser iniciada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado, com parecer n. 4.462.021/20, tendo sido homologado na 21ª Reunião Ordinária do CEP-UnICEUB do ano em 4 de dezembro de 2020.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|----------------|-------------------------|------------------------|-----------------------------------|----------|
| Outros | FolhadeRostoVannini.pdf | 19/11/2020 15:33:26 | Marília de Queiroz Dias Jacome | Acerto |

Endereço: SEPN 707/607 - Bloco B, sala B.205, 2º andar
 Bairro: Setor Universitário CEP: 70.790-075
 UF: DF Município: BRASÍLIA
 Telefone: (61)3066-1511 E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 4.464.107

Livre e Esclarecido. Consoante tal dispositivo, o Termo ora apresenta se encontra adequado.

Recomendações:

Recomenda-se que o pesquisador observe o disposto no art. 28 da Resolução nº 510/16, quando à sua responsabilidade, que é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco;

II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;

III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento;

IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; e

V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção.

Observação: Ao final da pesquisa enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A presente pesquisa se encontra apta ser iniciada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado, com parecer n. 4.462.021/20, tendo sido homologado na 21ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB do ano em 4 de dezembro de 2020.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|----------------|-------------------------|------------------------|-----------------------------------|----------|
| Outros | FolhadeRostoVannini.pdf | 19/11/2020 15:33:26 | Marília de Queiroz Dias Jacome | Aceito |

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco B, sala B.205, 2º andar
 Bairro: Setor Universitário CEP: 70.790-075
 UF: DF Município: BRASÍLIA
 Telefone: (61)3066-1511 E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB**



Continuação do Parecer: 4.464.167

| | | | | |
|---|---|------------------------|---------------------------------------|--------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1664489.pdf | 15/11/2020 17:43:27 | | Aceito |
| Cronograma | CronogramaVannini.pdf | 15/11/2020 17:22:55 | Vannini De Medeiros Mendes Ribeiro | Aceito |
| Folha de Rosto | Folhad Rosto_Vannini_platBR.pdf | 15/11/2020 17:12:38 | Vannini De Medeiros Mendes Ribeiro | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TermodeAssentimento.pdf | 15/11/2020 16:55:00 | Vannini De Medeiros Mendes Ribeiro | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_responsaveislegais.pdf | 15/11/2020 16:53:01 | Vannini De Medeiros Mendes Ribeiro | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_Maiordesidade.pdf | 15/11/2020 16:48:19 | Vannini De Medeiros Mendes Ribeiro | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | ProjetodePesquisadeMestradoVannini/pl ataformaBR.pdf | 15/11/2020 16:42:23 | Vannini De Medeiros Mendes Ribeiro | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASÍLIA, 15 de Dezembro de 2020

Assinado por:

Marília de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador(a))

Endereço: SEPN 707607 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
 Bairro: Setor Universitário CEP: 70.790-075
 UF: DF Município: BRASÍLIA
 Telefone: (61)3068-1511 E-mail: cep.uniceub@uniceub.br